



Ministério da  
Agricultura,  
do Desenvolvimento  
Rural e das Pescas

GPP  
Gabinete de Planeamento  
e Políticas

# CARNE

## DIAGNÓSTICO SECTORIAL



2007

DOCUMENTO ELABORADO PELO GABINETE DE PLANEAMENTO E POLÍTICAS

## Í n d i c e   G e r a l

1. Análise global.....	8
1.1. Carne de bovino.....	11
1.2. Carne de ovino e caprino .....	21
1.3. Carne de suíno .....	30
1.4. Avicultura .....	36
1.4.1. Carne de aves.....	36
1.4.2. Ovos.....	41
1.5. Custos intermédios.....	44
1.6. Indústria de abate e transformação.....	51
1.7. Comércio internacional .....	55
2. Regimes de apoio e regulação .....	58
2.1. Regimes de qualidade e diferenciação regulada .....	61
3. Situação internacional – Análise global.....	62
3.1. União Europeia .....	62
3.2. Situação mundial .....	64
4. Pecuária e ambiente – abordagem sumária.....	68
5. Raças autóctones .....	72
6. Bem-estar animal .....	78
7. Avaliação sumária global .....	81
7.1. Pontos Fracos/Ameaças .....	82
7.2. Pontos Fortes/Oportunidades.....	83
Anexo.....	85

## Í n d i c e d e Q u a d r o s

Quadro 1 - Balanços de aprovisionamento da carne de bovino.....	17
Quadro 2 - Agrupamentos de Produtores - Carne de bovino (2000).....	20
Quadro 3 - Agrupamentos de Produtores - Carne de bovino (2005).....	21
Quadro 4- Balanços de aprovisionamento da carne de ovino e caprino.....	27
Quadro 5- Agrupamentos de Produtores - Carne de ovino e caprino (2000).....	29
Quadro 6- Agrupamentos de Produtores - Carne de ovino e caprino (situação actual).....	29
Quadro 7- Balanços de aprovisionamento da carne de suíno.....	33
Quadro 8- Efectivo avícola, total anual, 1993-2005.....	37
Quadro 9- Produção de carne de aves, total anual, 1993-2005.....	38
Quadro 10- Balanços de aprovisionamento da carne de aves.....	39
Quadro 11- Produção industrial de ovos total anual 1993-2005.....	41
Quadro 12- Efectivo avícola alocado - total anual.....	42
Quadro 13- Comércio internacional de carne e animais vivos (1 000 euros) .....	57
Quadro 14- Repartição das despesas FEOGA-Garantia relativas a medidas de regulação de mercado e ajudas directas em Portugal a título do orçamento 2005 (milhões de euros) .....	60
Quadro 15- Repartição das quantidades de carne comercializada através de regimes de diferenciação e de qualidade certificada.....	62
Quadro 16- Raças autóctones por espécies .....	72
Quadro 17- Fêmeas de raças autóctones inscritas em Livro Genealógico / Registo Zootécnico.....	73
Quadro 18- Sistemas de protecção associados a raças autóctones - Carnes e produtos de salsicharia .....	75
Quadro 19- Sistemas de protecção associados a raças autóctones - Queijo e requeijão.....	76
Quadro A 1 – Efectivo Bovino Total por classe de dimensão 1993-2005 .....	i
Quadro A 2 – Efectivo Vacas Aleitantes por classe de dimensão 1993-2005.....	i
Quadro A 3 – Efectivo ovino por classe de dimensão 1993-2005 .....	ii
Quadro A 4– Efectivo caprino por classe de dimensão 1993-2005 .....	ii
Quadro A 5 – Efectivo suíno por classe de dimensão 1993-2005 .....	ii
Quadro A 6 - Comércio Internacional - Bovinos.....	viii
Quadro A 7 - Comércio Internacional - Ovinos e caprinos.....	viii
Quadro A 8 - Comércio Internacional - Suínos .....	ix
Quadro A 9 - Comércio Internacional - Aves .....	x
Quadro A 10 - Apoio Directo e ao Investimento no sector animal - produção e transformação 2000-2005 .....	xi

## Í n d i c e d e G r á f i c o s

Gráfico 1 - Grau de auto-aprovisionamento .....	10
Gráfico 2 - Distribuição do consumo <i>per capita</i> .....	11
Gráfico 3 - Evolução das explorações de bovinos.....	13
Gráfico 4 - Evolução do total de vacas .....	13
Gráfico 5 - Bovinos: explorações e animais por classe de efectivo .....	16
Gráfico 6 - Vacas aleitantes: explorações e animais por classe de efectivo .....	17
Gráfico 7 - Auto-aprovisionamento de carne de bovino .....	18
Gráfico 8 - Cotações médias à produção - Bovinos machos 12 a 18 meses .....	19
Gráfico 9 - Ovinos: explorações e animais por classe de efectivo.....	24
Gráfico 10 - Caprinos: explorações e animais por classe de efectivo .....	26
Gráfico 11 - Auto-aprovisionamento de carne de ovino e caprino .....	27
Gráfico 12 - Cotações médias à produção - Ovinos .....	28
Gráfico 13 - Suínos: explorações e animais por classe de efectivo .....	32
Gráfico 14 - Auto-aprovisionamento de carne de suíno .....	33
Gráfico 15 - Cotações médias à produção - Suínos .....	34
Gráfico 16 - Auto-aprovisionamento de carne de aves .....	39
Gráfico 17 - Cotações médias no grossista - Carne de aves .....	40
Gráfico 18 - Cotações médias no grossista - Ovos .....	43
Gráfico 19 - Custos intermédios na agricultura 2003-2005 .....	44
Gráfico 20 - Custos intermédios na agricultura 2005 .....	45
Gráfico 21 - Peso da indústria do sector das carnes.....	51
Gráfico 22 - Empresas de fabricação de produtos à base de carne.....	52
Gráfico 23 - Indústria de abate, preparação e conservação de carne e produtos à base de carne - Evolução do valor das vendas por destinos .....	54
Gráfico 24 - Fabrico de produtos à base de carne - Evolução das vendas por destinos .....	54
Gráfico 25 - Abate de aves e coelhos - Evolução do valor das vendas por destinos .....	55
Gráfico 26 - Abate de gado (produção de carne) - Evolução do valor das vendas por destinos .....	55
Gráfico 27 - Comércio internacional de carne e animais vivos 2000-2005 - Distribuição de valor por sector pecuário .....	56
Gráfico 28 - Comércio internacional de carne.....	58
Gráfico 29 - Consumo <i>per capita</i> (UE25) em Kg equivalente carcaça/habitante.....	64
Gráfico 30 - Crescimento mundial do consumo total de carnes <i>per capita</i> .....	64
Gráfico 31 - Carne de bovino – Comércio mundial .....	65
Gráfico 32 - Carne de suíno – Comércio mundial.....	66
Gráfico 33 - Carne de aves – Comércio mundial.....	67

## **Í n d i c e d e M a p a s**

Mapa 1 - Vacas Aleitantes - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta Total (sem ajudas) .....	14
Mapa 2 - Bovinos de engorda - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas) .....	15
Mapa 3 - Carne de ovino - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas) .....	22
Mapa 4 - Carne caprino - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas) .....	25
Mapa 5 - Suínos - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas) .....	31
Mapas 6 - Número e localização das empresas de transformação .....	53
Mapa 7 - Variação percentual do número de animais inscritos na ajuda às vacas aleitantes	61
Mapa 8 - Variação do número de animais inscritos no prémio às vacas aleitantes 2000-2005.....	61

## **Í n d i c e d e F i g u r a s**

Figura A 1 - Estrutura de produção – Sector carne de bovino.....	iii
Figura A 2 - Fileira da carne de bovino.....	iv
Figura A 3 - Fileira da carne de porco .....	v
Figura A 4 - Fileira de ovos.....	vi
Figura A 5 - Fileira da carne de aves de capoeira .....	vii

O presente diagnóstico analisa o sector da carne de forma agregada, através dos principais indicadores económicos e estruturais, incluindo-se uma avaliação detalhada dos respectivos sub-sectores (incluindo o sector dos ovos).

Destacam-se, ainda, algumas matérias de natureza horizontal com importância para o sector (ambiente, comércio internacional), e no final, apontam-se as oportunidades e as ameaças que condicionarão o desempenho futuro destas fileiras da produção animal nacional.

## **1. Análise global<sup>1</sup>**

### *a) Produção*

O sector da produção animal em Portugal representou, no período 2003-2005, em média anual, 2 627 milhões de euros, o que corresponde a 37,3% do valor da produção do ramo agrícola para a média do triénio.

No seio do sector animal, reportando ao ano 2005, é a produção de leite que possui maior peso (28,1%) sendo que o sector da carne registou um valor de 1 883 milhões de euros repartidos pelos sub-sectores da carne de bovino (25% da produção animal), da carne de suíno (20.7%), da carne de aves (12.5%) e, por último, os restantes sub-sectores, que incluem carne de ovino e caprino, coelhos e equídeos, representando em conjunto, apenas, 10% da produção animal nacional.

Convém destacar, como tendência de evolução recente, o crescimento da representatividade da produção animal face à produção vegetal. No triénio assinalado, a taxa de crescimento da produção animal foi de 11.5% (atingido 2 754 Milhões de euros em 2005) em comparação com os -15.4% da produção vegetal (com 3 663 Milhões de euros em 2005), levando a uma quebra da evolução da produção do ramo agricultura de quase 5% e a uma maior representatividade do sector animal (de 34.8% em 2003 para 40.8% em 2005).

Nesta evolução recente da produção animal, aponta-se para crescimentos generalizados em quase todos os sub-sectores com particular evidência na carne de bovino (+35,6%) e na carne de suíno (+15%).

Esta evolução positiva está assente num acréscimo significativo das quantidades produzidas nos sub-sectores da carne de bovino e de aves e de uma situação favorável dos preços no caso do sector da carne de suíno.

Da observação de séries estatísticas longas no que se refere aos dados estruturais (potencial produtivo) verifica-se uma tendência generalizada, nos vários sub-sectores da carne, de redução do tipo de explorações assentes em regimes de auto-consumo e/ou consumo local a par do progressivo robustecimento das classes de dimensão superior. À excepção do sector da caprinicultura, que tem vindo a observar uma regressão generalizada, nos restantes sectores, embora com desempenhos diversos, verifica-se a consolidação de uma assimetria entre o número de explorações e a detenção do efectivo, ou seja as explorações grandes concentram progressivamente o potencial produtivo.

---

<sup>1</sup> Valores apresentados retirados ou calculados a partir de Estatísticas Agrícolas 2005, INE.

### b) Transformação

No sector da transformação é reproduzida esta evolução quer na carne de bovino, quer na de aves, verificando-se um aumento de abates (10.8% nos bovinos e 8.% nas aves) e da quantidade de carne produzida (+12.5% bovino e +8.1% de aves). No caso das carnes de suíno e ovino regista-se uma ligeira quebra nos abates (-1.8% nos suínos e -1% nos ovinos) e na produção de carne (-0.5% nos suínos e -2% nos ovinos), enquanto que no sub-sector da caprinicultura regista-se uma quebra acentuada (-17.5% nos abates e -24% na carne produzida).

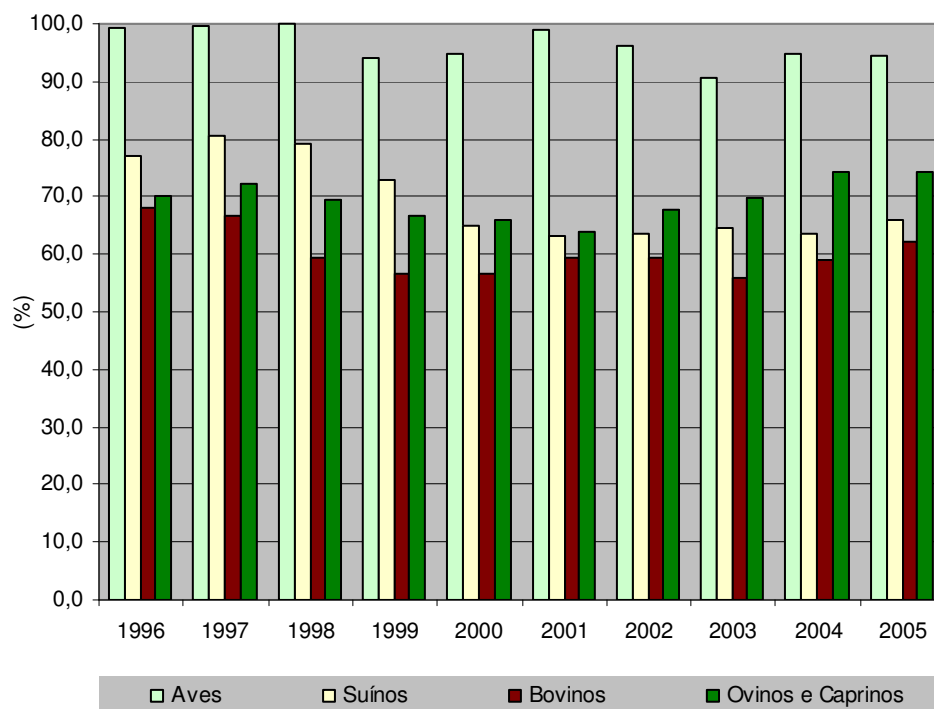
A CAE 151 - *Abate de Animais, preparação e conservação de carne e produtos à base de carne* registou no triénio 2002 a 2004 um valor de vendas médio anual de 1 416.4 milhões de euros, o que representa cerca de 15% das *Indústrias Alimentares e das Bebidas*. O sector do abate e transformação de carne constitui o terceiro sector agro-industrial, atrás da Indústria das Bebidas (aproximadamente 22%) e da *Fabricação de outros produtos alimentares - bolachas, panificação, açúcar...* (com cerca de 19%). Contudo, caso se considere na fileira da produção de carne a fabricação de alimentos para animais, acresce um volume de negócios de 985,3 milhões de euros (correspondente a 10,3% da Indústria Alimentar e das Bebidas).

### c) Comercialização

O crescimento de algumas produções, nos anos mais recentes, não é suficiente para acompanhar o crescimento do consumo nacional de produtos cárnicos, pelo que a dependência da oferta externa é uma característica que se acentua nesta fileira. Com efeito, o grau de auto-provisionamento total médio entre 2003 e 2005, cifrou-se em cerca de 74%. À excepção da carne de aves, em que este indicador se situa perto da auto-suficiência (cerca de 94%), nas restantes carnes o mesmo parâmetro apresenta valores reduzidos, com particular destaque para a carne de bovino com um valor médio nos anos 2003 a 2005 de cerca de 59%.

Face ao grau de auto-provisionamento registado, o saldo da balança comercial é, no geral, acentuadamente negativo (cerca de 476 Meuros em 2005). A pressão da oferta externa faz-se sentir em todo o sector da carne com muita intensidade, com os principais fornecedores a pertencerem à UE, os quais asseguram 94,5% do volume importado. No entanto, nos últimos anos tem vindo a aumentar o volume de importações de países terceiros, em particular do Brasil, que duplicou o seu peso relativo de 2000 a 2005, passando de 1.5% para 3.1%.

Gráfico 1 - Grau de auto-provisionamento

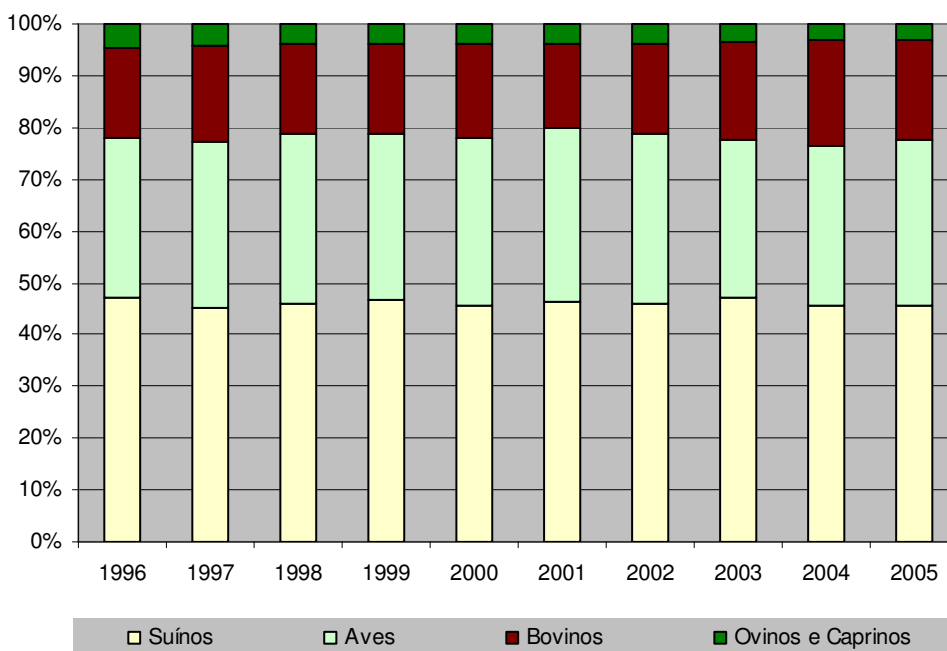


Fonte: INE

#### d) Consumo

A capitação total de carne em Portugal cifra-se em 100.5 kg/habitante/ano. Destacando-se as produções mais intensivas, caso da carne de porco (42.5%) e da carne de aves (27.7%), como as mais consumidas, em terceiro lugar surge a carne de Bovino (17.1%), a qual tem vindo a recuperar quota de mercado, após a crise da BSE, com um crescimento de aproximadamente 20% no período 2001-2005, atingindo neste último ano um nível superior em 4% ao registado em 2000. A capitação do consumo de carne de ovino e de caprino cifra-se em 2.9 kg/habitante/ano, sendo de assinalar um decréscimo continuado nos últimos anos (-17% entre 2001 e 2005);

Os preços unitários ao consumidor, dos vários tipos de carne indicam valores significativamente mais reduzidos no caso da carne de aves (2.57 euro/kg - frango s/miúdos- 3.17 euro/kg - perna de peru) e de suíno (4.5 euro/kg -costeletas- 5 euro/kg - carne limpa), quando comparados com as espécies ruminantes, caso do borrego (11.65 euro/ kg -costeletas- 6.43 euro/kg -perna) e da carne de bovino (5.94 euro/kg -carne de 2ª- e 8.39 euro/kg -carne de 1ª). O diferencial é superior nos cortes de maior qualidade (bifes e lombo). O factor preço apresenta-se como o factor mais determinante do perfil de consumo atrás indicado.

**Gráfico 2 - Consumo *per capita* segundo o tipo de carne**

Fonte: INE

Em termos de organização e situação da fileira, a realidade dos sub-sectores que compõem a produção de carne em Portugal, é muito diferente. Importa assim distingui-los e proceder a uma caracterização específica.

### **1.1. Carne de bovino**

#### *a) Produção*

O sub-sector da produção de carne de bovino em Portugal representa 25.0% do valor da produção animal, com uma média anual de 598 Meuros no período 2003-2005, o que constituiu cerca de 10.2% do total nacional de produção agrícola nesse período. Neste triénio, o sector da carne de bovino registou um acréscimo de 35.6%, invertendo uma longa série de depreciação contínua que se vinha a observar.

As crises sanitárias (BSE), no final dos anos 1990 e início de 2000, conduziram a uma quebra significativa no consumo e a uma redução da oferta devido às medidas tomadas para regular o mercado, nomeadamente abate precoce de vitelos e mais tarde abate de animais com mais de trinta meses. A produção não voltaria a atingir os níveis verificados anteriormente.

O recente aumento da produção deve-se, essencialmente, a um crescimento significativo do efectivo reprodutor aleitante em consequência das sucessivas reformas da PAC, que

associadas a uma situação de mercado favorável, vêm desde o ano 2000 incentivando fortemente este sub-sector da produção bovina.

O valor total de produção em 2005 situou-se em 118 000 toneladas, o que significou um acréscimo de 24,5% face ao ano de 1996. O maior contributo para a produção é o abate de novilhos (51% em volume e 40% em número de cabeças), seguido dos vitelos com 21% do volume total de abate e 34% em número de animais.

*b) Sistema de produção – dados estruturais*

No que respeita à caracterização do sector, a actividade pecuária assenta fundamentalmente em duas fases distintas, que em Portugal ocorrem maioritariamente em explorações especializadas em cada uma dessas finalidades, ainda que complementares:

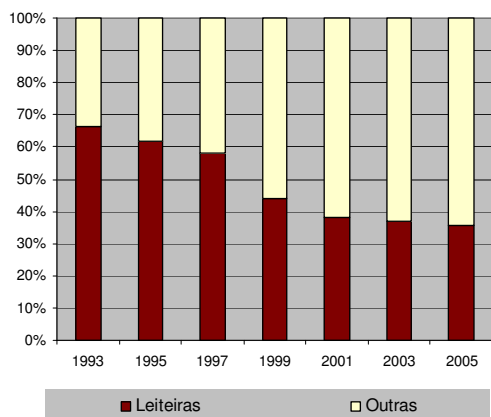
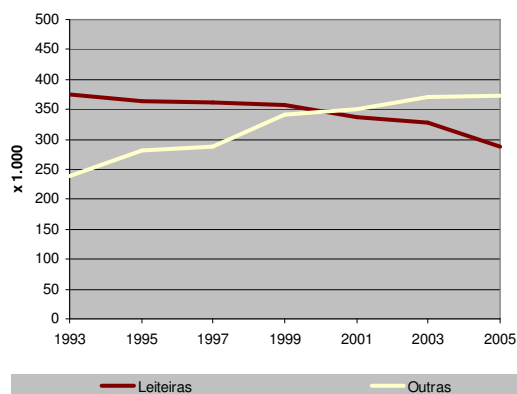
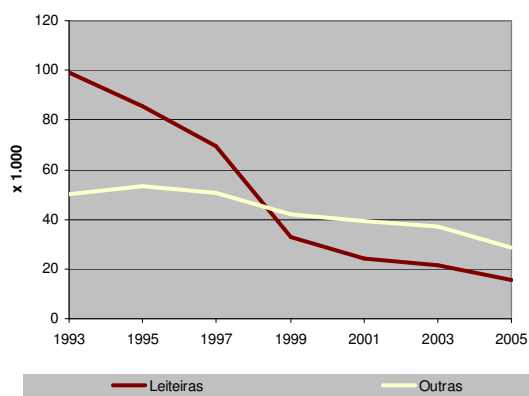
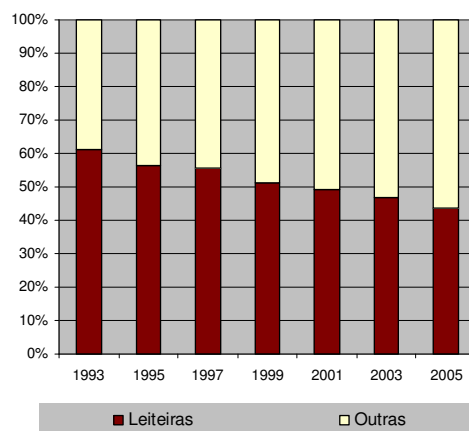
- Explorações de produção de vitelos: constituídas por vacas reprodutoras (aleitantes ou leiteiras) e respectivo efectivo de substituição, e vitelos em desmame;
- Explorações de recia e engorda: constituídas por novilhos e novilhas não reprodutores, destinados a recia e acabamento até ao envio para abate.

A produção de vitelos é efectuada nos dois tipos de explorações atrás referidas. Por um lado, as de produção leiteira, nas quais os vitelos não são o produto principal, mas representam uma parte do rendimento global da exploração, e por outro, as explorações que têm como finalidade principal a produção de vitelos, geralmente designadas por explorações de vacas aleitantes.

Nos últimos anos tem vindo a assistir-se a um aumento do peso das explorações especializadas na produção de vitelos (aleitantes) por redução do efectivo leiteiro, devido a ganhos de eficácia produtiva do efectivo deste sector, que levaram a uma diminuição nas vacas necessárias para assegurar os níveis de produção, e consequentemente, uma diminuição do número de vitelos produzidos.

O efectivo aleitante representava em 2005 cerca de 30% do total de bovinos nacional, com 402 000 animais em cerca de 33 000 explorações de Portugal Continental, de acordo com dados do INE. Em 2005, verificou-se um acréscimo destes animais, de cerca de 8.3%.

Este efectivo encontra-se maioritariamente na região do Alentejo (72%), em consequência de uma tendência de concentração deste tipo de explorações nesta região, em sistemas de exploração extensivos e com um efectivo médio superior a 50 animais.

**Gráfico 3 - Evolução das explorações com bovinos****Gráfico 4 - Evolução do total de vacas**

Fonte: INE

O efectivo de recria e engorda, incluindo vitelos para abate, representa também cerca de 30% do efectivo bovino nacional, num total de 340 000 animais localizados em 22 000 explorações, situadas predominantemente no Entre Douro e Minho (33%), Ribatejo e Oeste (23%) e Alentejo (25%).

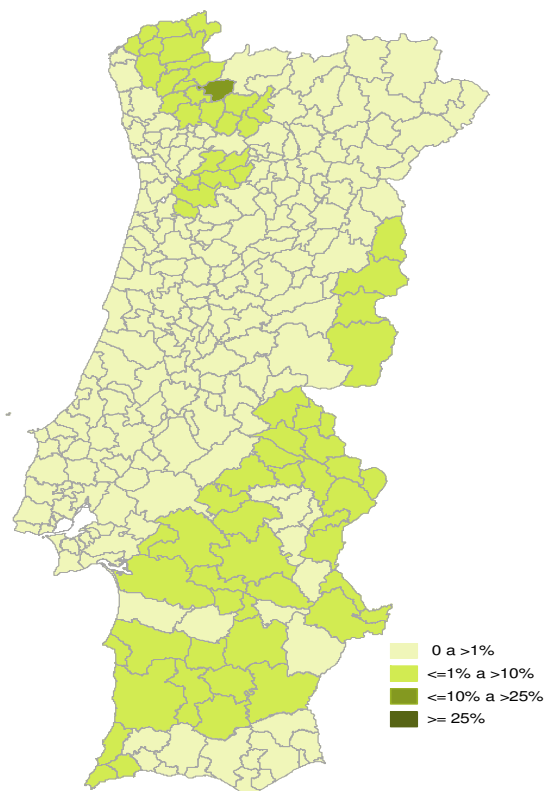
No entanto, a maioria deste efectivo (58%) encontra-se em explorações intensivas, localizadas no Entre Douro e Minho, Ribatejo e Oeste e Beira Litoral, enquanto na região do Alentejo, este efectivo pertence predominantemente (91%) a explorações de regime extensivo.

A utilizando do indicador (Margem Bruta da actividade / Margem Bruta agrícola Total) numa base territorial (concelho) permite-nos visualizar, no

Mapa 1, o grau de especialização territorial na actividade económica de produção de carne de bovino.

Quando este indicador económico ultrapassa os 25% constata-se que a sua importância em termos da actividade agrícola regional tem uma expressão relevante. No caso das vacas aleitantes constata-se uma importância económica deste sector no Alentejo, parte da Beira Interior e com uma bolsa no interior noroeste (associado a zonas de montanha).

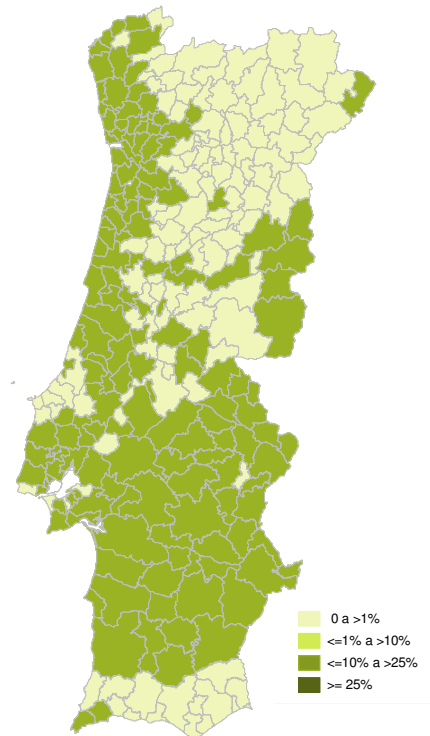
Mapa 1 - Vacas Aleitantes - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta Total (sem ajudas)



Fonte: RGA 99

No caso da produção/engorda, as mesmas zonas que surgiam para a produção extensiva reaparecem, com o acréscimo de toda a faixa litoral norte.

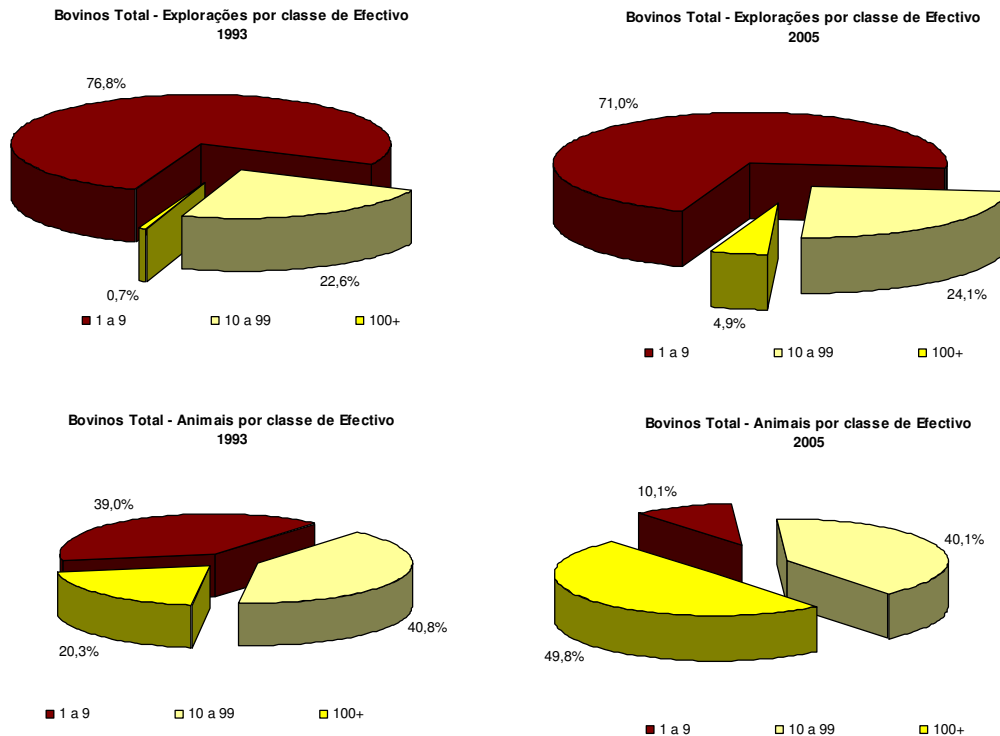
**Mapa 2 - Bovinos de engorda - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas)**



Fonte: RGA99

Em anexo apresentam-se dois quadros com valores agregados do número de explorações e número de animais, do sector da produção da carne de bovino (total e aleitante) entre os anos de 1993 e 2005, subdivididos por classe de dimensão do efectivo. Estes números globais permitem efectuar comentários sobre algumas dinâmicas do sector:

- O total de explorações com bovinos sofreu um decréscimo de 55% no período 2003-2005, passando de 188 000 explorações para 84 000. Esta redução de mais de cem mil explorações concentrou-se, na sua quase totalidade, nas explorações com menos de 9 animais;
- Apenas a partir da classe dos 30-39 animais registaram-se acréscimos no número de explorações, mas é nas classes superiores (mais de 60 animais) que se dão os crescimentos relativos mais significativos;
- Embora o número de explorações tenha sofrido um decréscimo, o número de animais aumentou cerca de 7%, passando-se de 1 345 mil para 1 441 mil;
- As explorações com mais de 60 animais (5% das explorações com esta espécie) abarcam 40 % do efectivo total, sendo que nestas classes o efectivo mais que duplicou no período considerado;

**Gráfico 5 - Bovinos: explorações e animais por classe de efectivo**

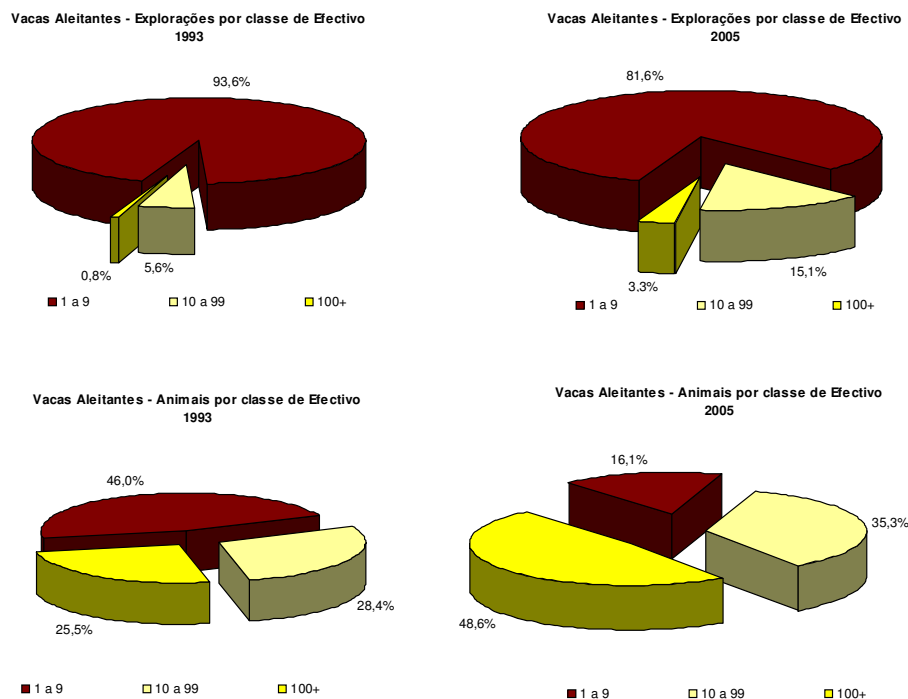
Fonte: INE

A análise do total de bovinos abrange duas actividades diferentes, a produção leiteira e a produção de carne, e dentro desta última a produção de vacas aleitantes e a engorda. Deste modo, quando se analisa separadamente o sub-sector das vacas aleitantes, especializado na produção de animais para abate e na produção de carne, embora siga as tendências acima descritas, tem algumas particularidades que importa referir:

- O sector das vacas aleitantes, no ano de 2005, inclui 33 200 explorações com 400 mil animais, de um total de cerca de 83 800 explorações com 1 440 mil animais;
- O sub-sector das vacas aleitantes registou uma quebra do número de explorações (inferior ao total de bovinos), no período considerado, que se cifra em 45% (passou de 50 000 para 33 000 explorações), ocorrência essencialmente devida à regressão das muito pequenas explorações. Com efeito, apenas houve quebra nas explorações com menos de 4 animais, todas as restantes classes tiveram acréscimos;
- Verificou-se um acréscimo assinalável do número de vacas aleitantes (+57%), passando-se de 256 000 animais em 2003 para 402 000 animais em 2005. Note-se que do diferencial de 146 000 animais acrescidos ao total nacional, 130.000 correspondem ao aumento das explorações com mais de 100 animais. O crescimento do número de animais referido no âmbito do Total de Bovinos foi originado neste sub-sector;

- Observa-se uma assimetria marcada neste sub-sector, em que as explorações com mais de 100 animais, embora inclua apenas 3.3% das explorações (1 100), detinham quase 50% do efectivo, no ano de 2005. No seio do sector dos bovinos é neste sub-sector que esta assimetria nº explorações/animais é mais vincada.

**Gráfico 6 - Vacas aleitantes: explorações e animais por classe de efectivo**



Fonte: INE

### c) Mercado

**Quadro 1 - Balanços de aprovisionamento da carne de bovino**

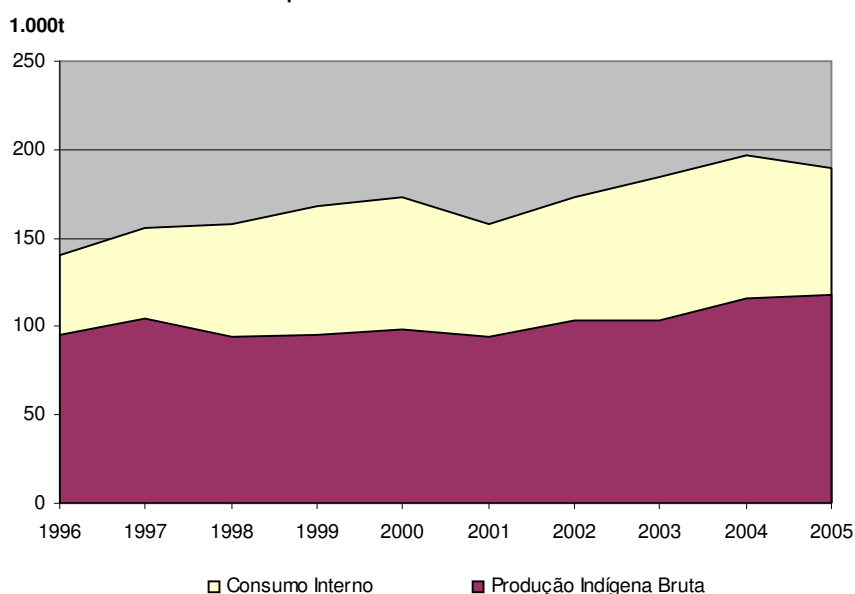
Produtos Anos	Rubricas	Produção indígena bruta	Comércio internacional de animais vivos		Produção	Comércio internacional de carnes		Recursos disponíveis	Variação de existências	Utilização interna		Capitação (kg)	Grau de auto- aprovisionamento (%)
			Entrada	Saída		Entrada	Saída			Total	Da qual: Consumo humano		
<b>Bovinos</b>													
1996		95	5	0	100	38	1	137	-3	140	140	14,1	67,9
1997		104	6	1	109	51	2	158	2	156	156	15,7	66,7
1998		94	4	1	97	59	1	155	-3	158	158	15,9	59,5
1999		95	4	1	98	73	0	171	3	168	168	16,8	56,5
2000		98	3	0	101	74	0	175	2	173	173	17,3	56,6
2001		94	2	0	96	53	0	149	-9	158	158	15,4	59,5
2002		103	3	0	106	69	0	175	2	173	173	16,7	59,5
2003		103	3	0	106	81	1	186	2	184	184	17,6	56,0
2004		116	3	0	119	81	0	200	3	197	197	18,8	58,9
2005 (a)		118	3	2	119	70	1	188	-2	190	190	18,0	62,1

(a) Dados provisórios.

Fonte: INE

No ano de 2005 foram consumidas 190 000 toneladas de carne de bovino. O consumo *per capita* nacional de carne de bovino em 2005 foi de 18 Kg/habitante/ano, o que representa um aumento de 24% face ao valor de 1996. O consumo encontra-se actualmente em fase de recuperação, após uma quebra verificada em 2001 e 2002 (15.4 Kg e 16.7 Kg respectivamente), devida à segunda crise da BSE.

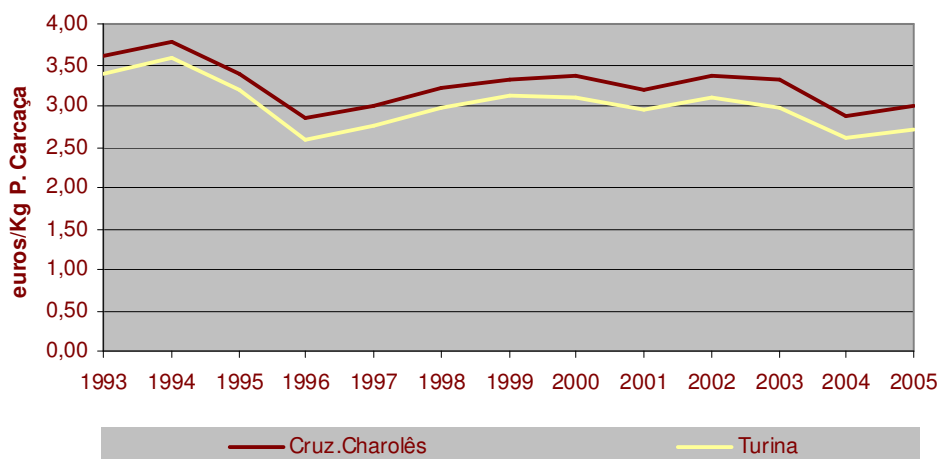
**Gráfico 7 - Auto-aprovisionamento de carne de bovino**



Face à evolução do consumo e da produção, o Grau de Auto-Aprovisionamento tem vindo a decrescer desde 1996 (67.9%) até 2003 (56%), altura em que se inverteu esta tendência devido a aumentos muito significativos na produção nacional que conduziram a um Grau de Auto-Aprovisionamento em 2005 de 62.1%.

#### d) Preços

O preço de Novilho de 12-18 meses (Cruzado Charolês) cifrou-se em 3 euro/kg peso carcaça no ano de 2005. Este preço corresponde a 83% do preço verificado em 1993 e a 92% da média de 1993-2005. No caso da novilha Turina o diferencial foi superior, calculando-se em 80% no caso da comparação 2005/1993 e em 90% no caso da comparação com a média do período.

**Gráfico 8 - Cotações médias à produção - Bovinos machos 12 a 18 meses**

Fonte: GPPAA, SIMA

Convém apontar que desde 1997 os preços mantêm-se regulares, com uma oscilação entre o preço máximo (em 2000) e o preço mínimo (em 2005) de 36 cêntimos, o que corresponde a uma amplitude de apenas 11%. Ou seja, embora exista uma depreciação do produto em parte fruto das reformas que o sector tem vindo a estar sujeito no âmbito da PAC, constata-se uma regularidade do preço pago pelo principal produto deste sector.

No que respeita aos mecanismos de formação dos preços da carne de bovino, é de realçar que as transacções são geralmente efectuada por lotes de animais, com preços à cabeça, e sem diferenciação dos animais transaccionados no lote, que podem ou não ser homogéneos.

Existe um sistema de classificação de carcaças, baseado na grelha comunitária de classificação<sup>2</sup>, obrigatório para o abate de todos os animais adultos. No entanto, visto que em Portugal os matadouros são essencialmente prestadores de serviços de abate, não intervindo na comercialização da carne, e que a apresentação de animais para abate é feita essencialmente por comerciantes, a informação relativa à classificação atribuída aos animais abatidos não é transmitida aos seus primeiros detentores. Esta falta de informação leva a que não seja possível estabelecer um critério objectivo de diferenciação de preço nas transacções, por classificação da carcaça ao abate, o que fomenta a manutenção do sistema tradicional de transacções referido no parágrafo anterior, menos transparente, objectivo e sujeito a maiores arbitrariedades.

Este papel de prestador de serviços assumido pela indústria de abate, é característico do mercado português não se verificando situações semelhante em outros Estados-Membros, onde os animais são adquirido pelos matadouros e as transacções de animais para abate são efectuadas com preços baseados na grelha de classificação.

<sup>2</sup> Reg. (CE) n.º 1183/2006, do Conselho (ex Reg. (CEE) n.º 1208/81).

É também de referir que, neste sector funciona de forma institucional e regular a *Bolsa do Bovino*. Esta estrutura estabelece um referencial para o sector contudo, porém, tendo em conta o descrito nos pontos anteriores sobre a frágil ligação entre produtores e indústria, acaba por não definir uma orientação muito aderente às trocas efectivas.

#### e) Organização da Fileira

A fileira da carne de bovino encontra-se muito fragmentada, com um baixo nível de integração, quer vertical quer horizontal, e reduzida participação da produção a jusante da fileira.

A produção de vitelos para engorda é efectuada em explorações especializadas, em regime extensivo, ou em explorações leiteiras, com o peso destas últimas a ter tendência para reduzir.

Tem vindo a verificar-se algum crescimento das engordas nas explorações de vacas aleitantes, mas ainda com pouco significado no total da produção desta carne.

Baixo nível de participação da indústria na fileira, comportando-se os estabelecimentos de abate essencialmente como meros prestadores de serviços, sem representarem um papel de dinamização ou promoção junto da produção, nem fazendo a ligação entre esta e o comércio.

Em termos de organização da fileira, o Agrupamento de Produtores/Organização de Produtores é uma das figuras que pode contribuir para contrariar a dispersão referida e para reforçar a aproximação da produção e da comercialização.

Estes Agrupamentos podem assumir várias formas jurídicas, tais como cooperativas, sociedades anónimas, etc., tendo sido incentivados no passado através de regimes de apoio à sua constituição<sup>3</sup>, cuja vigência terminou em 1999.

Relativamente aos Agrupamentos de Produtores da carne de bovino, a situação em 2000 está referida no quadro abaixo, tendo sido analisado este ano por ser posterior à atribuição de reconhecimentos no âmbito dos regimes referidos, concluída em 1999.

**Quadro 2 - Agrupamentos de Produtores - Carne de bovino (2000)**

Agrupamentos Reconhecidos	Produtores	Efectivo reprodutor (cabeças)	Produção Comercializada (cabeças)
24	7.083	33.134	18.015

<sup>3</sup> Reg. (CEE) n.º 1360/78, e Reg. (CE) n.º 952/97, ambos do Conselho.

O reconhecimento do papel desta figura na dinamização e no reforço do sector, levou a que em 2005 fosse instituído um novo regime, agora de incentivo à comercialização através de Agrupamentos de Produtores<sup>4</sup>. A situação alterou-se no período que decorreu da aplicação destes dois regimes, verificando-se por um lado um decréscimo do número de Agrupamentos reconhecidos, e respectivo número de produtores, mas por outro lado um aumento do efectivo abrangido e da produção comercializada, e que representaram respectivamente cerca de 11.6% e 7% do efectivo reprodutor e de abates totais de 2005.

**Quadro 3 - Agrupamentos de Produtores - Carne de bovino (2005)**

Agrupamentos Reconhecidos	Produtores	Efectivo reprodutor (cabeças)	Produção Comercializada (cabeças)
20	6.810	43.033	35.629

## **1.2. Carne de ovino e caprino**

### *a) Produção*

Este sector, em Portugal, representa cerca de 6% da produção animal, com uma média anual de 132 Meuros no período 2002-2004<sup>5</sup>, o que constituiu cerca de 2% do total nacional de produção agrícola nesse período.

Apesar de, a preços correntes, este sector ter apresentado um crescimento de cerca de 9% entre 1988 e 2004, as oscilações anuais são muito significativas, encontrando-se actualmente a verificar-se uma inversão desta tendência.

Relativamente à produção conjunta de carne de ovino e de caprino, verifica-se uma redução de cerca de 12% entre 1996 e 2005, com manutenção de um valor constante no período de 2003 a 2005 de 23 000 toneladas.

### *b) Sistemas de produção – dados estruturais*

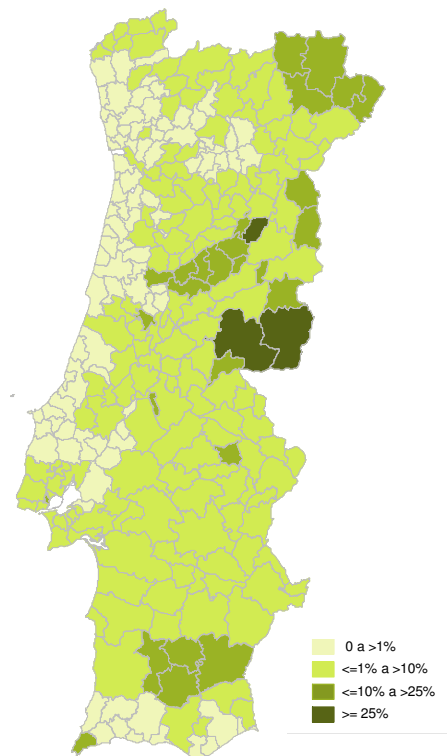
A produção de carne representa cerca de 75% do efectivo ovino nacional, situado maioritariamente no Alentejo em regime extensivo e em zonas marginais, utilizando para pastoreio zonas incultas, áreas florestais, pastagens naturais e semeadas e restolhos de colheitas.

<sup>4</sup> Despacho Normativo n.º 23/2005

<sup>5</sup> Utilizou-se o ano de 2004 tendo em conta que nas Estatísticas agrícolas de 2005 não existem dados desagregados para este sector.

O restante efectivo nacional é explorado na produção de leite, sobretudo na zona Centro e Norte de Portugal, com particular destaque para a Beira Interior, em que 76.9% do efectivo reprodutor é leiteiro.

**Mapa 3 – Carne de ovino - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas)**



Fonte: RGA99

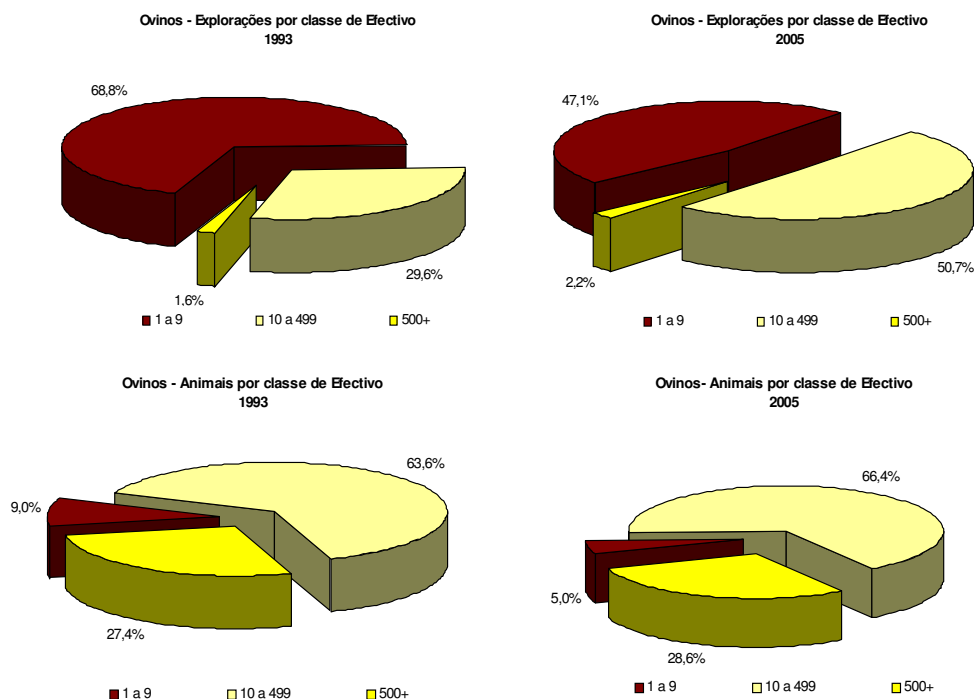
Através do indicador de especialização territorial nota-se que a importância económica deste sector assume uma relevância muito significativa em 3 pólos:

- Beira Interior (coincidente com a zona de produção de queijo);
- Baixo Alentejo (áreas de produção muito extensiva);
- Norte de Trás-os-Montes (áreas de montanha).

Em anexo é apresentado um quadro com a evolução em termos de número de explorações e de animais (englobando todo o tipo de animais) entre 1993 e 2005. Destacam-se as seguintes tendências:

- À excepção das explorações com de 200 a 499 animais, todas as outras viram reduzido o seu número, tendo existido uma quebra global de 43% do seu número;
- A classe de menor dimensão (até 9 animais sofreu uma quebra acentuada no período de 12 anos considerado (-60%) no que se refere ao número de explorações, passando de 69 000 para 27 000;

- O número de animais cresceu 7% no período considerado, contabilizando-se em 3 583 000 animais no ano 2005, porém a evolução no período não foi constante, tendo crescido até 1998, e posteriormente decaído até 2003 onde atingiu o seu mínimo. A partir daí ocorreu uma inversão na evolução dos efectivos com crescimentos em 2004 e 2005. A série temporal ainda não é suficientemente longa para saber se estamos na presença de um efeito sustentável, no entanto afigura-se que esta inversão possa estar associada ao aumento da procura de leite de ovelha pela indústria de lacticínios.
- Não se encontra um padrão claro do tipo de explorações que absorveu o aumento de efectivo, existindo acréscimos e decréscimos nas classes de menor e maior dimensão. Destaca-se apenas a classe 200 a 499 animais que cresceu 23% em termos de número de animais. Note-se que aquela classe tem uma representatividade, 26%, no ano de 2005, semelhante à das maiores explorações (+500 animais) com 29%;
- À semelhança dos outros sectores agrícolas e pecuários da agricultura nacional também existe alguma assimetria entre o número de explorações e o número de animais (47% das explorações só têm 5% do efectivo). Contudo, nas classes de maior dimensão nota-se que não é a de maior dimensão que tem demonstrado maior desenvolvimento, mas a de 200 a 499 animais.
- Os resultados apresentados demonstram a redução do tipo de explorações assentes em regimes de auto-consumo e/ou consumo local e o progressivo robustecimento das classes de dimensão superior, num processo que se pode afirmar que está a ocorrer "em escada". Afigura-se que a classe de 200 a 499 animais constitui um limite de dimensão dos efectivos, o qual está por certo relacionado com a capacidade de gestão de rebanhos explorados essencialmente em regime extensivo.

**Gráfico 9 - Ovinos: explorações e animais por classe de efectivo**

Fonte: INE

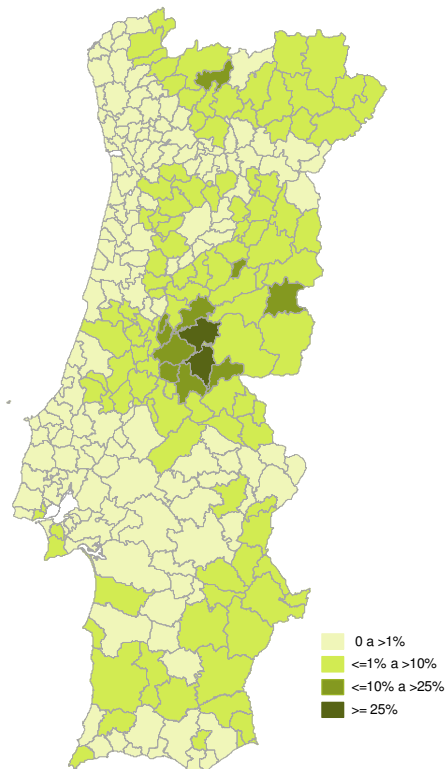
A população caprina em Portugal encontra-se muito repartida pelo território nacional e, por outro lado, é maioritariamente utilizada na produção leiteira. Os caprinos são quase sempre explorados em regime extensivo, utilizando as terras mais pobres e zonas arbustivas e florestais, onde outras espécies não conseguem sobreviver; têm, por isso, um papel único na fixação das populações rurais, evitando o abandono de zonas marginais.

Contudo, esta forma de exploração é extremamente exigente em termos de mão-de-obra, e este problema tem sido a principal causa de regressão dos efectivos caprinos em Portugal desde há várias décadas.

Em termos gerais, cerca de 70% do efectivo ovino e/ou caprino nacional encontra-se em rebanhos com mais de 100 animais, situados principalmente nas regiões do Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes.

Através do indicador de especialização regional, verifica-se que a produção caprina tem pouca importância económica no território, observando-se apenas dois pequenos pólos, no Norte, Concelho de Boticas e no Centro, na zona de serra (em torno de Pampilhosa da Serra e Oleiros). A produção está em concelhos de montanha com fortes limitações naturais de desenvolvimento agrícola.

**Mapa 4 – Carne caprino - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas)**



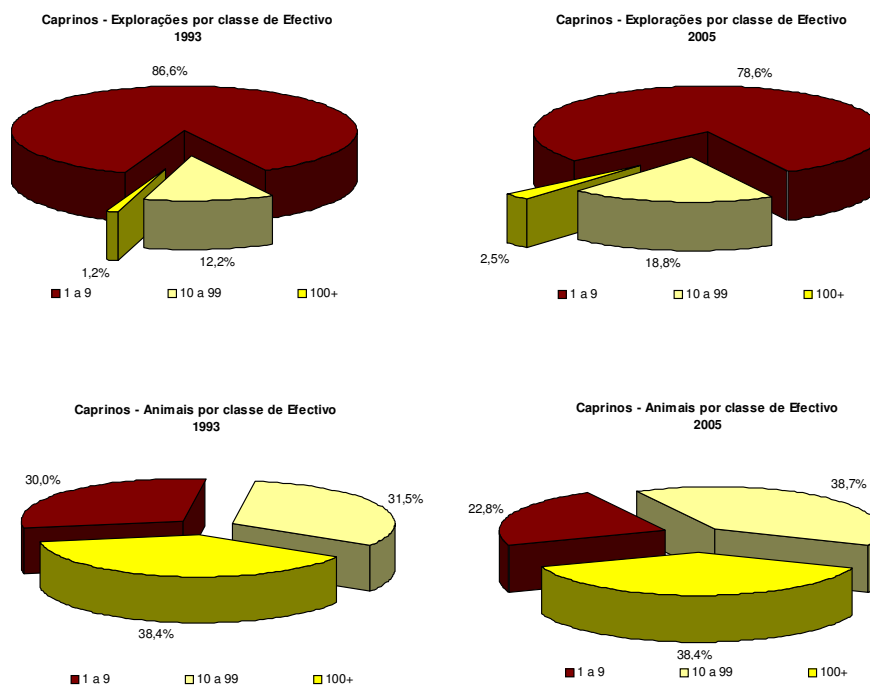
Fonte: RGA99

Em anexo apresenta-se um quadro com dados relativos à distribuição do efectivo total por classes de dimensão do efectivo por exploração, de uma série de valores de 1993 a 2005. Esses dados ilustram esta situação de regressão da produção caprina, quer no que se refere ao número de explorações, quer no que se refere ao número de animais:

- Em 2005 foram contabilizadas 38 500 explorações de caprinos, o que corresponde a uma quebra de 60% no seu número face a 1993;
- Associada à quebra do número de explorações houve também um decréscimo acentuado do número de animais (-24%), passando de 704 000, em 1993, para 551 000 em 2005, porém, à semelhança do referido para os ovinos, também aqui se verificou uma inversão do declínio no efectivo a partir de 2003, ano em que se atingiu o mínimo de 501 900 animais, com crescimentos em 2004 e 2005. Também aqui a série temporal é ainda reduzida para avaliar a sustentabilidade desta evolução recente, no entanto, o aumento da procura de leite de cabra por parte da indústria de lacticínios afigura-se como podendo estar associado a esta inversão;
- À semelhança dos outros sectores, as classes de menor número de animais (associado a auto-consumo) reduziu a sua importância relativa. Contudo, neste sector nota-se uma regressão muito acentuada das explorações médias. Com efeito, as explorações com 50

- a 99 animais reduziram-se no período considerado -44% no seu número e tiveram ainda maior redução no que se reporta ao número de animais (-58%);
- Os acréscimos de números de animais nas classes de maior dimensão (+9% na classe 100 a 500 e +20% na classe +500) não foram suficientes para contrariar a regressão do sector, verificando-se mesmo, uma irrelevância estatística dos números absolutos da maior classe de dimensão;
  - O sector da produção de caprinos é ainda dos únicos sectores em que não existe uma assimetria marcada entre as pequenas e grandes explorações no que se refere ao potencial produtivo. Com efeito, no ano de 2005 existiam o mesmo número de animais nas classes abaixo dos 50 animais comparativamente às exploradas nas de classe de dimensão superior.

**Gráfico 10 - Caprinos: explorações e animais por classe de efectivo**



Fonte: INE

*c) Mercado*

O consumo humano de carne de ovino e caprino situou-se em 2,9 Kg/habitante/ano em 2005, sendo semelhante à média europeia, num total de 31.000 toneladas, tendo decrescido cerca de 18.4% entre 2000 e 2005.

É de referir que a produção da carne de ovino (época de abate) se concentra em 3 picos anuais tradicionais de consumo: Páscoa, Natal e Santos Populares, que no total representam 38% do abate anual que se verifica em apenas 3 meses.

Tal como nos ovinos, a produção de carne de caprino está concentrada em picos de consumo tradicional, mas aqui apenas na Páscoa e Natal, em que se abate 53% do total anual.

O Grau de Auto-Aprovisionamento para estas carnes, em 2005, foi de 74,2%, não registando variação face ao ano anterior. O aumento do grau de auto-aprovisionamento destas carnes, que se vem verificando desde 1996, resulta da redução do consumo.

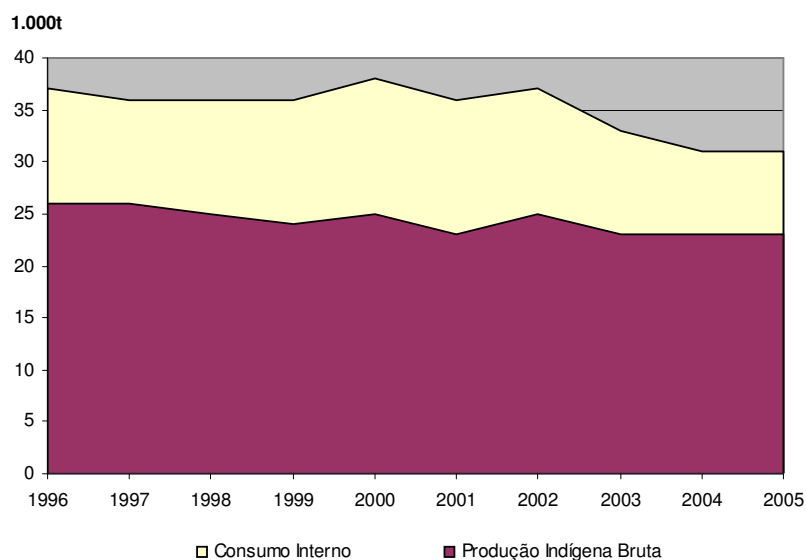
**Quadro 4- Balanços de aprovisionamento da carne de ovino e caprino**

Produtos Anos	Rubricas	Produção indígena bruta	Comércio internacional de animais vivos		Produção	Comércio internacional de carnes		Recursos disponíveis	Variação de existências	Utilização interna		Capitação (kg)	Grau de auto- aprovisionamento (%)
			Entrada	Saída		Entrada	Saída			Total	Da qual: Consumo humano		
<b>Ovinos e caprinos</b>													
1996		26	0	0	26	11	0	37	0	37	37	3,7	70,3
1997		26	1	0	27	9	0	36	0	36	36	3,6	72,2
1998		25	1	0	26	9	0	35	-1	36	36	3,6	69,4
1999		24	1	0	25	11	0	36	0	36	36	3,6	66,7
2000		25	1	0	26	11	0	37	-1	38	38	3,8	65,8
2001		23	1	0	24	11	0	35	-1	36	36	3,5	63,9
2002		25	1	0	26	9	0	35	-2	37	37	3,6	67,6
2003		23	1	0	24	9	0	33	0	33	33	3,2	69,7
2004		23	1	0	24	7	0	31	0	31	31	3,0	74,2
2005 (a)		23	0	0	23	8	0	31	0	31	31	2,9	74,2

(a) Dados provisórios.

Fonte: INE

**Gráfico 11 - Auto-aprovisionamento de carne de ovino e caprino**



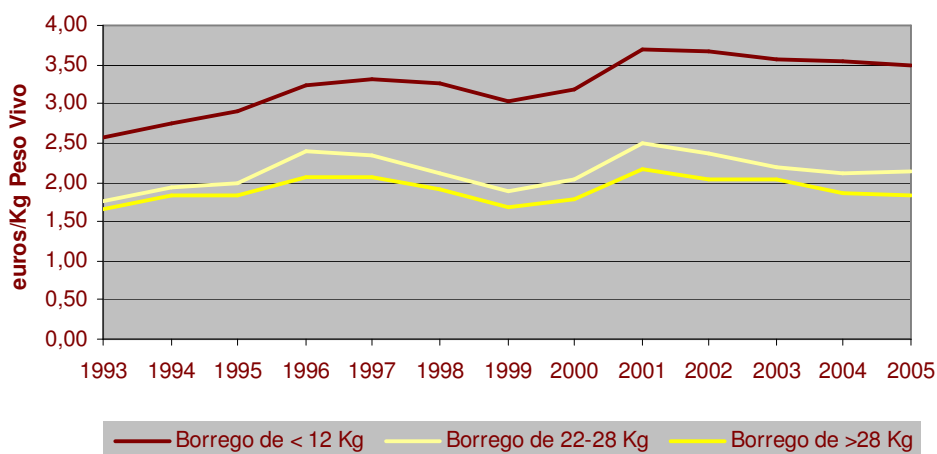
Fonte: INE

## d) Preços

O preço da carne de ovino verificado em 2005, em relação a 1993 e em termos nominais, é 35% superior no caso dos borregos com menos de 12kg, a 22% no caso dos borregos entre os 22-28 kg e a 10% na classe de peso superior.

Quando comparado o preço de 2005 com a média do período 1993-2005, constata-se que apenas os Borregos com menos de 12 kg tiveram um acréscimo (de 7%), ao passo que a classe intermédia manteve as cotações e a classe de animais mais pesados regista um indicador de 0,96. Ou seja, constata-se uma valorização do mercado dos animais mais leves/jovens e uma depreciação dos adultos/refugo.

**Gráfico 12 - Cotações médias à produção - Ovinos**



Fonte: MADRP, SIMA

Quanto à carne de caprino, existe uma grande variabilidade regional do comportamento dos preços. Das três regiões produtoras, com recolha de preços pelo sistema de informação do MADRP, destaca-se Trás-os-Montes com preços superiores em comparação com a média nacional, +5% no período de 1993-2005 e +7% no ano de 2005, (5,10 euro/kg peso vivo).. Com uma posição oposta encontra-se a Beira Litoral com preços inferiores à média nacional, -9% no período considerado e -10% em 2005, (correspondentes a 4,28 euro/kg peso vivo) A Beira Interior encontra-se numa posição intermédia com uma cotação média inferior à média nacional em 6%, mas no ano de 2005 esta foi superior em 4% (4,96 euro/kg peso vivo).

## e) Organização da fileira

A fileira da carne de ovino e caprino apresenta muitos dos aspectos enunciados para a carne de bovino, associados à produção extensiva, no entanto, é um sector fortemente ameaçado

em grande parte devido às dificuldades que estão inerentes ao maneio das explorações e pelas crescentes exigências sanitárias, nomeadamente a obrigatoriedade de identificação electrónica dos animais, a partir de 2008.

A expansão da fileira passa pelo reconhecimento da utilidade destes animais no aproveitamento de zonas marginais do território, pela inversão da tendência para a redução do consumo que actualmente se verifica, na concentração da oferta e na valorização de produtos que não a carne, como o leite e a lã.

No que respeita a estes últimos, é de salientar que a produção aumentou em 2005, face a 2003, cerca de 2% no leite e 0,3% na lã.

O caso da expansão da produção de leite afigura-se que poderá desempenhar um papel de dinamização do sector tendo em conta as limitações administrativas (quotas) de produção de leite de vaca e o aumento da procura de produto diferenciado.

À semelhança do referido para a carne de bovino, também importa apresentar elementos relativos aos Agrupamentos de Produtores, sendo idêntica a situação relativa aos regimes aplicáveis de reconhecimento.

#### **Quadro 5- Agrupamentos de Produtores - Carne de ovino e caprino (2000)**

<b>Agrupamentos Reconhecidos</b>	<b>Produtores</b>	<b>Efectivo reprodutor (cabeças)</b>	<b>Produção Comercializada (cabeças)</b>
<b>11</b>	<b>1.800</b>	<b>128.180</b>	<b>52.150</b>

Fonte: GPPAA

É porém de referir que destes Agrupamentos apenas 2 eram exclusivos de ovinos e/ou caprinos, sendo os restantes comuns à carne de bovino.

#### **Quadro 6- Agrupamentos de Produtores - Carne de ovino e caprino (situação actual)**

<b>Agrupamentos Reconhecidos</b>	<b>Produtores</b>	<b>Efectivo reprodutor (cabeças)</b>	<b>Produção Comercializada (cabeças)</b>
<b>14</b>	<b>631</b>	<b>77.867</b>	<b>62.534</b>

Fonte: GPPAA

Ao compararmos a situação actual com a de 2000, verifica-se um aumento do número de agrupamentos reconhecidos, sendo 3 exclusivos para este sub-sector, uma redução no número de produtores e efectivo reprodutor, mas um aumento da produção comercializada.

### **1.3. Carne de suíno**

#### *a) Produção*

A produção de carne de suínos em Portugal representa cerca de 20.7% da produção animal, com uma média anual no período 2003-2005 de 539 Meuros, que se traduz nesse período em 8.5% da produção agrícola total. Em termos de quantidade a produção nacional de carne de suíno cifrou-se em 2005 em 295 000 toneladas.

Entre 1988 e 2004, este sector verificou um acréscimo do valor da produção de cerca de 13% a preços correntes, fundamentada essencialmente por um acréscimo de 22% na primeira metade do período, já que desde então se verifica uma redução de aproximadamente 8%.

#### *b) Sistema de produção – dados estruturais*

Existe uma variabilidade significativa dentro do sector da suinicultura, quer no que diz respeito à postura face ao mercado, quer no que diz respeito ao tipo de manejo utilizado. Assim, existe uma parcela do sector em *regime de exploração caseiro* e/ou em *regime de exploração complementar de exploração agrícola* <sup>6</sup> os quais estão assentes em auto-consumo doméstico e/ou numa actividade complementar, não especializada, de acréscimo de fontes de rendimento da exploração.

Por outro lado o sector industrial, vocacionado para a produção especializada e empresarial, totalmente dirigido para o mercado é aquele que tem maior representatividade e maior importância em termos dos indicadores estruturais e de valor económico. Neste sub-sector existe também alguma diversidade no que diz respeito ao tipo de explorações sendo de destacar uma dominância do segmento das explorações em ciclo fechado ou ciclo completo, face às especializadas em porcas reprodutoras e as vocacionadas unicamente para a engorda.

Convém ainda referir a produção em sistemas extensivos associados à utilização de raças autóctones, em particular à raça alentejana, cuja importância no sector tem vindo a aumentar nos últimos anos, sendo no entanto ainda muito reduzido o peso deste sistema de produção no total do sector.

Em termos regionais a produção de suínos encontra-se repartida por todo o país, com maior incidência no Ribatejo e Oeste (44% do efectivo), região onde se encontram também as

---

<sup>6</sup> Designações utilizadas no processo de licenciamento da actividade. Regime caseiro: 3 fêmeas e 1 macho e ou 30 porcos de engorda. Regime complementar: 3 a 20 reprodutoras e ou 30 a 200 porcos de engorda.

maiores suiniculturas, com o número médio de suínos por exploração a atingir os 97 animais.

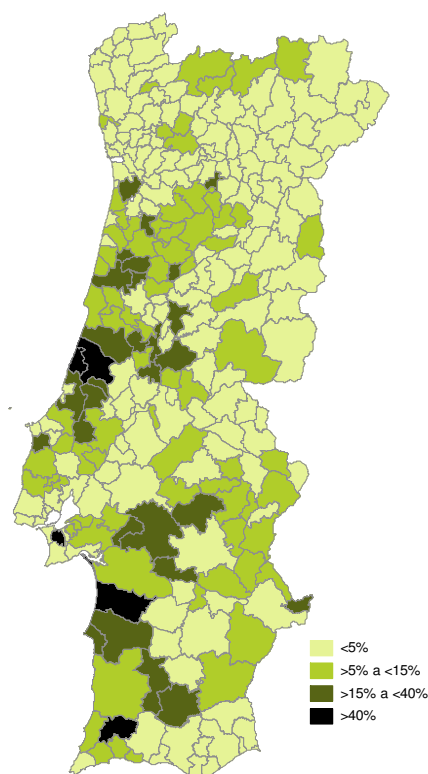
As regiões do Alentejo (19% do efectivo) e Beira Litoral (22% do efectivo) apresentam também um peso relativo importante no sector, com um elevado grau de especialização na primeira, em que o efectivo médio se situa em cerca de 63 animais por exploração.

O indicador da margem bruta da actividade no total da margem bruta agrícola concelhio permite-nos visualizar a importância do sector suinícola no território. Note-se que este indicador atribui a importância relativa dentro de cada concelho e não em termos do sector nacional.

Embora exista alguma dispersão pontual existem manchas territoriais que se destacam:

- Zona de Leiria,
  - Alto Alentejo (Vendas Novas, Montemor-o-Novo),
  - Alentejo litoral (Grândola, Santiago do Cacém,
- podendo-se ainda apontar o Concelho de Monchique.

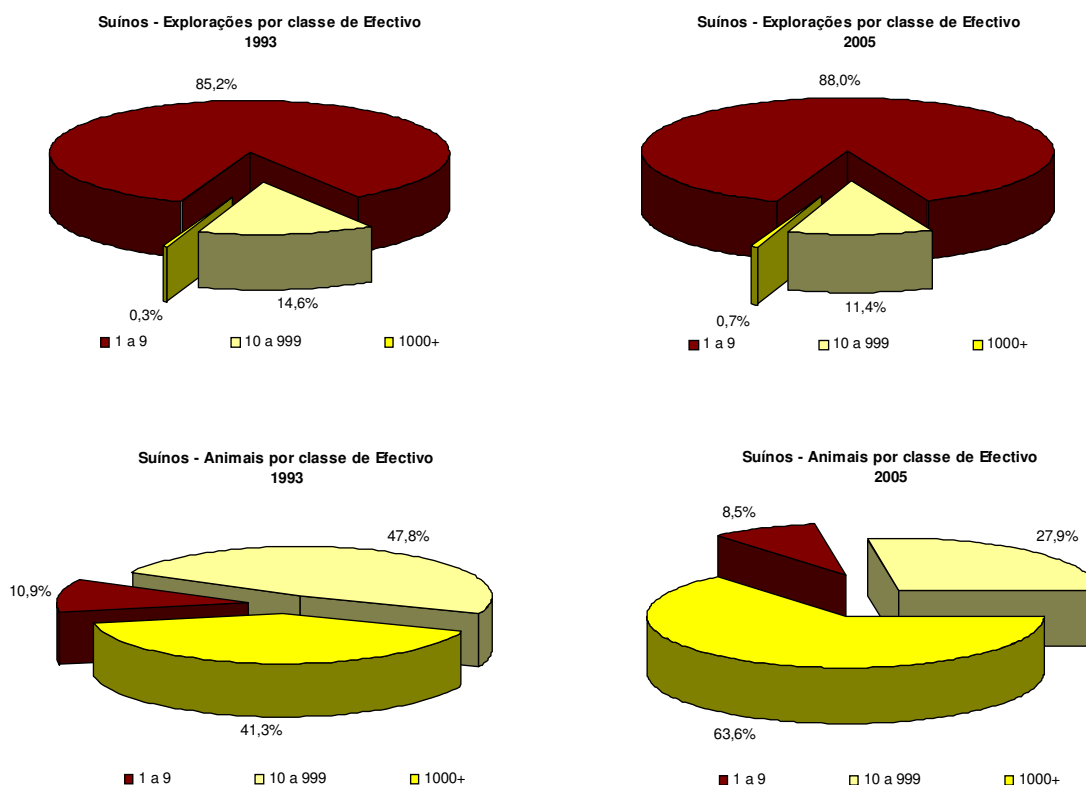
**Mapa 5 – Suínos - Peso da Margem Bruta da actividade na Margem Bruta total (sem ajudas)**



Em anexo inclui-se um quadro com dados agregados (explorações e animais) para todo o tipo de explorações durante um período de 12 anos. Desta série podem retirar-se as seguintes conclusões:

- As explorações de pequena dimensão viram a sua representatividade diminuir, quer em termos de número, quer em termos de potencial produtivo. No período entre 1993 e 2005 as explorações de menos de 3 animais reduziram-se em quase 40%, de 68 000 para 44 000;
- O número total de explorações, no período considerado, diminuiu consideravelmente (-35%) e o número de animais quebrou ligeiramente (-11%). Apenas as explorações com mais de 200 animais sofreram acréscimo e somente nas unidades de produção com mais de 400 cabeças houve acréscimo do efectivo pecuário;
- No que se refere ao número de explorações ainda dominam as que possuem um número diminuto de animais, (83% das explorações com 10% do efectivo total). Com efeito, as classes acima dos 400 animais só se encontravam em cerca de 500 explorações em 2005 (1% das explorações), as quais possuíam 67.5% do efectivo, o que é um retrato do carácter intensivo desta actividade.

**Gráfico 13 - Suínos: explorações e animais por classe de efectivo**



Fonte: INE, Inq. Estr.

## c) Mercado

Quadro 7- Balanços de aprovisionamento da carne de suíno

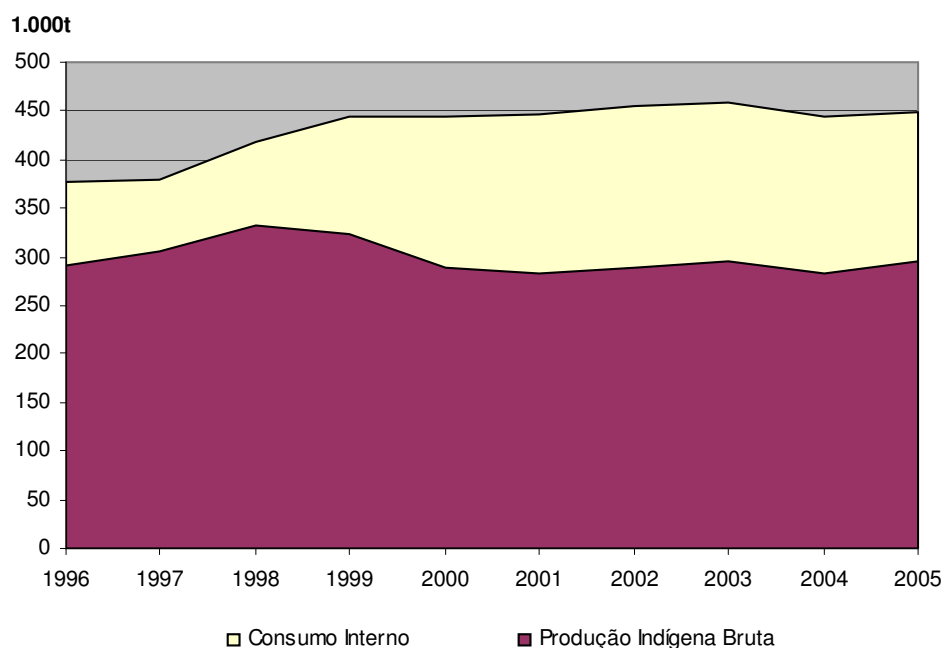
Produtos Anos	Rubricas	Produção indígena bruta	Comércio internacional de animais vivos		Produção	Comércio internacional de carnes		Recursos disponíveis	Variação de existências	Utilização interna		Capitação (kg)	Grau de auto- aprovisionamento (%)
			Entrada	Saída		Entrada	Saída			Total	Da qual: Consumo humano		
<b>Suínos</b>													
1996		292	35	2	325	73	11	387	9	378	378	38,1	77,2
1997		306	26	2	330	72	13	389	10	379	379	38,1	80,7
1998		332	28	1	359	85	14	430	11	419	419	42,0	79,2
1999		324	51	2	373	91	13	451	7	444	444	44,5	73,0
2000		289	69	3	355	106	15	446	2	444	444	43,4	65,1
2001		282	65	4	343	122	17	448	1	447	447	43,4	63,1
2002		288	72	4	356	124	17	463	9	454	454	43,8	63,4
2003		296	66	7	355	122	17	460	1	459	459	44,0	64,5
2004		283	65	8	340	123	22	441	-4	445	445	42,4	63,6
2005 (a)		295	65	7	353	120	26	447	-1	448	448	42,4	65,8

(a) Dados provisórios.

No período de 1996 a 2005 verificou-se um aumento da Produção Indígena Bruta até 1998, tendo posteriormente sido invertida esta tendência, em consequência de um aumento das entradas de animais vivos para abate, que sofreram um acréscimo de cerca de 21% no período 1998-2002.

O consumo médio nacional de carne de suíno tem sido relativamente estável desde 1999, em valores situados entre 444 000 e 448 000 toneladas, com um pico em 2002 de 454 000 toneladas.

Gráfico 14 - Auto-aprovisionamento de carne de suíno



Fonte: INE

Consequentemente, o consumo nacional *per capita* tem sido relativamente constante, com uma ligeira tendência de redução, numa vizinhança de cerca de 43 Kg/habitante/ano. No entanto, em 2004 e 2005 o valor foi de 42.4 Kg/habitante/ano, sendo o mais baixo do período 1999-2005.

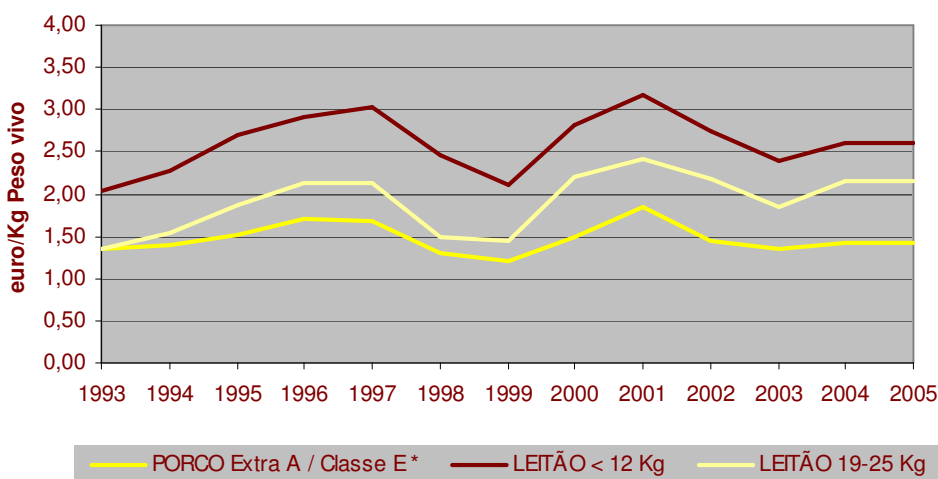
O Grau de Auto-Aprovisionamento em 2005 foi de 65.8%, o que relativamente a 1996 representa uma quebra de cerca de 15%. Com efeito, desde esse ano que se verifica uma tendência para a diminuição deste indicador, aumentando a dependência externa, cujo valor mais baixo se registou em 2001 (63.1%).

d) Preços

O preço da carne de porco Classe E, situou-se em termos médios no ano de 2005 em 1.41 euro/kg peso de carcaça. Este preço corresponde a um aumento, em termos nominais de 5% face a 1993, colocando-se em 96% da média verificada no período 1993-2005.

No caso dos leitões a curva dos preços segue o verificado para a carne de porco, com uma majoração que desde 1999 tem vindo a ampliar-se, +85% no caso do leitão com menos de 12 kg e +53% nos leitões dos 19-25 kg. Ou seja, o mercado tem vindo a valorizar o segmento do mercado de animais mais jovens/leves.

**Gráfico 15 - Cotações médias à produção - Suínos**



Durante esse período registaram-se algumas oscilações com um máximo de 1.85 euro/Kg no ano de 2001 e um mínimo de 1.31 euro/Kg em 1998. Este comportamento cíclico entre períodos de alta e de baixa de preços está relacionado com os ciclos regulares de acerto entre oferta e procura e também, e cada vez com maior relevância, da susceptibilidade dos sectores pecuários a crises de consumo decorrente de crises sanitárias. No caso de 1998 esteve-se na presença de uma situação de crise da procura por uma disseminação de alguns

focos de peste suína (PSL) na U.E., ao passo que 2001 corresponde a um acréscimo da procura de carne de porco em parte derivada da crise da BSE no sector bovino.

Note-se que a amplitude verificada no período entre o preço máximo e mínimo corresponde a 0,37 cêntimos o que corresponde a 57% do preço médio do período. Ou seja, os produtores estão sujeitos a oscilações acentuadas no preço pago ao seu produto.

Neste sector funciona de forma institucional e regular a *Bolsa do Porco*. Esta estrutura estabelece um referencial para o sector contudo, tendo em conta o descrito nos pontos anteriores sobre a frágil ligação produção/indústria, acaba por não definir uma orientação muito aderente às trocas efectivas.

#### *e) Organização da fileira*

A fileira da carne de suíno assenta maioritariamente na produção pecuária intensiva, com um grau de industrialização elevado, no entanto, ao contrário de outros sectores de pecuária intensiva (avicultura e produção leiteira) a polarização entre produção e indústria leva a que não exista verdadeiramente uma integração vertical da fileira e que não se destaquem grupos económicos dominantes no seio do sector.

Começam a verificar-se alguns movimentos mais consistentes de integração nos sectores a montante (indústria de alimentos compostos e produção) e alguma concentração por aquisições dentro da produção. Contudo, estas opções têm derivado mais da descapitalização de alguns agentes do que de uma opção estratégica sustentada da fileira.

Não se encontra uma tendência coerente no seio da fileira dentro das opções de integração e concentração. Por um lado, a tomada de posição das indústrias de rações relativamente à orientação da produção, deriva da interdependência entre estes segmentos da fileira (produção pecuária e indústria de alimentos compostos para animais) e tem na base estratégias para assegurar o fornecimento de rações e/ou garantir a estabilidade dos seus preços (caso dos auto-produtores). Por outro lado, a aquisição de pequenas unidades por grandes explorações deriva muitas vezes das dificuldades administrativas na expansão das instalações existentes.

No caso do abate e da indústria de transformação a situação é muito diversificada e inconsistente, podendo-se considerar que existe a este nível uma quebra da fileira. Com efeito, poucas são as unidades de abate e transformação integradas com o sector da produção pecuária. Por outro lado, neste segmento da fileira existe uma localização geográfica não coincidente com as regiões de produção.

É ainda de destacar os interesses conflitantes do próprio sector de abate, que assume essencialmente um papel de comprador de matéria-prima, no seu relacionamento com os

fornecedores de animais. Com efeito, a existência de fornecedores alternativos de animais, nomeadamente em Espanha, coloca dificuldades ao desenvolvimento e escoamento da produção nacional.

A possibilidade de expansão deste sector está dependente de um aumento da concentração da oferta, assim como de uma maior ligação da produção à indústria (quer a nível empresarial, quer a nível institucional). Por outro lado, sendo um sector particularmente afectado por normas exigentes nos domínios do ambiente, segurança alimentar e bem-estar animal, a progressão da fileira está também dependente da capacidade de adaptação das explorações à introdução de novas regras.

Há ainda a referir, pelo seu potencial de desenvolvimento no mercado, as produções baseadas em regimes extensivos, com particular destaque para o porco da raça alentejana, que se enquadram numa óptica de qualidade e de diferenciação.

## **1.4. Avicultura**

### **1.4.1. Carne de aves**

#### *a) Produção*

O sector da carne de aves em Portugal representa cerca de 12,5% do valor da produção animal, correspondendo a uma média anual de 341 Meuros, no período 2003-2005, que representa 5,1% da produção agrícola nacional.

O total de carne de aves produzida em 2005 atingiu as 296 000 toneladas, valor superior aos 270 000 registados em 2003 (ano de retracção do consumo e produção por causa dos nitrofuranos), mas inferior às 311 000 toneladas de 2002.

No seio deste sector, a carne de frango, é o principal sub-sector, representando mais de 95% do seu valor económico.

A tendência de crescimento deste sector que se verificou entre 1988 e 1997, com um acréscimo de 30% a preços correntes, foi contrariada posteriormente, com uma redução de 20% até 2004.

A produção de aves de capoeira tem registado um crescimento sustentado, quer em volume, quer em valor, desde antes da adesão. Apenas é de registar uma quebra significativa no ano de 2003, fruto da denominada "crise dos nitrofuranos", a qual originou uma retracção do consumo, devida também ao Verão muito quente que provocou uma queda na produção. A

produção veio a recuperar em 2004 com um crescimento superior a 8%, vindo a verificar-se um abrandamento desse crescimento em 2005, com a quebra de confiança do consumidor devido ao aparecimento de focos de gripe aviária na UE no final desse ano.

*b) Sistemas de produção – dados estruturais*

Segundo o Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas de 2003, existiam em Portugal 227 640 explorações de aves (146 009 com frangos de carne e 204 756 com poedeiras e reprodutoras), as quais possuíam 35.434 100 animais, sendo 19.251 865 para produção de carne. A produção de carne de aves centra-se, na sua quase totalidade (86.5%) na Beira Litoral e no Ribatejo e Oeste (50% e 36%, respectivamente).

Estes números do INE abrangem o universo devendo-se, contudo ter em conta que o sector da avicultura é essencialmente industrial e concentrado num número diminuto de operadores de criação intensiva de estirpes de crescimento rápido (abate aos 35 a 42 dias de vida).

Existe alguma expansão das “criações especiais”, as quais correspondem a produção diferenciada com base em sistemas de certificação, contudo, representam apenas cerca de 2% do mercado.

Recorrendo a dados estatísticos agregados (ver quadro 8) verifica-se que, no que concerne aos principais indicadores do potencial produtivo e produção de carne de frango, nota-se que existiu um crescimento sustentado em volume.

Assim, entre 1993 e 2005 cresceu o número de reprodutoras alojadas (1.744 000 em 2005) em mais de 10% (+3% quando comparado com a média do período) e registou-se um crescimento de 15% no caso dos pintos para produção de carne (5% quando comparado com a média do período).

**Quadro 8– Efectivo avícola, total anual, 1993-2005**

<b>Efectivo Avícola Alocado Total anual</b>	<b>1993</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
<b>Reprodutoras</b>	1.582	1.742	1.587	1.636	1.778	1.854	1.731	1.733	1.669	1.661	1.679	1.596	1.744
<b>Pintos para carne</b>	170.300	177.500	170.000	182.100	191.800	198.900	184.900	188.400	202.100	198.600	182.400	193.200	195.800

Fonte. FEPASA: Relatório Estatístico Anual 2005

*c) Transformação*

Ao nível da transformação industrial note-se que este sub-sector (CAE 1512 Abate de aves e coelhos para produção de carne – em que os coelhos têm um valor insignificante) gerou 412 Meuro no ano 2005, o que representa 4.4% do total referente à Indústria Alimentar e Bebidas e 29.3% no que se refere à rubrica Abate de Animais e preparação e conservação de carne e produtos à base de carne.

Comparando o ano de 2005 com 1993 verifica-se que existiu um crescimento de 10% da carne produzida, que é de 2% quando comparada com a média do período 1993-2005.

**Quadro 9– Produção de carne de aves, total anual, 1993-2005**

Produção de Carne de Aves Total anual	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Frango	205.571	216.737	205.942	208.979	221.283	228.099	225.419	227.735	242.992	239.118	208.652	222.737	226.073
Perú	31.327	34.669	40.981	41.657	45.090	48.826	46.512	47.420	46.681	45.959	39.538	37.884	ND
Total	236.898	251.406	246.923	250.636	266.373	276.925	271.931	275.155	289.673	285.077	248.190	260.621	-

Fonte. FEPASA: Relatório Estatístico Anual 2005

Esta estabilidade no sub-sector do frango não se repete no caso da carne de peru. Neste sector, embora a comparação entre 2004 e 1993 seja positiva devido a um acréscimo relativo de 18%, este indicador esconde um desempenho em baixa num sector em que Portugal é deficitário. Com efeito, as 37 884 toneladas de carne de peru produzidas em 2004 correspondem a 90% da média do que foi produzido no período 1993-2004.

#### *d) Mercado*

O sector da avicultura caracteriza-se por ser um dos poucos sectores da agricultura nacional com um Grau de Auto-Aprovisionamento ao nível da auto-suficiência (94,3% em 2005), com 95% para a carne de aves. Embora seja de apontar que a Balança Comercial apresenta valores negativos (24,8 Meuros em 2004), em muito devido às rubricas referentes aos pintos do dia e ao sub-sector do peru.

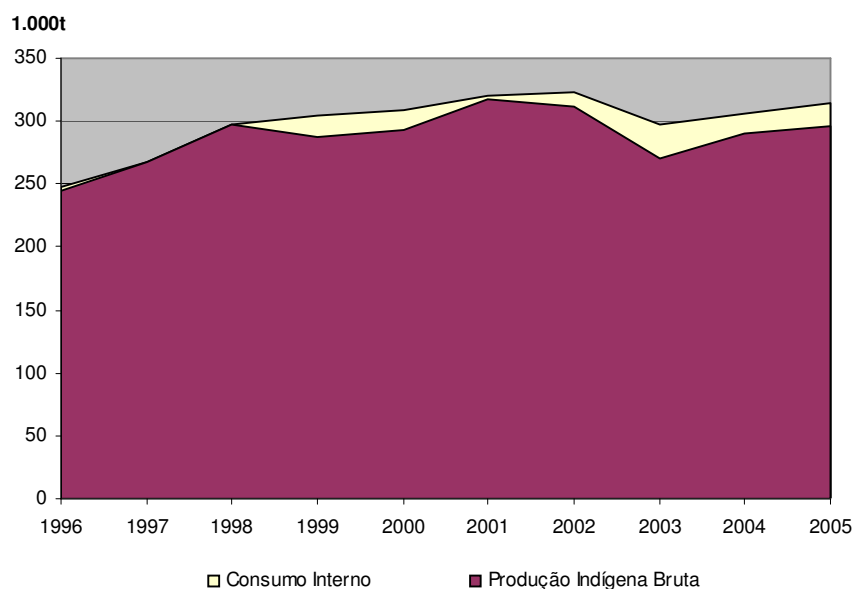
A capitação do consumo de carne de aves é maioritariamente preenchida com carne de frango, actualmente nos 21.9 kg/habitante/ano (no total de 29.7 Kg/habitante/ano de carne de aves), sendo uma das taxas mais elevadas da UE. Uma característica importante na preferência do consumidor pelo produto nacional está associada não só ao desenvolvimento interno do sector, mas também ao hábito do consumo do produto em fresco (mais de 95% do produto produzido e vendido no mercado nacional é de carne de aves, inteiras e em pedaços).

**Quadro 10- Balanços de aprovisionamento da carne de aves**

Produtos Anos	Rubricas	Produção indígena bruta	Comércio internacional de animais vivos		Produção	Comércio internacional de carnes		Recursos disponíveis	Variação de existências	Utilização interna		Capitação (kg)	Grau de auto- aprovisionamento (%)
			Entrada	Saída		Entrada	Saída			Total	Da qual: Consumo humano		
<b>Animais de capoeira</b>													
1996		245	2	1	246	10	4	252	5	247	247	24,9	99,2
1997		267	1	0	268	10	4	274	6	268	268	26,9	99,6
1998		298	0	0	298	12	2	308	10	298	298	29,9	100,0
1999		287	1	0	288	14	1	301	-4	305	305	30,5	94,1
2000		293	1	1	293	17	2	308	-1	309	309	30,9	94,8
2001		317	1	2	316	18	2	332	12	320	320	31,1	99,1
2002		311	1	3	309	16	3	322	-1	323	323	31,2	96,3
2003		270	2	1	271	18	3	286	-12	298	298	28,5	90,6
2004		290	2	2	290	22	4	308	2	306	306	29,1	94,8
2005 (a)		296	1	3	294	25	4	315	1	314	314	29,7	94,3

(a) Dados provisórios.

Fonte: INE

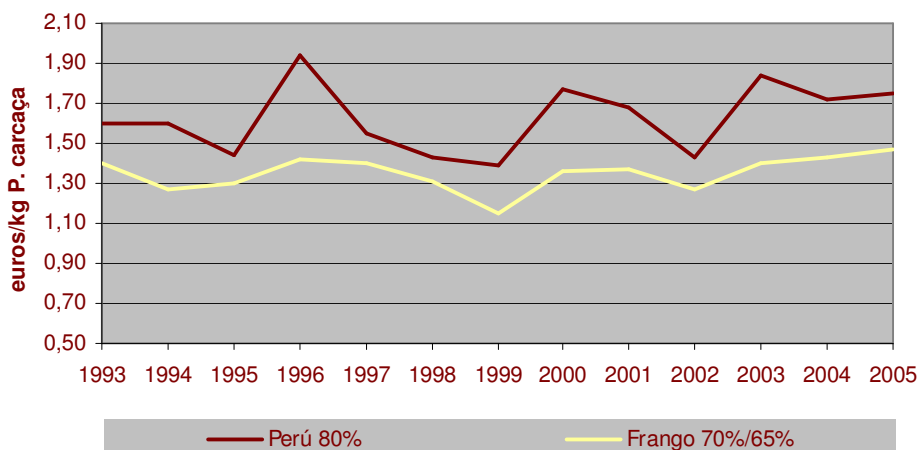
**Gráfico 16 - Auto-aprovisionamento de carne de aves**

Fonte: INE

**e) Preços**

O preço da carne de frango abatido (65%) cifrou-se no ano de 2005 em 1.47 euro/kg peso carcaça, que corresponde a uma cotação superior, em termos nominais, em 7 cêntimos face a 2003 (+4%). O preço de 2005 quando comparado com a média do período 1993-2005 situa-se 9% acima. No caso do peru a evolução é muito semelhante, sendo que o preço de 2005 (1.75 euro/kg peso carcaça) é superior em 9% ao preço de 1993 e 8% em relação à média do período 1993-2005.

Gráfico 17 - Cotações médias no grossista - Carne de aves



Fonte: MADRP, SIMA

No caso da carne de frango (65%) a amplitude entre o preço máximo (2005) e o preço mínimo (1995) é de 20 cêntimos, o que corresponde a 15% do preço médio do período em análise. Ou seja, para um sector com grande flexibilidade no seu ciclo produtivo existe alguma regularidade na remuneração do produto.

Em Outubro de 2005 iniciou-se uma crise de mercado derivada da ocorrência de focos de gripe aviária na UE. Essa situação levou a quebras nos preços continuadas, que atingiram cerca de 50% face aos valores de 2004, e que motivaram inclusivamente a adopção de medidas excepcionais de mercado. Após o anúncio dessas medidas e tendo em conta a menor mediatização da gripe das aves o mercado recuperou para os níveis anteriores à crise.

#### f) Organização da fileira

A organização em sistemas de integração é uma característica marcante deste sector. Assim, com base em contratos estabelecidos com os principais grupos económicos do sector (os quais também estão organizados em sistemas de integração vertical) os produtores obtêm, matéria-prima (pintos do dia), apoio logístico e técnico e canais de escoamento.

Os principais grupos económicos do sector possuem um nível de integração vertical que se pode considerar que encerra toda a fileira, incluindo empresas de alimentos compostos, estruturas de abate, transformação e comercialização, estando o mercado concentrado num número diminuto de operadores.

### 1.4.2.Ovos

#### a) Produção e transformação

Em Portugal o sector dos ovos de consumo, após um período de crescimento, que atingiu o seu máximo em 2000, com 150 878 milhares de dúzias, tem vindo a verificar um ligeiro decréscimo na produção, apenas com excepção de 2004, em que a produção sofreu um acréscimo de 4,1% face a 2003, para de novo cair em 2005, com um decréscimo correspondente a 1 546 milhões de ovos.

**Quadro 11- Produção industrial de ovos total anual 1993-2005**

Produção Industrial de ovos Total anual	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
ovos consumo	128.908	152.663	142.983	137.718	135.542	142.069	140.888	150.878	147.325	140.188	134.362	139.942	128.865
ovoprodutos					2.714	3.370	4.492	7.258	9.260	12.227	13.903	15.355	15.310

Fonte. FEPASA: Relatório Estatístico Anual 2005 (unid: milhares de dúzias/ton.)

O nível de produção pode-se considerar quase constante em termos retrospectivos, sendo que a produção de 2005 corresponde a 92% da média do período 1993-2005. Como situação de destaque é de apontar o sector de ovoprodutos que desde o seu surgimento (1997) tem tido crescimentos relevantes (sextuplicou o volume produzido em 8 anos). Apenas no ano de 2005 se verifica uma estabilização em torno das 15.3 mil toneladas.

Em termos de indústria, existe apenas uma unidade de transformação que recebe matéria-prima proveniente de 60% das unidades produtivas. Esta unidade industrial, para além de produzir ovo pasteurizado destinado ao mercado nacional e internacional, cerca de 13 902.9 toneladas em 2003, exerce ainda uma função de "regulação" do mercado interno, uma vez que recebe os ovos quando existem excedentes para os ir transformando à medida das necessidades. Não existindo um mecanismo regulador do mercado dos ovos, esta é uma função de extrema importância. Esta unidade detém uma quota de mercado a nível nacional neste tipo de produtos superior a 90% e efectua exportações significativas para Espanha onde já detém uma quota de mercado de cerca de 13%.

#### b) Dados estruturais

Os dados referentes ao potencial produtivo indicam um forte crescimento no período 1993-2005, com o número de reprodutoras alojadas a duplicar nesse período, atingindo 102.6 mil aves no ano de 2005. Contudo, é de notar dois picos em 2001 e 2003 com valores superiores a 150 mil aves.

**Quadro 12- Efectivo avícola alocado - total anual**

Efectivo Avícola Alocado Total anual	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Reprodutoras	51,8	97,3	92,3	72,5	67,5	70,6	103,6	108,3	154,3	139,1	102,9	153,7	102,6
Pintas poedeiras	5.897	5.440	4.994	4.963	4.737	4.715	4.686	4.865	4.983	4.703	5.735	8.023	9.487

Fonte. FEPASA: Relatório Estatístico Anual 2005 (unid: milhares de aves.)

No que diz respeito às pintas poedeiras produzidas é de assinalar um crescimento acentuado a partir de 2003, vindo a atingir no ano de 2005 uma produção de 9 487 milhares de aves, valor que corresponde ao dobro do registado no ano de 2002. O forte crescimento neste sub-sector é possível tendo em conta que é um segmento deficitário.

#### d) Mercado

Apesar deste aumento da concentração o mercado é ainda bastante pulverizado, pois o maior produtor/embalador representa 8% do efectivo explorado industrialmente e os oito mais importantes que se lhe seguem, no seu conjunto representam, apenas, 35%.

Em termos de centros de inspecção e classificação o cenário é semelhante, com o maior embalador a possuir uma quota de mercado de 13% e os seguintes oito mais proeminentes a representarem no seu conjunto apenas 41% do mercado. Quanto ao destino da produção, estima-se que cerca de 49% dos ovos são comercializados pelo retalho, 24% destinam-se à transformação, 14% para sector alimentar e 13% para exportação.

Portugal apresenta sistematicamente um grau de auto-provisionamento deste produto superior a 100%, tendo atingido cerca de 106%, em 2005. Nesse ano as exportações atingiram 12 620 toneladas, ao passo que as importações se cifraram em 6 750 toneladas, ou seja, o diferencial da balança comercial representa um valor positivo correspondente a 6% da produção do ano.

O consumo *per capita* foi em 2005, de 9 kg/habitante (161/hab)., menos 9% do que em 2004 e menos 14,4% que em 2000.

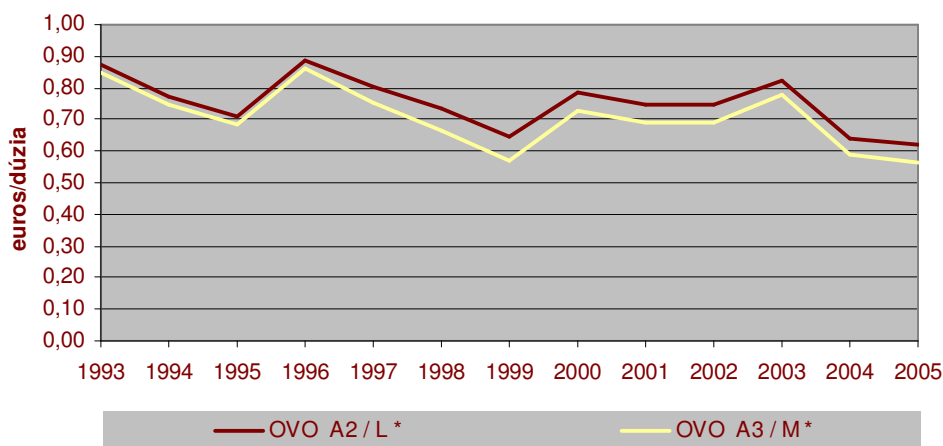
Embora o sector dos ovos apresente resultados positivos (capacidade exportadora, auto-suficiência), existe uma tendência de decréscimo de produção derivada essencialmente pela perda consecutiva dos níveis de consumo interno.

#### e) Preços

No gráfico abaixo apresenta-se a evolução do preço dos ovos no mercado grossista por forma a ilustrar a evolução das cotações nos últimos 12 anos. Utilizando uma média do ovo *Large* e Médio, verifica-se que no ano de 2005 registou-se um preço que em termos

nominais é inferior em quase 30% ao que se tinha registado no ano de 2003. Quando se compara a cotação de 2005 (0.59 euro/dúzia) com a média do período 1993-2005, verifica-se que a cotação desse ano corresponde a 81% do preço médio do período.

**Gráfico 18 - Cotações médias no grossista - Ovos**



Fonte: MADRP, SIMA

Com efeito, nos dois últimos anos assiste-se a uma depreciação do valor dos ovos em resultado de uma oferta excessiva no mercado comunitário associada a uma quebra no consumo.

#### *b) Organização da fileira*

Esta produção é efectuada em cerca de 175 explorações<sup>7</sup> e embalada em 93 centros de inspecção e classificação. Além destas explorações especializadas existe um número muito considerável de explorações, cerca de 234 760 com menos de 100 poedeiras, que produzem principalmente para auto-consumo e/ou comércio local.

O abastecimento dos aviários de postura é normalmente garantido por um sistema de cria e recria de galinhas, a partir das estruturas próprias do mesmo avicultor, embora existam também alguns independentes.

A estrutura produtiva evoluiu bastante na última década, verificando-se uma concentração muito significativa no sub-sector; assim o número de explorações passou de 387 160 em 1990 para 235 280 em 2000. Em 2000, as 90 explorações com mais de 30 000 poedeiras representavam 70% do total de poedeiras, enquanto em 1990 esta categoria de explorações representava menos de 50% do efectivo.

<sup>7</sup> Explorações com mais de 350 poedeiras.

Os centros de inspeção e classificação onde os ovos são embalados, funcionam geralmente como grossistas. Na maioria são contíguos às explorações de produção, situando-se nas regiões do Ribatejo e Oeste e na Beira Litoral.

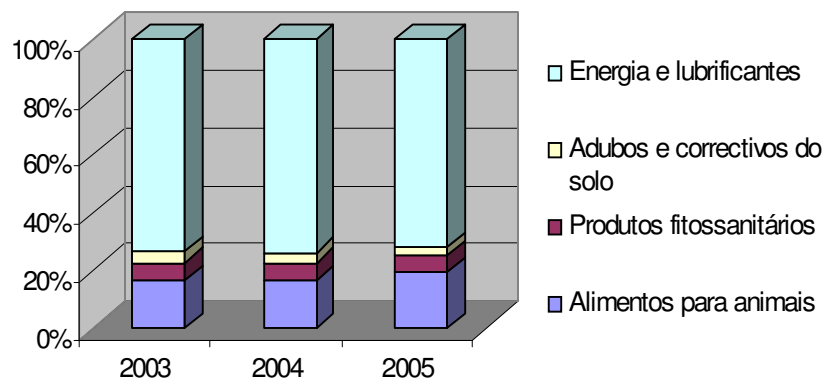
## 1.5. Contas de actividade

### 1.5.1. Custos intermédios – dados agregados

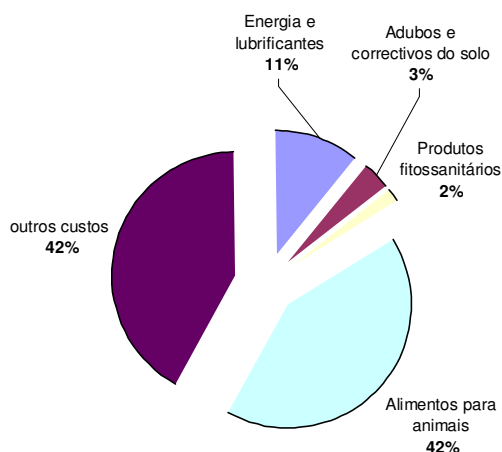
A alimentação animal é a componente produtiva mais importante no maneo de uma exploração pecuária.

No caso da bovinicultura extensiva e ovinicultura e caprinicultura, o peso relativo das áreas destinadas à alimentação animal em regime extensivo (prados temporários, culturas forrageiras, prados e pastagens permanentes) que com cerca de 1,8 Mha representam 50% da SAU total do Continente, de acordo com o Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas de 2003 (INE), é possível concluir que os custos associados são internalizados na própria exploração.

**Gráfico 19 - Custos intermédios na agricultura 2003-2005**



Fonte: INE

**Gráfico 20 - Custos intermédios na agricultura 2005**

Fonte: INE

Nas explorações intensivas de aves e suínos, em particular, assim como nas de engorda de bovinos, o recurso à compra de alimentos compostos no exterior constitui um encargo determinante para a viabilidade das explorações.

Conforme se pode observar nos gráficos 19 e 20, a alimentação animal constitui a componente mais representativa (42%) no total dos custos intermédios imputados ao sector agrícola.

Contudo, a evolução recente (2003-2005) verifica-se que a taxa de crescimento registada (4,9%) foi inferior ao desempenho do aumento do valor agregado para a produção animal (11,5). Esta situação permite afirmar que os indicadores referentes ao Valor Agrícola Bruto terão um desempenho ainda superior ao verificado em relação à produção total, no sector animal. Nas outras componentes dos custos é de destacar o custo com a energia e lubrificantes que cresceu, no período considerado quase 24%.

### **1.5.2. Rendimento da actividade e custos de produção**

#### *a) bovinicultura*

A análise das contas de cultura das actividades animais associadas à produção de bovinos de carne, nas suas componentes especializadas de produção de vitelos em explorações de vacas aleitantes e de engorda de novilhos, relativas ao ano de 2003, permite desagregar as componentes do rendimento destas actividades e dos seus custos de produção.

A variabilidade das características das explorações que se dedicam a estas actividades é grande ao longo do território nacional, com diferenças ao nível dos efectivos e raças utilizadas tendo-se adoptado, para efeitos comparativos e a título exemplificativo, uma por diferentes actividades-tipo.

A escolha destas realidades baseou-se na representatividade das explorações, pelo que foram considerados os casos que mais se adequam a reflectir cada um dos sistemas de produção. No caso das vacas aleitantes, optou-se pela exploração no Alentejo com um efectivo de 100 fêmeas reprodutoras, enquanto que para as engordas a escolha recaiu no Ribatejo e Oeste, com um efectivo de 300 novilhos. Ambos os casos respeitam a animais cruzados.

Dos gráficos, sobre os resultados destes sistemas de produção, destacam-se as seguintes observações:

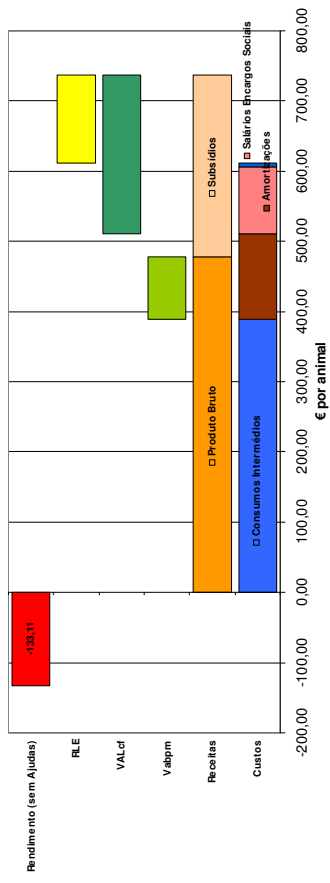
- Os resultados positivos destas duas actividades estão dependentes das ajudas atribuídas, com maior relevância para as vacas aleitantes, e quase nulas no caso da engorda onde as Receitas praticamente cobrem a totalidade dos custos;
- Os custos com a alimentação são os mais significativos nestes sistemas de produção, no entanto, adquirem maior expressão na engorda (84%), e inferior no caso das Vacas Aleitantes (56%);
- Nos restantes custos apenas se nota uma diferença no perfil das Amortizações, em que no caso das Vacas aleitantes existe um custo superior ao verificado na engorda.

É, no entanto, de referir que estes dados respeitam ao ano de 2003, pelo que face à alteração da PAC que se verificou a partir de 2005 devem ser utilizados com alguma reserva. Com efeito, as alterações verificadas ao nível das ajudas comunitárias, com o desligamento parcial ou integral de alguns dos regimes que estão englobados nas contas agora analisadas, e as consequentes alterações no mercado, terão tido efeitos nas variações quer no custo dos factores (alimentação) quer no valor da produção.

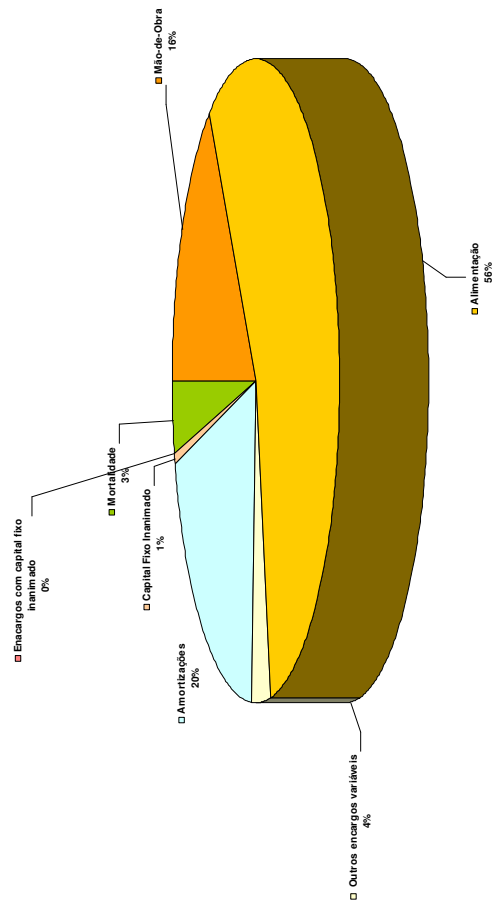
Não se encontram ainda disponíveis dados pós reforma, mas é possível desde já prever que os resultados de ambas as actividades são actualmente menores (com maior incidência nas engordas) que o evidenciado nos quadros, por uma redução do nível de apoio devido ao desligamento de grande parte dos prémios ao sector. Esta situação conduz necessariamente a uma adaptação das explorações à nova realidade, nomeadamente no sentido da diminuição dos custos alimentares em geral, e no caso das explorações de vacas aleitantes em particular pelo desenvolvimento da actividade de engorda.

## Rendimento da Actividade – Bovinos de carne – Animais Cruzados

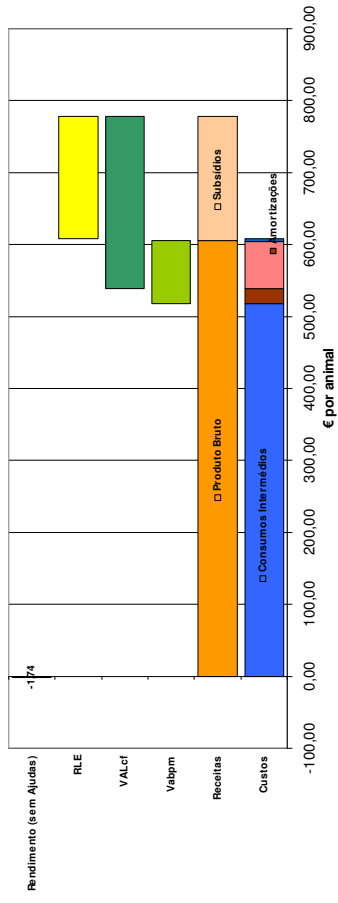
### Vacas Aleitantes - Alentejo – Efectivo de 100 fêmeas reprodutoras



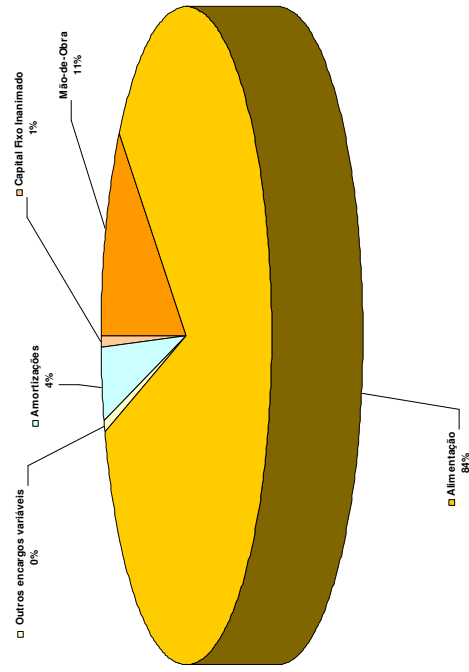
#### Estrutura de Custos



### Engordas - Ribatejo e Oeste – Efectivo de 300 novilhos



#### Estrutura de Custos



Fonte: Contas de Culturas das Actividades Animais - 2003

*b) suinicultura*

Contrariamente ao que se verifica para a bovinicultura, a produção de carne de suíno não apresenta grande variabilidade em termos de características da actividade, sendo de efectuar apenas uma separação quanto ao sistema de produção extensivo ou industrial.

A análise das contas de cultura das actividades animais associadas à produção de suínos, nos dois sistemas acima referidos, relativas ao ano de 2003, permite desagregar as componentes do rendimento destas actividades e dos seus custos de produção.

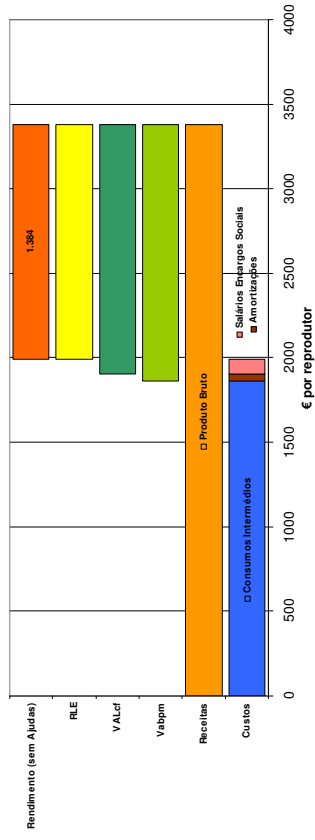
Dos gráficos, sobre os resultados destes sistemas de produção, destacam-se as seguintes observações:

- Ambas as actividades apresentam resultados positivos, com particular destaque para o sistema extensivo, em que as receitas cobrem em cerca de 170% os encargos totais da produção.
- Os custos com a alimentação são os mais significativos nestes sistemas de produção, a um nível proporcional e absoluto semelhante em ambos os sistemas
- Nos restantes custos existe uma diferença no perfil dos custos relativamente à mão-de-obra e encargos com capital fixo inanimado, que no caso do sistema intensivo são sensivelmente o dobro do extensivo;
- Os custos totais em valor absoluto são idênticos em ambos os sistemas, pelo que a grande diferença que se regista ao nível do Produto Bruto por animal reprodutor resulta quase exclusivamente do maior valor da produção no regime extensivo.

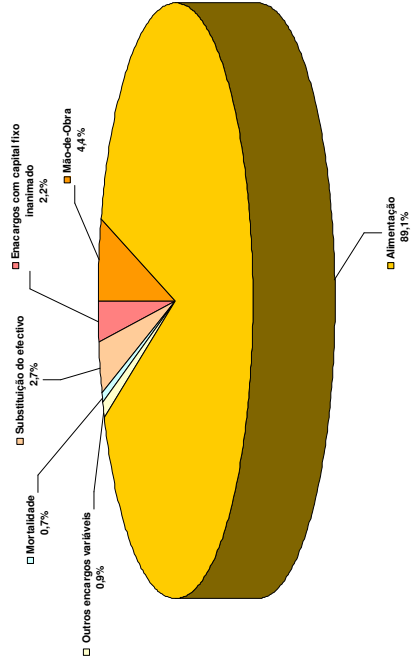
Tal como referido para a bovinicultura, é de realçar o facto de os dados em questão serem relativos a 2003, tendo-se que ter em conta que este sector tem ciclos de preços com fortes amplitudes. Apesar de não existir a alteração ao nível das ajudas, uma vez que é uma actividade sem regimes de apoio específicos, as respectivas contas estão certamente diferentes face à variação sentida desde então no preço da alimentação.

## Rendimento da Actividade – Suinicultura (cria, recria e acabamento)

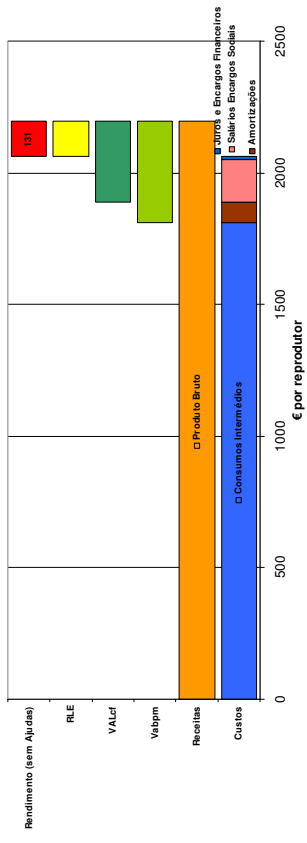
### Sistema Extensivo



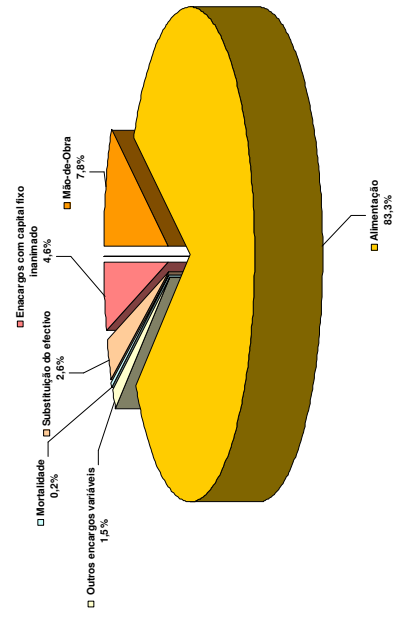
### Estrutura dos Custos



### Sistema Industrial



### Estrutura dos Custos



Fonte: Contas de Culturas das Actividades Animais - 2003

c) *Avicultura*

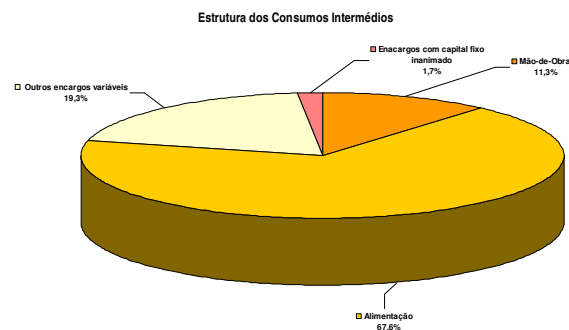
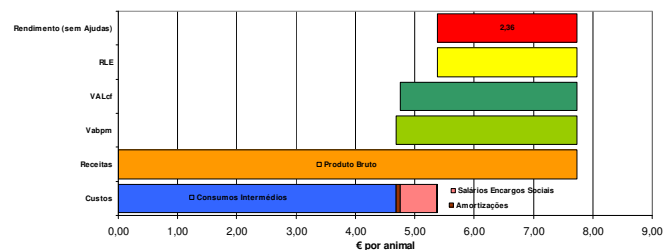
No que respeita à avicultura, pela sua maior representatividade no que respeita à carne de aves, deve ser considerada a actividade de produção de frango de carne em sistema *all in all out*.

Mais uma vez, a análise das contas de cultura das actividades animais associadas à produção de frangos de carne, no sistema acima referido, relativas ao ano de 2003, permite desagregar as componentes do rendimento desta actividade e dos seus custos de produção.

Do gráfico, sobre o resultado deste sistema de produção, destacam-se as seguintes observações:

- A actividade apresenta resultados positivos, com as receitas a representarem cerca de 144% dos custos totais da produção.
- Os custos com a alimentação são os mais significativos nesta actividade, à semelhança das restantes produções animais, situando-se em termos proporcionais a um nível intermédio face à bovinicultura e suinicultura;
- Nos restantes custos é de realçar o peso relativo da mão-de-obra e outros encargos variáveis, que no total representam cerca de 30% do total de custos intermédios da actividade.

**Rendimento da Actividade – Frango de Carne em sistema *all in all out***



Fonte: Contas de Culturas das Actividades Animais - 2003

## 1.6. Indústrias de abate e de transformação

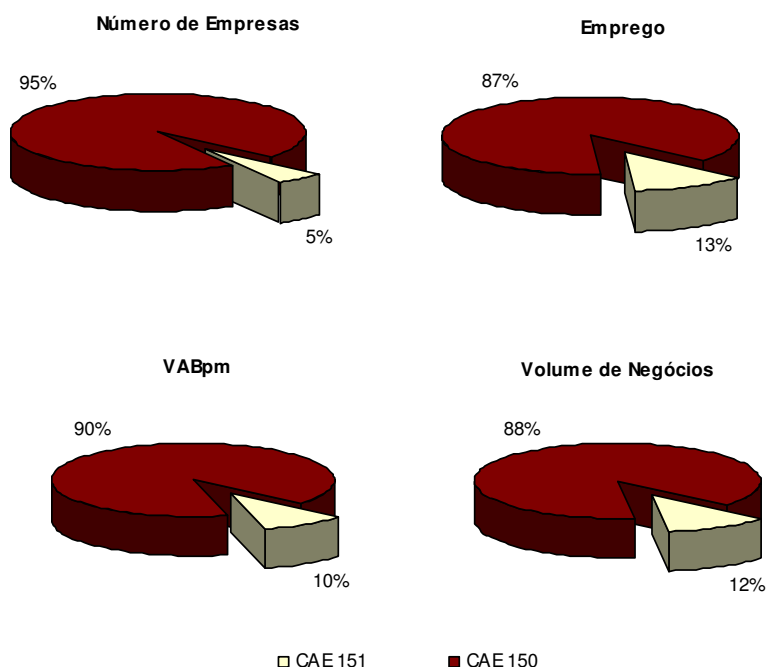
Apesar de terem já sido referidos ao longo do documento alguns aspectos relativos à evolução recente das indústrias do sector das carnes, é agora efectuada uma análise mais específica destas actividades.

Estas indústrias dividem-se em dois grandes subgrupos, sendo um relativo ao abate e o outro à transformação dos produtos à base de carne, ambos considerados na CAE 151 - abate de animais, preparação e conservação de carne e produtos à base de carne, a qual por sua vez é uma das componentes da CAE 150 - indústrias alimentares e das bebidas.

O peso destas actividades no total do sub-sector (indústrias alimentares e das bebidas), em 2004 (Gráfico 21), revela diferenças quando observada em termos de número de empresas, emprego, valor acrescentado bruto e volume de negócios, podendo-se concluir que é menor no primeiro caso e superior nos restantes. A localização destas estruturas é indicada nos Mapas 6, nos quais se pode observar alguma falta de coincidência com as zonas de produção descritas nos pontos anteriores.

A indústria de transformação assenta fundamentalmente em micro e pequenas empresas, e está maioritariamente associada à produção de conservas de carne de suíno e enchidos.

**Gráfico 21 - Peso da indústria do sector das carnes no total das indústrias alimentares e das bebidas**

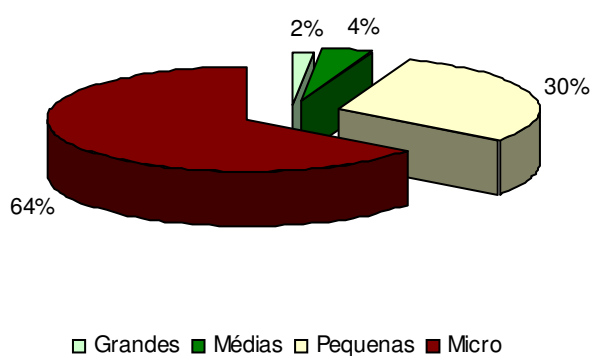


Fonte: INE

Por outro lado, a indústria de abate apresenta uma capacidade de laboração excessiva para o volume que efectivamente processa, e tem um papel de prestador de serviços, não contribuindo efectivamente como agente impulsionador da fileira junto da produção.

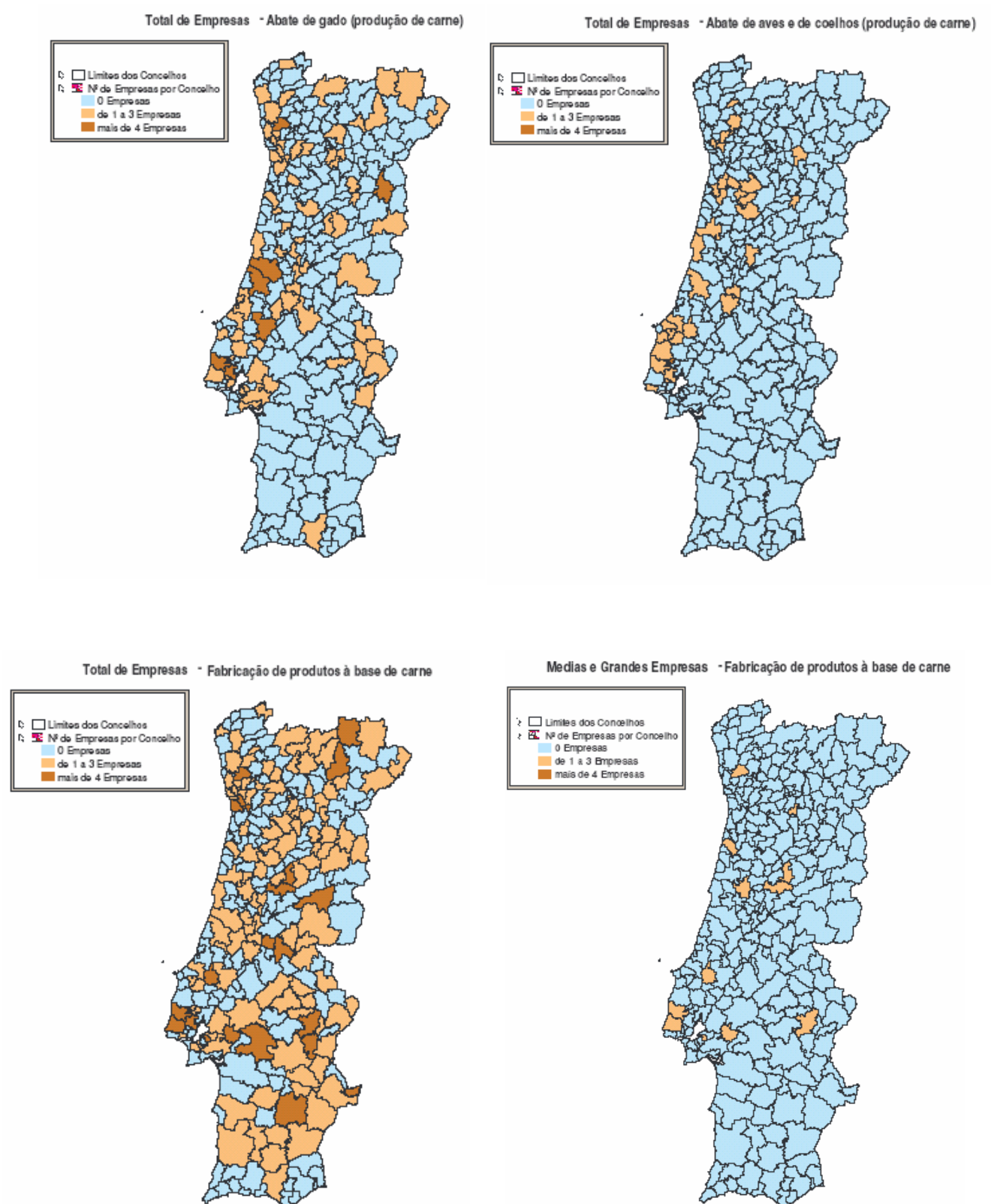
É ainda de acrescentar que não existe uma dependência da indústria transformadora em relação à produção nacional como fornecedor de matéria-prima, pois são utilizados produtos importados em quantidade considerável.

**Gráfico 22 - Empresas de fabricação de produtos à base de carne**



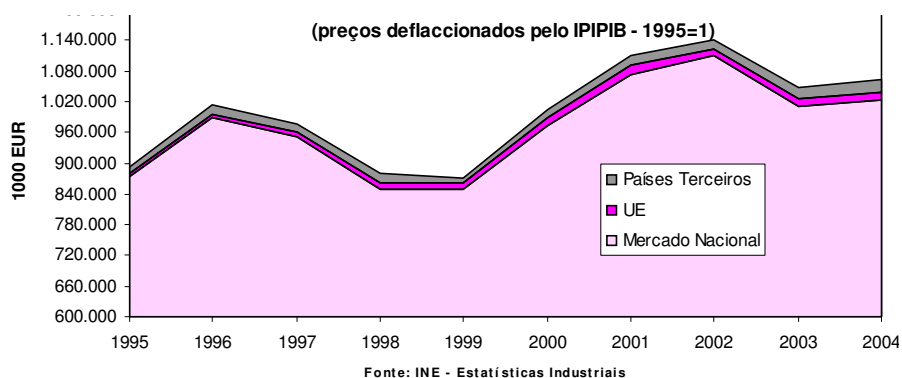
Fonte: INE

**Mapas 6 - Número e localização das empresas de transformação**



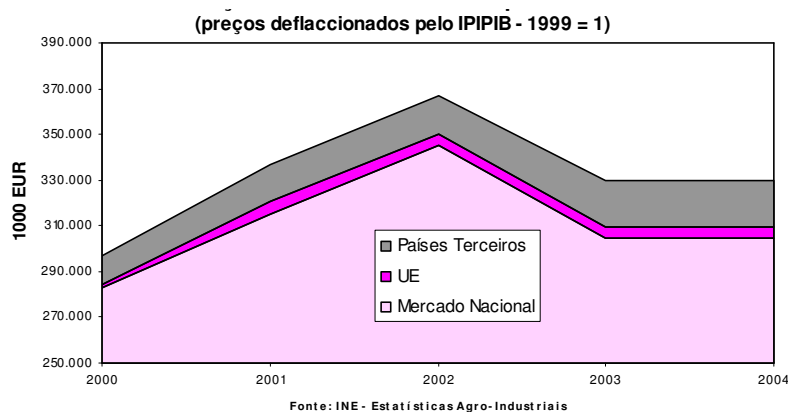
No que respeita ao volume de vendas total desta indústria, podemos observar uma evolução positiva desde 1995, no entanto, são notórias no perfil da curva as quebras resultantes de crises sanitárias como as relativas à BSE ou aos nitrofuranos. O mercado nacional é o destino prioritário destes produtos, tendo muito pouca expressão o comércio internacional.

**Gráfico 23 - Indústria de abate, preparação e conservação de carne e produtos à base de carne - Evolução do valor das vendas por destinos**

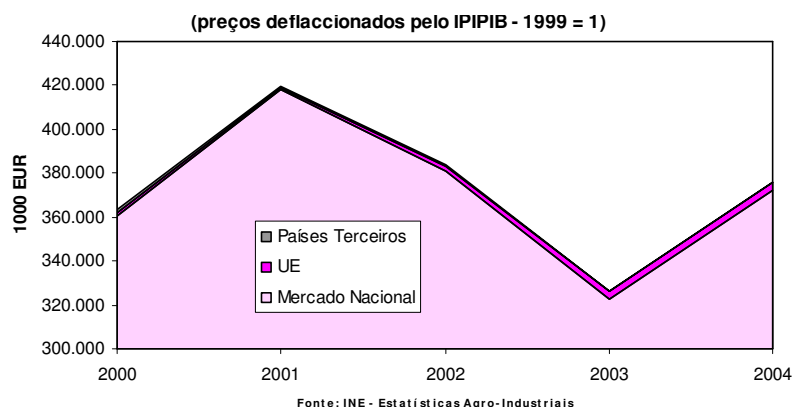


No entanto, as trocas com países terceiros assumem maior peso se considerarmos apenas os produtos transformados, fundamentalmente relacionadas com vendas de conservas e enchidos de suíno para países de expressão portuguesa. Porém, a recuperação de mercado destes produtos face à quebra de 2002-2003 não acompanha o total da actividade.

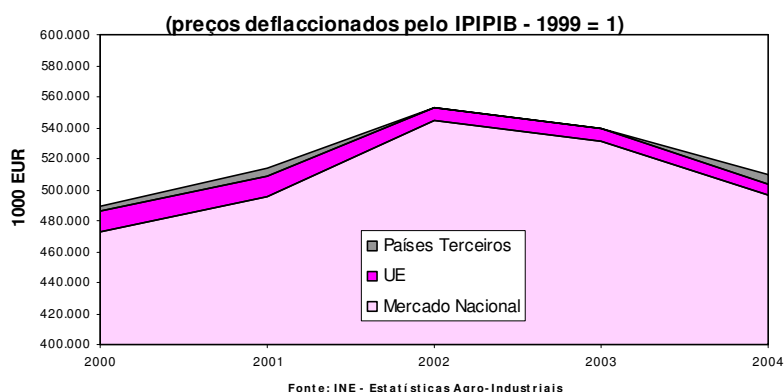
**Gráfico 24 - Fabricação de produtos à base de carne - Evolução das vendas por destinos**



Esta recuperação é maioritariamente resultante da produção de carne de aves e coelhos, que por sua vez foram o principal responsável pela quebra de 2001 a 2003, em consequência de crises de confiança do consumidor (nitrofuranos).

**Gráfico 25 - Abate de aves e coelhos - Evolução do valor das vendas por destinos**

A produção das restantes carnes, tem vindo a decrescer em valor desde 2002, com um acentuar dessa redução em 2003. É igualmente pouco expressiva a componente de comércio internacional.

**Gráfico 26 - Abate de gado (produção de carne) - Evolução do valor das vendas por destinos**

## 1.7. Comércio internacional

Tendo em conta as baixas taxas de auto-aprovisionamento descritas nos pontos anteriores verifica-se que o saldo da Balança Comercial agregada para o sector da carne (incluindo o comércio de animais vivos) é acentuadamente negativo. Para o ano de 2005 registou-se um défice de 550 Meuro (cerca de 20% da produção animal para o mesmo ano), situando-se este valor próximo da média do período 2000-2005 (556 Meuros).

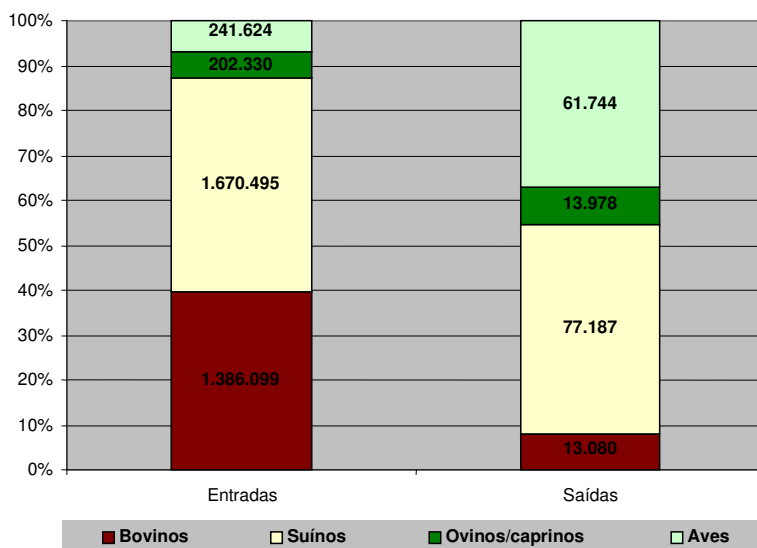
No entanto, embora o valor das saídas seja relativamente diminuto (61.7 Meuros em 2005) é de realçar o facto de estas terem crescido 472% no período 2000-2005 contribuindo para que o défice da balança comercial tenha diminuído cerca de 13% nesse período.

Em anexo estão apresentados os quadros relativos ao comércio internacional para cada sub-sector animal, em quantidades e valor.

No que respeita ao contributo em valor de cada sub-sector para o comércio internacional, pode concluir-se do gráfico 27, no total do período 2000-2005, os suínos contribuíram com o maior peso em termos de entradas e saídas (48% e 47% respectivamente). Nos restantes sub-sectores há a assinalar o peso relativo dos bovinos nas entradas (40%) e o das aves nas saídas (37%).

A evolução do saldo da balança comercial para cada sub-sector nos últimos cinco anos pode ser observada no gráfico seguinte. É possível concluir quanto a uma estabilidade para ovinos/caprinos e aves, sendo porém de registar uma inversão a partir de 2003 quanto à tendência de evolução anterior, com uma redução nos primeiros e um aumento nos segundos. Este aspecto resulta de uma redução de 22% nas entradas do sub-sector ovino/caprino e de um acréscimo de 39% nas entradas do sub-sector avícola, em sintonia com a evolução do consumo dos produtos de cada sub-sector.

**Gráfico 27 - Comércio internacional de carne e animais vivos 2000-2005 - Distribuição de valor por sector pecuário**



Fonte: INE

Relativamente a Bovinos e Suínos, é de realçar o efeito contrário verificado em 2001, com uma redução substancial do défice nos primeiros e um aumento nos segundos, devido fundamentalmente a uma redução de importações de carne de bovino, resultado da crise de consumo da BSE, e um conseqüente aumento das entradas de carne de suíno, efeito este anulado nos anos seguintes.

Em 2005, verificou-se uma redução no défice do sub-sector bovino, devido fundamentalmente a um aumento de saídas de animais vivos, que fez com que o valor das saídas relativas aumentasse cerca de 530% face a 2000, uma vez que apenas foi possível reatar este tipo de transacções no final de 2004, quando foi levantado o embargo a que Portugal se encontrava sujeito no âmbito da BSE desde 2001.

Se analisarmos as componentes do comércio internacional desagregadas, verificamos comportamentos diferenciados nos vários sub-sectores, conforme o Quadro 15<sup>8</sup>.

Nas saídas há a registar o peso das transacções de animais vivos para todos os sub-sectores, com maior preponderância nos ovinos/caprinos e aves.

Quanto à origem, a carne importada é, na sua quase totalidade, proveniente da UE (94,5%) sendo que o principal parceiro comercial é Espanha com 75% da quantidade total, embora com apenas 65% do valor. Note-se que o parceiro comercial seguinte, são os Países Baixos com apenas 5% da quota de produto importado, embora com 10% quando reportado ao valor das transacções. No que se refere a países terceiros é de realçar o Brasil, o qual embora tenha contribuído apenas com 3,1% em quantidade em 2005, duplicou o valor registado no ano 2000.

**Quadro 13- Comércio internacional de carne e animais vivos (1 000 euros)**

Bovinos - 2005 (1.000 euros)	Entradas		Saídas	
	valor	%	valor	%
Animais vivos	9.045	4%	4.846	64%
Carne	219.762	96%	2.716	36%
<b>Total</b>	<b>228.808</b>	<b>100%</b>	<b>7.562</b>	<b>100%</b>

Suínos - 2005 (1.000 euros)	Entradas		Saídas	
	valor	%	valor	%
Animais vivos	85.373	30%	8.612	59%
Carne	196.235	70%	6.089	41%
<b>Total</b>	<b>281.608</b>	<b>100%</b>	<b>14.701</b>	<b>100%</b>

Ovinos/Caprinos - 2005 (1.000 euros)	Entradas		Saídas	
	valor	%	valor	%
Animais vivos	1.122	4%	2.218	84%
Carne	27.648	96%	413	16%
<b>Total</b>	<b>28.770</b>	<b>100%</b>	<b>2.631</b>	<b>100%</b>

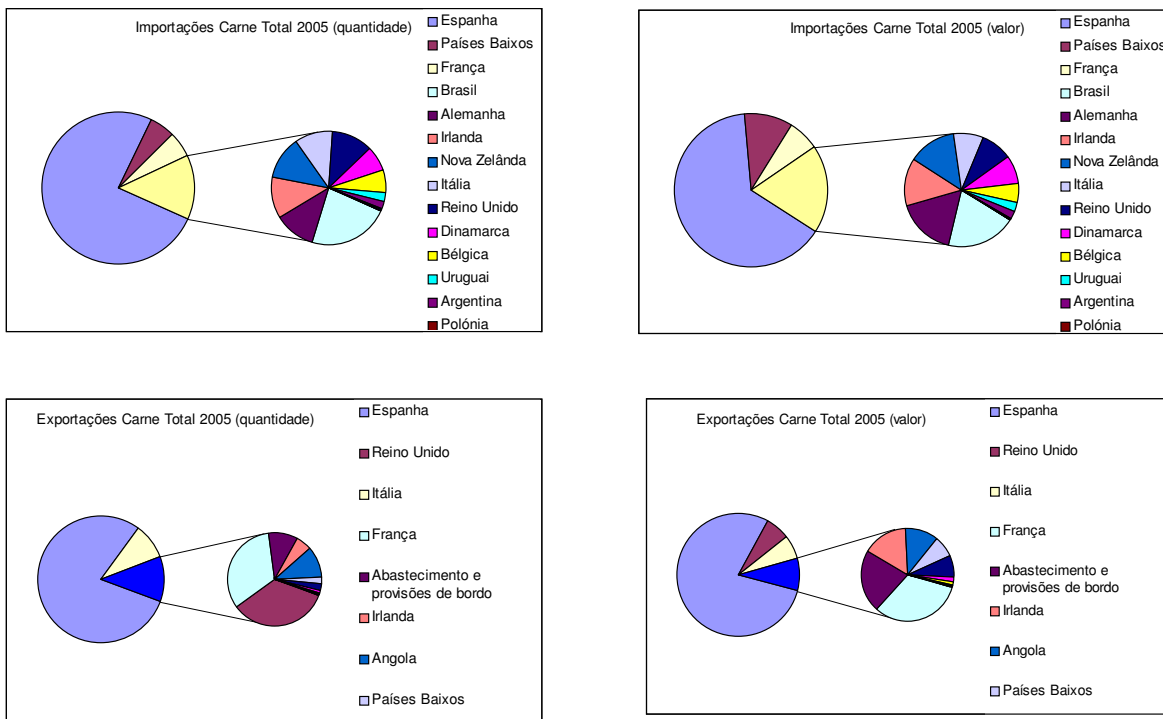
Aves - 2005 (1.000 euros)	Entradas		Saídas	
	valor	%	valor	%
Animais vivos	11.012	22%	10.197	74%
Carne	38.902	78%	3.531	26%
<b>Total</b>	<b>49.915</b>	<b>100%</b>	<b>13.728</b>	<b>100%</b>

Fonte: INE

<sup>8</sup> Analisado apenas 2005, por ser aquele em que se verificou comércio de bovinos vivos sem restrições.

As saídas têm por destino 26 países diferentes embora tenham por principal Espanha (54% em quantidade e 63% em valor) e Angola (20,8% em quantidade e 18,5% em valor).

**Gráfico 28 - Comércio internacional de carne**



Fonte: INE

## 2. Regimes de apoio e regulação

### Medidas de regulação de mercado

O sector das carnes e dos ovos é regulado por cinco Organizações Comuns de Mercado (OCM) - carne de bovino, carne de ovino e caprino, carne de suíno, carne de aves de capoeira e ovos -, que são um conjunto de disposições fixadas pelos normativos comunitários que regulamentam a produção e o comércio dos produtos agrícolas de todos os Estados-Membros da União Europeia. As OCM visam, sobretudo, cumprir os objectivos da Política Agrícola Comum e, nomeadamente:

- estabilizar os mercados,
- assegurar um nível de vida equitativo aos agricultores
- e aumentar a produtividade da agricultura.

Para atingir estes objectivos as organizações comuns de mercado permitem a utilização de diferentes mecanismos onde se destaca a:

- fixação de preços dos produtos agrícolas únicos para todos os mercados europeus;
- concessão de ajudas aos produtores ou aos profissionais do sector e incentivo da sua organização em agrupamentos;
- instituição de mecanismos que permitam o controlo da produção;
- e organização das trocas com os países terceiros.

Apesar dos objectivos comuns, a forma como cada uma das OCM evoluiu ao longo do tempo foi diferente, tendo em conta a importância e as características dos vários sectores ao nível da UE e as sucessivas reformas da Política Agrícola Comum.

No sector da carne, os únicos instrumentos financeiros de regulação do mercado que continuam activos incidem ao nível das restituições à exportação nos sectores da carne de bovino, suíno, aves de capoeira e ovos, e ao nível de medidas excepcionais de mercado previstas para intervir no mercado na sequência de crises sanitárias em todos os sectores das carnes e ovos.

No que se refere às restituições à exportação este instrumento tem vindo a perder importância, quer em resultado das sucessivas reformas da PAC, que permitiram em alguns sectores melhorar consideravelmente o equilíbrio do mercado, quer por força dos compromissos e negociações no âmbito da OMC. A prazo estes instrumentos deixarão mesmo de ser utilizados.

Nos sectores das carnes e dos ovos, os pagamentos directos aos agricultores apenas existem nos sectores da carne de bovino, ovino e caprino e foram introduzidos como forma de compensação parcial pela perda de rendimento resultante das diminuições dos preços fixados institucionalmente. Com a reforma da PAC de 2003 foram introduzidas profundas alterações nos regimes de apoio directo através da introdução do pagamento único por exploração, uma ajuda desligada da produção, que incorporou no que se refere aos sectores pecuários grande parte das ajudas directas existentes.

No entanto, e tendo em conta as opções nacionais de implementação, foi possível continuar a aplicar em Portugal um conjunto destas ajudas directas que mantém a obrigação de produzir mas com níveis de apoio inferiores aos verificados antes desta reforma. Assim continuam a aplicar-se o Prémio à Vaca Aleitante e o Prémio ao Abate de Vitelos ao nível anterior à reforma, o Prémio ao Abate de Adultos com um nível de ajuda de 40%, o prémio por ovelha e cabra e o pagamento complementar para zonas desfavorecidas com um nível de ajuda de 50%. Esta opção permitiu a manutenção de um nível de ajudas aos produtores numa

perspectiva de contrariar o abandono da actividade que um desligamento integral das ajudas da produção certamente provocaria, de acordo com a análise efectuada ao sector.

O abandono previsível da actividade, acarretaria consequências não só em termos de efectivo, mas também na SAU, uma vez que como já referido neste documento, estes sub-sectores têm um impacto territorial acrescido pela grande ocupação de superfície que os caracteriza. Esta situação pode-se verificar pela análise dos Mapas 4 a 6, que demonstram o impacto territorial do prémio à vaca aleitante, sendo possível concluir quanto ao efeito que estas disposições terão na manutenção de actividade, particularmente nas zonas mais susceptíveis de abandono. No âmbito desta reforma foram ainda criados dois envelopes financeiros, por dedução de 1% do total das ajudas pagas em Portugal nestes dois sectores, que permitem efectuar pagamentos complementares para tipos específicos de agricultura e produção de qualidade.

No quadro seguinte pode observar-se a repartição das despesas FEOGA - Garantia relativas a medidas de regulação de mercado e ajudas directas em Portugal a título do orçamento 2005. Este quadro ainda não reflecte os efeitos da reforma de 2003 pelo que os valores apresentados para os produtos vegetais, para a carne de bovino, de ovino e de caprino ainda incluem as ajudas directas que já se encontram desligadas da produção.

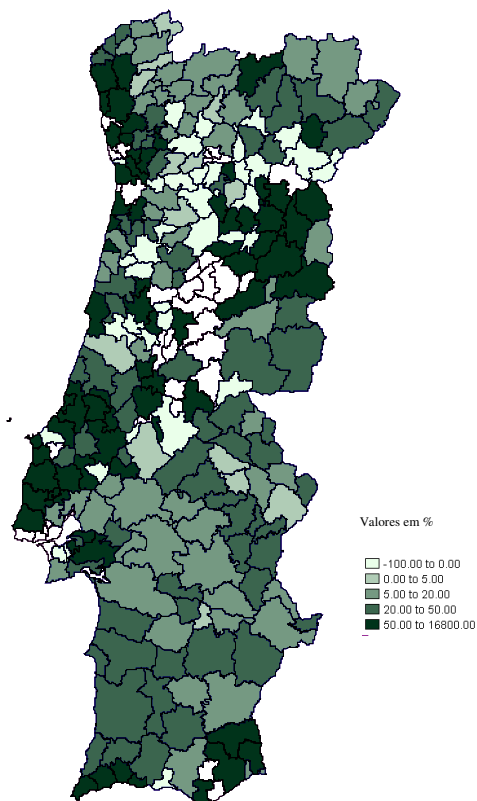
Deste quadro há que destacar, por um lado, a reduzida importância relativa das despesas nos sectores da carne de suíno, aves de capoeira e ovos, quer a nível nacional quer a nível da UE, e por outro o peso da despesa nos sectores da carne de bovino, ovino e caprino em Portugal ser significativamente superior à média comunitária. Esta situação resulta do elevado peso que as ajudas directas têm no total da despesa FEOGA- Garantia, e da importância relativa da produção de bovinos, ovinos e caprinos em Portugal face à média comunitária.

**Quadro 14- Repartição das despesas FEOGA-Garantia relativas a medidas de regulação de mercado e ajudas directas em Portugal a título do orçamento 2005 (milhões de euros)**

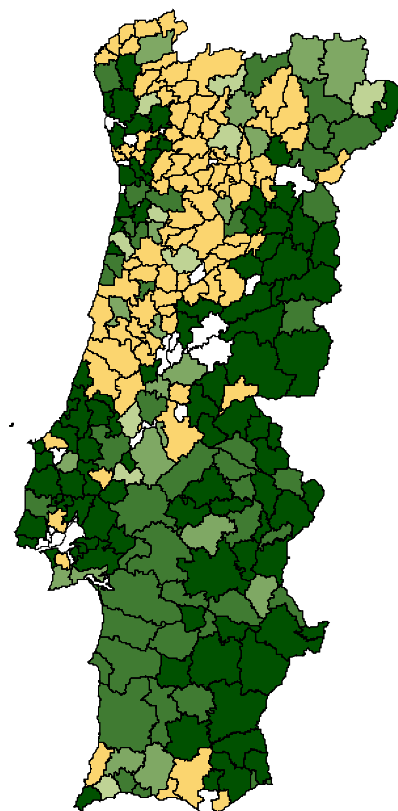
<b>Sectores de Actividade</b>	<b>Portugal</b>		<b>UE 25</b>	
<b>Produtos vegetais</b>	441,1	61,5%	29.469,3	69,6%
<b>Carne de bovino</b>	191,4	26,7%	8.176,0	19,3%
<b>Carne de ovino e de caprino</b>	61,1	8,5%	1.837,3	4,3%
<b>Carne de suíno, ovos, e aves de capoeira</b>	2,9	0,4%	140,9	0,3%
<b>Outros produtos animais</b>	21,1	2,9%	2.734,3	6,5%
<b>Total</b>	<b>717,6</b>	<b>100,0%</b>	<b>42.357,8</b>	<b>100,0%</b>

Fonte: FEOGA

**Mapa 7 - Variação percentual do número de animais inscritos na ajuda às vacas aleitantes**



**Mapa 8 - Variação do número de animais inscritos no prémio às vacas aleitantes 2000-2005**



Em anexo apresentam-se dados com o Apoio Directo e ao Investimento no sector animal - produção e transformação 2000-2005. Incluem-se os apoios atribuídos no âmbito de incentivos ao Investimento (Programa AGRO) e os apoios do Feoga-garantia.

### **2.1. Regimes de qualidade e diferenciação regulada**

A análise do quadro seguinte permite-nos constatar que os regimes de certificação da qualidade têm uma expressão reduzida no total produzido a nível nacional. O sub-sector dos bovinos é aquele que recorre mais a estes tipos de diferenciação atingindo, apenas, 4% da produção nacional no ano de 2003, ao passo que nos suínos é registado o valor mais baixo, 0,1%.

No caso do sector bovino é de apontar o contributo que a associação entre raças autóctones com produtos DOP tem exercido para dar dinâmica a algumas raças e vice-versa. No entanto, nem todas as raças poderão obter benefícios significativos pela associação a um produto de qualidade devido a factores produtivos, factores estruturais como a dimensão das

explorações, a dimensão do efectivo global, a ausência de estruturas de comercialização/transformação, etc.

**Quadro 15- Repartição das quantidades de carne comercializada através de regimes de diferenciação e de qualidade certificada**

Ano: 2003	Produção Total	Total produções diferenciadas		DOP		IGP		ETG		AB		Rotulagem Facultativa	
	kg carcaça	kg carcaça	%	kg carcaça	%	kg carcaça	%	kg carcaça	%	kg carcaça	%	kg carcaça	%
Bovina	105.772.000	4.387.578	4,1	1.968.814	44,9	33.000	0,8	112.375	2,6	18.329	0,42	2.255.060	51,4
Ovina	22.428.000	354.278	1,6	3.970	1,12	287.282	81,09	0	0,00	63.026	17,79	0	0,00
Caprina	1.730.000	26.125	1,5	6.854	26,24	16.930	64,80	0	0,00	2.341	8,96	0	0,00
Suína	354.875.000	417.207	0,1	413.700	99,16	0	0,00	0	0,00	3.507	0,84	0*	0,00
Aves	271.441.000	4.031.841	1,5	0	0,00	0	0,00	0	0,00	12.164	0,30	4.019.677	99,70
<b>Totais</b>	<b>756.246.000</b>	<b>9.217.029</b>	<b>1,2</b>	<b>2.393.338</b>	<b>25,97</b>	<b>337.212</b>	<b>3,66</b>	<b>112.375</b>	<b>0,01</b>	<b>99.367</b>	<b>1,08</b>	<b>6.274.737</b>	<b>68,08</b>

\* não disponível

Note-se que não se encontra um padrão claro sobre o tipo de produção mais diferenciável uma vez que, tanto nas produções mais intensivas, com preços unitários baixos, encontramos situações de produção diferenciada (aves) e de não diferenciada (suínos), como nas produções extensivas se passa a mesma situação.

Recorrendo a uma agregação total em quilogramas de carcaça obtém-se um valor de 1,2% de produção diferenciada, sendo que destes a maior parte (68%) refere-se a sistemas de rotulagem facultativa. Estes valores restringem-se à carne produzida em Portugal. Ao reportar a produção diferenciada ao total de carne consumida obtém-se um valor de oferta de produto diferenciado de apenas 1% (no caso da carne de bovino passa-se de 4% para 2,3%).

### 3. Situação internacional – Análise global

#### 3.1. União Europeia

Os mercados das carnes da União Europeia estão actualmente a regressar a uma situação de normalidade, após alguns condicionalismos de grande impacto ocorridos nos últimos anos, maioritariamente resultantes de crises sanitárias.

No que respeita à carne de bovino, o consumo comunitário é superior à oferta interna, com um Grau de Auto-Aprovisionamento em 2004 de cerca de 97,9%, o que representou uma redução de 4,1% face ao ano anterior.

Com efeito, pela primeira vez em 20 anos, em 2003 a produção comunitária de carne de bovino foi inferior ao consumo, sendo esta situação previsível de se manter no período 2005-2012 devido a:

- Redução do efectivo leiteiro, e consequente diminuição de vitelos para engorda;
- Impacto do desligamento das ajudas comunitárias;

Por outro lado, a produção de carne de suíno tende a manter uma ligeira tendência de crescimento até 2013, em consequência de:

- Procura estável tanto na UE15 como nos novos Estados-Membros;
- Bons níveis de preços com relativamente baixos custos da alimentação que perspectivam uma rentabilidade das explorações. No entanto existe alguma imprevisibilidade neste particular, tendo em conta a emergência de aspectos que irão pressionar os preços das matérias-primas (tais como, fracas colheitas, concorrência dos biocombustíveis, desligamento ajudas).

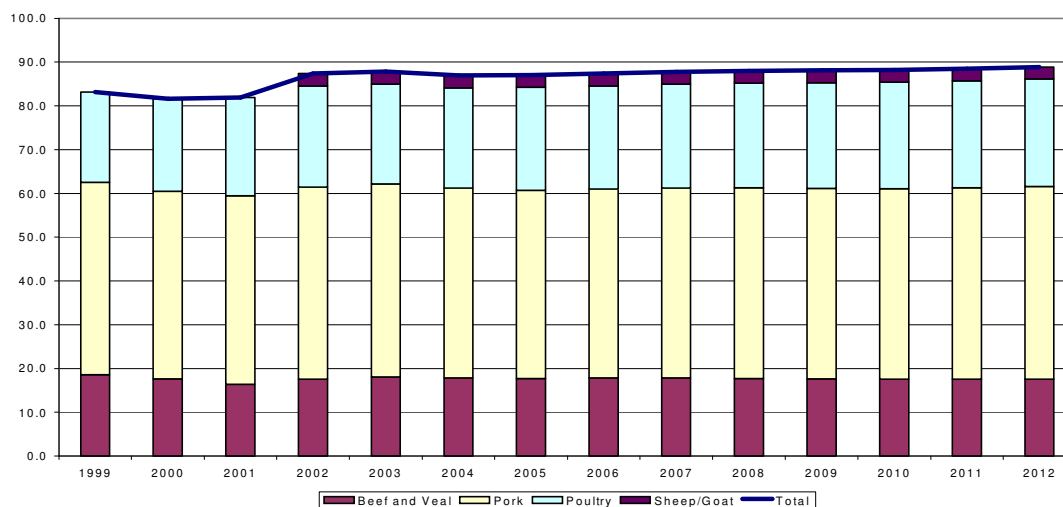
É também expectável que a procura e produção de carne de aves se mantenha forte, sendo no entanto de prever perturbações no mercado devidas a crises sanitárias (em particular a gripe aviária).

É também possível que se verifique alguma recuperação na carne de ovino e de caprino, após a crise de febre aftosa em 2001, sendo no entanto limitada esta evolução, mas que pode resultar em aumento dos preços de mercado destas carnes. No entanto, as opções quanto ao desligamento das ajudas ao sector em Estados-Membros como Irlanda e Reino Unido, vão contrariar este efeito, com um impacto negativo na produção por abandono da actividade, e a consequente redução da oferta interna comunitária, o que associado a uma redução do consumo destas carnes em toda a EU vai certamente condicionar a margem de progressão do sector.

Estas perspectivas para o período 2005-2013 não entram, no entanto, com o resultado das negociações da OMC, que se encontram actualmente em curso, e que vão certamente influenciar o comportamento dos sub-sectores da carne.

Com efeito, quer pela redução dos níveis de apoio nos sectores que actualmente beneficiam desses regimes, quer pela redução de barreiras alfandegárias com o aumento da pressão da oferta externa a fazer-se sentir com maior intensidade, em sectores que são já importadores líquidos a nível comunitário, levantam-se algumas dúvidas quanto ao impacto que pode ser sentido nesta previsão de evolução.

O consumo total de carnes na UE25 deve manter-se estável no período 2005-2013, não se prevendo variações significativas ao nível da distribuição do consumo de cada uma das carnes no total.

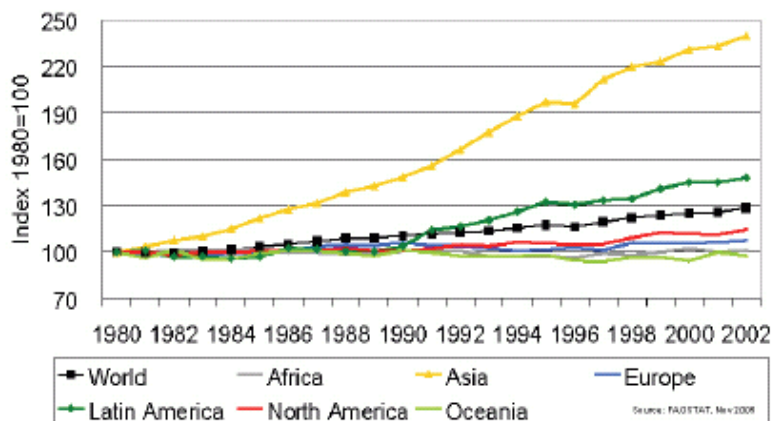
**Gráfico 29 - Consumo per capita (UE25) em Kg equivalente carcaça/habitante**

Fonte: Eurostat

### 3.2. Situação mundial

O comércio mundial de carne tem vindo a ser afectado nos últimos anos por crises de confiança do consumo, devidas a receios relacionados com a segurança alimentar, sendo previsível que o mesmo venha a acontecer no futuro, prejudicando mercados que de outra forma teriam uma evolução muito mais positiva, e dificultando uma análise de perspectiva dessa evolução no futuro.

No entanto, é seguro afirmar que existe um firme aumento do consumo à escala mundial, suportado numa conjuntura macroeconómica favorável de crescimento do rendimento, em particular em países da Ásia e da América Latina, assim como alteração do regime alimentar em muitas regiões, com uma cada vez maior inclusão de carne. Os maiores aumentos de consumo nos últimos 25 anos ocorreram precisamente nestas duas regiões, mais do que duplicando na Ásia, e crescendo 60% na América Latina.

**Gráfico 30 - Crescimento mundial do consumo total de carnes per capita**

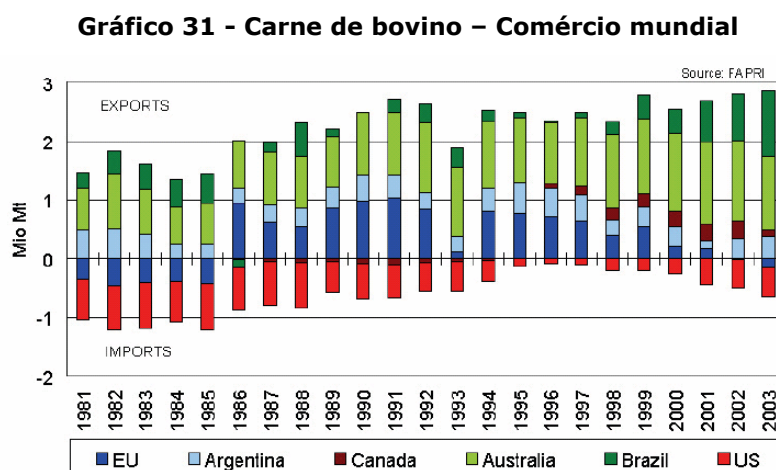
Fonte: FAOSTAT in Monitoring Agri-trade Policy da DG AGRI

Este aumento do consumo de carnes tem vindo a ocorrer em muitos países que são importadores líquidos destes produtos, aumentando o comércio mundial e conferindo um carácter forte aos respectivos preços mundiais, apesar de algumas variações anuais.

Dos principais sub-sectoros, o da carne de bovino tem sido o que apresenta menor dinamismo, com o contrário a registar-se na carne de aves.

### Carne de Bovino

O consumo mundial apresenta um decréscimo desde 1991, sendo actualmente ligeiramente compensado por um pequeno aumento na Ásia. No entanto, o peso desta carne no total de carnes é ainda muito reduzido nesse continente, o que denota um potencial de crescimento.



Fonte: FAPRI *in* Monitoring Agri-trade Policy da DG AGRI

A produção mundial de carne de bovino seguiu de perto os padrões de consumo, com uma grande redução na Europa, um grande crescimento na Ásia e na América Latina, com maior expressão no primeiro caso.

Na Ásia o maior produtor é a China, que desde 1980 evoluiu de uma posição negligenciável à escala mundial para um valor idêntico ao total da UE15 em 2005.

Como referido anteriormente, a UE inverteu a sua posição no mercado mundial, confirmando-se como importador líquido, em consequência de uma redução de produção motivada por problemas de crises sanitárias, reformas de políticas e retoma de níveis de consumo.

O maior consumidor e produtor mundial são os EUA, que têm apresentado crescimento moderado de ambos os parâmetros nos últimos 25 anos. Neste período, é de realçar o

aumento do carácter importador líquido deste país em termos de produção, mas que em valor se afirma como exportador líquido, tendo no entanto sentido recentemente o efeito de um embargo às exportações devido à BSE.

Austrália e Brasil são os principais países exportadores, representando em conjunto cerca de 80% do total de exportações mundiais de carne de bovino.

**Carne de Suíno**

A produção mundial de carne de suíno apresenta o segundo lugar em termos de crescimento mundial, após a carne de aves, mas em quantidade este sub-sector continua a ser o de maior dimensão à escala mundial.

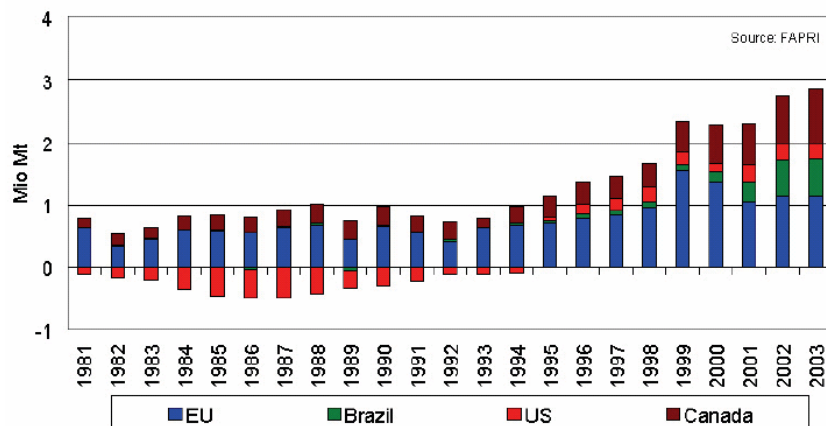
A predominância da Ásia é evidente, com a China a representar quase 50% do consumo e da produção mundial desta carne.

O consumo estagnou na Europa na última década, e apenas aumentou ligeiramente na América do Norte, no mesmo período.

A produção de carne de porco ocorre maioritariamente onde se situa a procura, levando a uma baixa expressão do comércio mundial para esta carne, sendo que apenas 5% do total de comercialização desta carne se efectua através de trocas internacionais. No entanto esta componente tem vindo a aumentar na última década.

A quota de mercado dos EUA no comércio mundial de carne de porco tem sido de cerca de um terço, no entanto, recentemente foi reduzida por aumento das exportações por parte do Canadá e do Brasil.

**Gráfico 32 - Carne de suíno – Comércio mundial**



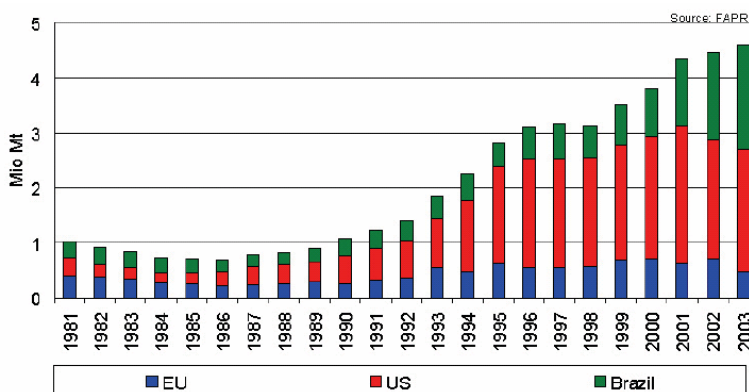
Fonte: FAPRI in Monitoring Agri-trade Policy da DG AGRI

## Carne de Aves

Na última década, a carne de aves ultrapassou a carne de bovino em termos de consumo e produção mundial, com um aumento de consumo anual de cerca de 5%, sem qualquer redução nos últimos 25 anos. No entanto, a crise da gripe das aves pode resultar numa inversão desta tendência, significando a primeira grave perturbação deste mercado à escala mundial, não existindo ainda dados concretos que permitam inferir sobre as consequências reais no sector.

Os níveis de crescimento na produção e no consumo têm sido particularmente elevados na Ásia (que representa cerca de um terço do total mundial de produção e de consumo) e na América Latina, e menores na Europa e na América do Norte. Estas últimas têm mesmo apresentado um abrandamento significativo na expansão deste sub-sector, desde 1992.

**Gráfico 33 - Carne de aves – Comércio mundial**



Fonte: FAPRI in Monitoring Agri-trade Policy da DG AGRI

Na maioria dos casos, a produção segue o consumo em termos regionais, o que significa um peso reduzido do comércio internacional neste sub-sector, no entanto, é de realçar que esta vertente duplicou nos últimos 10 anos.

A posição de maior exportador mundial que os EUA apresentavam foi recentemente assumida pelo Brasil.

### Perspectiva global de evolução futura

O comércio mundial de carne de bovino é expectável que cresça cerca de 50% na próxima década, com a maior parte deste crescimento a ser proveniente da Ásia, do México e do Egipto, com a Rússia a ter um crescimento moderado devido a ter introduzido quotas de importação em 2003.

Após uma redução recente no comércio internacional de carne de porco, em consequência da oferta reduzida, crises económicas e sanitárias, de acordo com a OCDE, é previsível uma expansão renovada deste sub-sector, em consequência de um aumento da procura no Japão, na China e no México.

No entanto, é a carne de aves que se prevê que venha a conquistar a maior parte da quota de mercado resultante do acréscimo do consumo mundial de carne, em consequência dos reduzidos custos de produção desta carne, relativamente à carne de bovino e de suíno, e ainda às preferências dos consumidores responsáveis pelo aumento da procura. Em consequência, o comércio mundial desta carne é também previsível que venha a aumentar, sendo no entanto este aumento dependente das perspectivas de pedidos de importação por parte da China e do Japão, uma vez que a Rússia também tem quotas estabelecidas para importação desta carne.

A médio prazo, no que respeita a exportações, é de prever a consolidação e o crescimento da posição do Brasil como maior país ao nível de comércio mundial de carnes, resultante do facto de apresentar uma moeda fraca, baixos custos de alimentação animal e fortes investimentos realizados no sector da produção animal.

Ao nível dos preços, é de prever um aumento da pressão para redução dos preços mundiais, em todas as carnes, resultado da emergência de novos países exportadores, nos quais se tem verificado um aumento da eficiência na alimentação animal, alterações estruturais e ainda o facto de apresentarem reduzidos custos de produção, que na carne de bovino, em média, são cerca de 1,5 a 2 vezes inferiores aos da UE. Deste modo, a carne de bovino é o sub-sector que pode ter maior expressão deste aspecto, visto ser também aquele em que o peso do comércio internacional é superior, para além da competição com as restantes carnes, de preço mais reduzido.

#### **4. Pecuária e ambiente – abordagem sumária**

Numa abordagem ambiental pode-se sucintamente balizar a relação dos operadores da fileira da carne (produtores pecuários e matadouros) com o território através das suas externalidades:

- negativas - poluição gerada pelos efluentes agro-pecuários e agro-industriais:  
Dentro dos vários sub-sectores da pecuária apontam-se os sistemas de exploração intensivos, particularmente representados pela suinicultura, a bovinicultura de leite e engorda e em menor escala a avicultura, como as

actividades exercem uma pressão negativa sobre os recursos naturais (água, solo, ar).

- e positivas (ou de mitigação) - carácter multifuncional das pastagens em sistemas pecuários extensivos

No caso dos sistemas de exploração extensivos, característicos da bovinicultura (vacas aleitantes) da ovinicultura, os baixos encabeçamentos e o aproveitamento/ desenvolvimento de pastagens naturais e semeadas possuem vantagens consideráveis para uma gestão sustentável do território.

O relatório da FAO, de 2006, "*livestock long shadow – environmental issues and options*" diagnostica os impactos do sector pecuário, a nível global, nos problemas ambientais (degradação do solo, da água, da biodiversidade e contributo importante para as alterações climáticas)<sup>9</sup> e avança com linhas de acção para a mitigação desses problemas.

Como principais conclusões/recomendações apontam para:

- os preços dos produtos e as taxas de uso dos recursos devem reflectir os custos ambientais. Devem introduzir-se selectivamente taxas pelo uso dos recursos, retirar subsídios prejudiciais e em alguns casos serão necessários incentivos;
- os serviços ambientais devem ser remunerados, particularmente ao nível dos sistemas de exploração extensivos no que se refere à optimização dos recursos (caso da conservação do solo), manutenção da paisagem e da vida selvagem, ou sequestro de carbono.

O relatório prevê uma variedade de medidas técnicas específicas na maior parte dos casos realcionada com a conservação do solo e como os efluentes:

silvopastorícia, cobertura do solo (restolho e culturas de cobertura); melhoria da gestão dos efluentes (incluindo biogás) e sua valorização agrícola; os aumentos da produtividade (agrícola e animal) enquanto factor redutor de emissões ou uso do solo.

Dentro deste alinhamento abordam-se de seguida os impactos da pecuária no ambiente, no quadro dos sistemas produtivos nacionais.

#### *a) Externalidades negativas – efluentes agro-pecuários e agro-industriais*

---

<sup>9</sup> Alguns dados: Pecuária (incluindo pastagens e culturas para alimentação animal) ocupam 30% da superfície do planeta, geram 18% dos GEE, 37% do metano e 65% do óxido nítrico antropogenico, 8% do uso global de água 37% do uso de pesticidas e 50% do uso de antibióticos)

No quadro do desenvolvimento da Estratégia Nacional para os Efluentes Agro-Pecuários e Agro-Industriais<sup>10</sup> foi avaliada a carga poluente dos sectores pecuários com vista à definição de prioridades para o seu tratamento.

Parte significativa dos efectivos pecuários, caso das vacas aleitantes (cerca de 30% do efectivo nacional) ou os ovinos e caprinos, tendo em conta o modo extensivo de exploração e/ou a sua localização geográfica, pode considerar-se que os seus dejectos, não constituem uma pressão poluente sobre o meio ambiente.

No caso da suinicultura, avicultura e bovinicultura de leite e engorda, os sistemas de produção estão associados, na sua quase totalidade, a regimes de estabulação/confinamento, em que são geradas quantidades significativas de efluentes (particularmente chorumes), os quais progressivamente têm dificuldades de escoamento/tratamento.

Nestes sectores, o principal problema está centrado na carga de nutrientes sendo que nos matadouros o problema relaciona-se sobretudo com a carga orgânica. A estimativa de carga poluente medida em habitante-equivalente aponta para que os sectores produtivos (Bovinicultura intensiva, suinicultura e avicultura) gerem mais de 15 milhões habitantes-equivalente. No caso da bovinicultura o problema centra-se no Azoto (9 milhões hab.-eq) enquanto que na suinicultura o problema refere ao fósforo (4.3 e 3.6 milhões hab.-eq, respectivamente).

Esta situação veio a agravar-se, em Portugal, através do efeito conjugado:

- do aumento da concorrência ao nível destes produtos, potenciado pela crescente abertura dos mercados, o que tem gerado a concentração regional e/ou intensificação da produção.
- do desenvolvimento urbano, no seio do espaço rural, tendo criado situações de desequilíbrio e pressão ambiental sobre os tradicionais "sumidouros" de matéria orgânica e nutrientes.
- do acréscimo contínuo de exigências regulatórias e normativas no âmbito da partilha dos recursos.

A este nível existe uma clara necessidade de planeamento de uma gestão sustentável dos recursos e da inclusão da fileira da produção animal pecuários de forma integrada, potenciando a valorização agrícola dos efluentes.

*b) Externalidades positivas - carácter multifuncional das pastagens em sistemas pecuários extensivos*

---

<sup>10</sup> ENEAPAI: Despacho Conjunto SEA e SEAAP 1098/2005 de 28 de Dezembro.

Nos sistemas agrícolas tradicionais nacionais as pastagens utilizadas para a alimentação animal baseavam-se fundamentalmente, em pastagens naturais, pousios, incultos e restolhos de cereais.

Ambiental. Estes sistemas produtivos baseados no pastoreio encerram várias vantagens de que se destaca:

- Combate à erosão dos solos, particularmente em zonas marginais;
- Aumento da fertilidade do solo (fixação de azoto e matéria orgânica);
- Melhoramento do regime hídrico do solo (ao nível da retenção/infiltração de água no solo);
- Capacidade de intervir/gerir território – ocupação territorial, descontinuidades florestais...
- Sinergia com a componente florestal (melhoria das condições vegetativas da floresta, particularmente do montado);
- Sumidouro de carbono.

Com a recente reforma da PAC, designadamente o Regime de Pagamento Único com a introdução do desligamento das ajudas iniciado para o sector dos cereais em 2005, veio permitir potenciar a utilização de vastas áreas (muitas delas marginais) para utilização em pastoreio. Assim, o efeito conjugado da reduzida de competitividade de alguns sistemas cerealíferos de sequeiro, com a possibilidade da expansão pecuária (tendo em conta o aumento do número de direitos e a manutenção de ajudas ligadas à produção) e ainda com a necessidade de reduzir custos, perspectivam, no quadro das políticas públicas existentes, um incremento do modo de produção extensivo.

Este tipo de reconversão tem vindo a aproveitar algum do conhecimento sobre pastagens semeadas/melhoradas que entretanto se desenvolveu em alguns pólos (ao nível de empresas privadas - e de organismos do Estado – ENMP). Com efeito, instalação e utilização deste tipo pastagens obriga a um nível de conhecimento técnico que não se coaduna com a simples utilização de pastagens naturais.

Contudo, o previsível aprofundamento da reforma da PAC, com o expectável desligamento das ajudas aos animais, a prazo, poderá ser conducente a tornar algumas explorações pecuárias extensivas inviáveis com a consequente substituição do efectivo pecuário para opções silvícolas ou mesmo abandono com a redução do pastoreio e aumento da carga combustível.

## 5. Raças autóctones

### a) Situação actual

Apesar de ser um país geograficamente pequeno, Portugal apresenta uma biodiversidade e um património genético considerável ao nível dos animais domésticos, que se traduz na existência de 53 raças autóctones reconhecidas, sendo 42 respeitantes a espécies cuja utilização se centra no domínio da actividade pecuária, ou seja, excluindo os Equinos e os Canídeos, distribuídas de acordo com o quadro seguinte.

**Quadro 16- Raças autóctones por espécies**

<b>Espécie</b>	<b>Raças Autóctones</b>
Bovinos	15
Ovinos	16
Caprinos	5
Suínos	3
Galináceos	3
<b>Total</b>	<b>42</b>

A situação de cada uma destas raças, mesmo dentro de cada espécie, é muito variável em termos de efectivo total, efectivo de conservação, número de criadores e estatuto de risco previsto na legislação comunitária <sup>11</sup>.

É de referir que, em termos gerais, todas estas raças se encontram sujeitas a uma ameaça de extinção, não apenas pelo efectivo reduzido que apresentam, mas também por outros factores como um reduzido número de criadores, efectivos médios muito reduzidos e, ainda, pelas características próprias da sua utilização na actividade económica.

A evolução destas raças apresenta também diferenças acentuadas, pois se em certos casos houve nos últimos anos um aumento de efectivo, noutros a situação foi diametralmente oposta.

Para estas diferenças contribuíram diversos factores, como a concorrência de espécies exóticas, mais competitivas em termos de actividade económica das explorações, e a

<sup>11</sup> Regulamento (CE) n.º 445/2002, da Comissão, de 26 de Fevereiro.

dimensão económica do sub-sector pecuário de cada espécie, que em certos casos regrediu nos últimos anos, consequentemente originando um decréscimo de animais que se reflecte nos pertencentes às raças autóctones.

**Quadro 17- Fêmeas de raças autóctones inscritas em Livro Genealógico / Registo Zootécnico**

Espécie	Raça	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
<b>Bovina</b>	Alentejana	7.400	7.200	7.200	7.200	7.200	7.200	7.400
	Arouquesa	9.650	6.300	5.400	5.400	4.800	4.800	5.800
	Barrosã	7.400	7.100	7.100	7.100	7.100	7.100	7.100
	Brava	9.000	7.500	8.000	8.000	8.000	9.000	8.925
	Cachena	610	610	700	740	870	850	950
	Garvonesa	124	116	145	153	145	145	141
	Marinhosa	5.400	4.170	3.150	3.000	3.100	2.500	2.000
	Maronesa	6.693	6.500	5.913	5.871	5.512	5.512	5.753
	Mertolenga	11.894	11.894	14.063	14.878	14.983	14.983	18.703
	Minhota	5.950	5.950	5.500	6.200	6.230	6.634	6.700
	Mirandesa	8.500	5.800	5.700	5.849	4.800	5.000	5.424
	Preta	4.000	4.000	3.926	4.000	3.900	4.000	3.466
Ramo Grande	311	345	382	457	509	597	702	
<b>Ovina</b>	Bordaleira Entre Douro Minho				4.500	4.990	4.288	8.924
	Campaniça	4.700	4.650	4.952	4.939	4.939	5.000	6.400
	Churra Algarvia	3.000	2.500	2.500	2.500	1.353	1.353	2.220
	Churra Badana	2.705	2.705	1.926	1.924	2.039	2.039	2.691
	Churra Galega Bragançana	8.164	8.164	8.856	9.524	9.555	9.555	9.585
	Churra Galega Mirandesa	4.680	4.680	4.976	6.125	6.895	7.352	7.823
	Churra Mondgueira	4.500	4.500	4.950	4.850	3.212	2.863	3.500
	Churra Terra Quente	52.253	50.023	43.719	34.377	27.903	33.026	29.299
	Merina Branca	23.000	23.000	23.000	23.000	23.000	23.000	23.000
	Merina Preta	5.700	5.700	6.500	8.500	8.500	9.000	9.000
	Merino da Beira Baixa	4.517	4.517	3.977	3.792	5.481	6.214	7.515
	Saloia	4.729	4.500	5.822	6.887	7.764	7.150	7.281
Serra da Estrela	11.106	13.187	13.018	13.323	13.288	13.288	15.303	
<b>Caprina</b>	Algarvia	5.000	5.000	5.000	5.000	4.306	4.323	4.494
	Bravia	9.000	9.000	8.908	9.700	9.800	9.600	9.591
	Charnequeira	10.000	10.000	9.000	5.512	4.456	4.750	4.736
	Serpentina	4.467	4.467	3.863	3.408	3.710	3.728	4.320
	Serrana	20.000	18.500	16.500	18.000	18.800	16.000	19.500
<b>Suína</b>	Alentejana	6.060	6.000	6.000	7.000	7.000	7.000	9.000
	Bisara	720	700	770	800	980	950	1.268
	Malhado de Alcobaça							200
<b>Galináceos</b>	Lusitana	2.450	2.700	2.700	2.970	3.267	3.594	2.300
	Preta Lusitânica						1.500	600
	Pedrês Portuguesa						4.500	800

Fonte: DGV

Espécie	Raça
<b>Bovina</b>	Algarvia
	Jarmelista
<b>Ovina</b>	Churra do Minho
	Churro do Campo
	Churro Marialveiro

Acresce referir que do quadro anterior não constam as raças ao lado identificadas, que foram recentemente reconhecidas, uma vez que ainda não há um conhecimento concreto do efectivo, encontrando-se este em fase de caracterização, e que apresentam o estatuto de raras/particularmente ameaçadas.

**b) Conservação e melhoramento**

Actualmente, todas as raças autóctones reconhecidas estão abrangidas por um programa de melhoramento e selecção e com informação registada em Livro Genealógico, porém também neste aspecto as situações diferem entre espécies, particularmente no que respeita à sistematização da recolha de informação produtiva, demográfica, genética e publicitação dos respectivos resultados

No que respeita à caracterização produtiva, e análise de performances, essa recolha encontra-se mais generalizada, no entanto, a informação é ainda dispersa e pouco sistematizada em algumas espécies/raças.

É de salientar que, embora ainda haja muito para fazer neste domínio, existe uma preocupação na conservação deste património, e na sua manutenção, da qual resulta a existência de efectivos de conservação, mantidos quer por instituições públicas quer por Associações de Criadores, que, para além do objectivo de conservação, têm também contribuído para a realização de estudos de caracterização aprofundados e ainda, em alguns casos, funcionando como centros de selecção de reprodutores, com importante impacto genético nas raças respectivas.

No entanto, o objectivo primordial destes efectivos é de facto a conservação *in situ* deste património genético, assegurando a sua diversidade e promovendo a variabilidade genética intra-racial, sem a qual as raças podem ficar sujeitas a uma erosão genética que, para além do impacto geral em termos de património e de biodiversidade, lhes retira capacidade global de adaptação a situações adversas, acentuando a ameaça de extinção.

Neste âmbito, as Associações de Criadores, enquanto entidades responsáveis pela manutenção dos Livros Genealógicos, têm assumido um papel de relevo na gestão do património genético de cada raça.

Por outro lado, o conjunto de apoios integrados nas Medidas Agro-Ambientais <sup>12</sup> tem constituído um incentivo fundamental à manutenção destas raças, que permitiu inclusivamente, e em alguns casos, um crescimento do efectivo nos últimos anos.

De facto, caso não existissem estes apoios, certamente que o actual risco de extinção seria maior para muitas das raças em questão, para não dizer mesmo em todas elas, uma vez que através destes incentivos foi possível fomentar a manutenção dos seus efectivos, e assim contribuir para a sua conservação *in situ*.

---

<sup>12</sup> Reg. (CE) n.º 445/2002, da Comissão, de 26 de Fevereiro.

### c) Utilização sustentável

Para além dos programas de selecção e melhoramento e das medidas de apoio à conservação, outro factor que tem contribuído para um desenvolvimento sustentável da utilização das raças autóctones, é a certificação de produtos através de regimes comunitários de qualidade reconhecidos, como Denominações de Origem e Indicações Geográficas, e respectivos sistemas de protecção.

Esta certificação, que actualmente abrange um leque considerável de raças autóctones, utilizadas, quer em linha pura quer através de cruzamentos, tem permitido alguma afirmação comercial pela valorização dos aspectos qualitativos das mesmas, e dos respectivos sistemas de produção, quer ao nível da carne fresca e da salsicharia, como dos produtos lácteos, representados nos seguintes quadros:

**Quadro 18- Sistemas de protecção associados a raças autóctones - Carnes e produtos de salsicharia**

Espécie	Raça	DOP	IGP
<b>Bovina</b>	Arouquesa	"Carne Arouquesa"	
	Barrosã	"Carne Barrosã"	
	Cachena	"Carne Cachena da Peneda"	
	Maronesa	"Carne Maronesa"	
	Mirandesa	"Carne Mirandesa"	
	Pura ou Cruzamentos com Mirandesa, Barrosã ou Maronesa		"Carne de Bovino Cruzado dos Lameiros do Barroso"
	Marinhua	"Carne Marinhua"	
	Mirandesa, Arouquesa ou seus cruzamentos		"Vitela de Lafões"
	Alentejana	"Carnalentejana"	
	Mertolenga	"Carne Mertolenga"	
Preta	"Carne da Charneca"		
<b>Ovina</b>	Cruzamentos de Churra e Bordaleira		"Cordeiro/Anho de Barroso"
	Churra Galega Bragançana	"Cordeiro Bragançano"	
	Churra da Terra Quente	"Borrego Terrincho"	
	Bordaleira Serra da Estrela	"Borrego Serra da Estrela"	
	Merina Branca Regional pura ou cruzada com raças melhoradoras		"Borrego do Nordeste Alentejano"
	Merina Branca Regional		"Borrego de Montemor-o-Novo"
	Merina, Campaniça e seus cruzamentos com raças do tronco Merino		"Borrego do Baixo Alentejo"
	Merina Beira Baixa/Churra do Campo/Churra Mondegueira		"Borrego da Beira"
<b>Caprina</b>	Serrana	"Cabrito Transmontano"	"Cabrito da Gralheira"
	Charnequeira/Serrana		"Cabrito da Beira"
	Serrana, Bravia e seus cruzamentos		"Cabrito de Barroso"
			"Cabrito das Terras Altas do Minho"
<b>Suína</b>	Bísara		"Salpicão de Vinhais"
	Bísara e cruzamentos		"Linguiça de Vinhais"
		"Presunto de Barrancos"	"Prod. do Barroso-Montalegre"
		"Carne de Porco Alentejano"	"Salsicharia de Portalegre"
	Alentejana		"Salsicharia de Estremoz e Borba"
		"Paio de Beja"	
		"Linguiça do Baixo Alentejo"	

Fonte: GPPAA

**Quadro 19- Sistemas de protecção associados a raças autóctones - Queijo e requeijão**

Espécie	Raça	DOP	IGP
Ovina	Churra da Terra Quente	"Queijo Terrincho"	
	Bordaleira Serra da Estrela	"Queijo Serra da Estrela"	
		"Requeijão Serra da Estrela"	
	Merinos Regionais	"Queijo de Nisa"	
Caprina	Serrana	"Queijo de Cabra Transmontano"	
Ovina/Caprina	Cruzadas Merinos Regionais/Charnequeira	"Queijo da Beira Baixa"	
	Ovinos com base nas raças Merino, Bordaleira e Saloia/Caprinos com base na raça Serpentina		"Queijo Mestiço de Tolosa"

Fonte: GPPAA

No entanto, e como referido no ponto 2.1. deste documento, também aqui as situações são muito diferentes de espécie para espécie, e mesmo dentro de cada espécie. Com efeito, a viabilidade deste acesso ao mercado através de produtos certificados está em grande parte limitada pelas próprias características das raças autóctones, existindo mesmo casos em que a falta de massa crítica resultante de uma reduzida dimensão de efectivos, número e idade dos criadores, efectivo médio reduzido, inviabiliza por si só essa possibilidade.

Mesmo com alguns casos considerados de sucesso, dentro da óptica das raças autóctones, verifica-se que a comercialização destes produtos certificados não vai além de cerca de 3% do volume total comercializado.

Se observarmos apenas o efectivo total de cada espécie, verificamos que, por exemplo, nos bovinos, em que o efectivo autóctone representa cerca de 30% do total nacional (aleitante), pode pensar-se haver margem de progressão para o mercado. No entanto, a dispersão deste efectivo pelas diferentes raças leva a que apenas algumas possam, pela sua dimensão e estrutura de produção, ser de facto competitivas. A título exemplificativo, pode ser referido que o efectivo aleitante da maioria das raças autóctones de bovinos é inferior à média de cabeças abatidas semanalmente em Portugal (cerca de 8.000).

Neste âmbito, pode afirmar-se que a evolução da utilização sustentável destes recursos genéticos, está directamente relacionada com os seguintes aspectos:

1) *exigências acrescidas dos consumidores quanto às garantias do produto animal:*

ainda que a produção massal de produtos alimentares continue a ser maioritária (com as indispensáveis garantias de segurança alimentar), é de crer que os nichos de mercado representados pelos produtos certificados possam continuar a crescer, já que a procura do mercado é cada vez maior.

2) *maior preocupação com aspectos qualitativos:*

em conjugação com o ponto anterior, há cada vez mais a noção de que a qualidade tem um preço, que merece ser pago quando haja garantias da genuinidade dos produtos colocados à disposição do consumidor.

3) *maior ênfase em questões de bem-estar animal:*

a aceitabilidade por parte do consumidor relativamente aos produtos animais passa, cada vez mais, pelo respeito integral dos princípios de bem-estar animal, ao longo de toda a cadeia de produção e transformação.

4) *preocupação com questões ambientais e desenvolvimento rural integrado:*

é hoje uma noção generalizada que o papel da produção animal vai muito para além da mera função produtiva, sendo cada vez mais valorizada a sua função essencial no desenvolvimento rural integrado, turismo rural, combate à desertificação, etc.; por outro lado há, cada vez mais, fortes restrições ao impacto ambiental negativo de alguns sistemas de produção animal, nomeadamente os de natureza mais intensiva.

5) *capacidade de resposta de cada raça às exigências do mercado:*

as actuais raças autóctones nacionais, apresentam situações muito diferentes quanto à possibilidade de enfrentar desafios de mercado, ou mesmo de assegurar uma utilização sustentável por essa via.

**d) *Fileira do porco alentejano***

A produção de porco Alentejano ressurgiu nos últimos anos, particularmente a partir da década de 1990, sendo uma área em que Portugal pode ter uma clara vantagem competitiva e um potencial de crescimento, pelo que se destaca a sua importância como exemplo para utilização sustentável.

As diferenças fundamentais entre o sistema de produção em Portugal e em Espanha são as seguintes:

- a área de montado em Espanha está praticamente "saturada", enquanto em Portugal ainda há margem para aumentar a produção
- o sistema espanhol aceita que os animais sejam, no mínimo, 50% Ibérico, sendo frequente o cruzamento com Duroc; o sistema português assenta fundamentalmente no uso de porcos alentejanos puros.
- a certificação em Espanha pressupõe o uso do perfil de ácidos gordos para garantir que a alimentação é à base de bolota; em Portugal isso não é feito.

Nesta fase, e tendo em consideração a oportunidade de crescimento que se apresenta à fileira do Porco Alentejano, importa considerar algumas actividades a promover para fomentar o desenvolvimento deste sub-sector, das quais se podem destacar as seguintes:

- Programa de selecção baseado na utilização de novas tecnologias e metodologias.
- Certificação dos animais que permita despistar animais "poluídos" geneticamente por introdução de outras raças na população de suínos Alentejanos;
- Certificação do sistema de produção para confirmação da inclusão de bolota na engorda dos animais, que permita detectar fraudes;
- Transformação de produtos;
- Combate ao uso abusivo da notoriedade deste produto por produtos não certificados;
- Informação e divulgação ao consumidor;
- Normalização da produção com critérios definidos e objectivos específicos.

A importância desta raça na produção de qualidade e sustentabilidade da utilização de recursos genéticos autóctones e desenvolvimento de territórios rurais levam a que a análise desta fileira justifique uma abordagem autónoma em documento próprio, complementar ao presente diagnóstico.

## 6. Bem-estar animal

São vários os domínios de exigências regulatórias técnicas impostas ao sector que decorrem de preocupações ligadas a motivações cívicas, ambientais, de defesa do consumidor, as quais introduzem novos custos no sector. Neste campo é de destacar as preocupações no domínio:

- *ambiente*, que se abordou no capítulo anterior,
- *segurança alimentar*, caso da identificação e registo animal, eliminação subprodutos e cadáveres, proibição de uso proteína animal, licenciamentos, registos de medicamentos...
- e o *Bem-estar Animal*

Neste ponto aborda-se, em particular, a questão do Bem-estar animal, a qual, a prazo será uma variável com crescente importância na limitação da actividade pecuária.

As normas mínimas de protecção dos animais nas explorações pecuárias/locais de criação decorrem de obrigações legislativas constantes no Decreto-Lei Nº. 64/2000, de 22 de Abril<sup>13</sup>. Tais princípios, incidem nas condições de alojamento, alimentação e cuidados apropriados às necessidades fisiológicas e etológicas dos animais de interesse pecuário, de acordo com a experiência prática e os conhecimentos científicos. Resultou da necessidade de se estabelecerem normas mínimas comuns relativas à protecção dos animais nas explorações

---

<sup>13</sup> Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva do Conselho Nº. 98/58/CE, de 20 de Julho.

pecuárias, de modo a não falsear as condições de concorrência, a permitir um desenvolvimento racional da produção e a facilitar a organização do comércio de animais.

Estas normas já se encontram em vigor desde meados de 2000, existindo vária legislação específica para as diferentes espécies animais com exigências progressivas no tempo. De uma forma geral, exceptuando o sector da avicultura, particularmente as galinhas poedeiras, não se prevêem perdas de rendimento na adaptação das explorações, sendo contudo necessário adaptações de instalações em muitas unidades produtivas. De uma forma muito resumida apontam-se uma avaliação para os vários sectores envolvidos:

*a) Normas de bem-estar dos bovinos nas explorações (vitelos)*

O Decreto-Lei Nº. 48/2001, de 10 de Fevereiro<sup>14</sup> estabelece as normas mínimas de protecção dos vitelos alojados para efeitos de criação e engorda. A sua aplicação total deverá ser efectiva a partir de 30 de Dezembro de 2006

A conclusão que, actualmente, se pode tirar é que é possível e viável, técnica e economicamente, a sua aplicabilidade na íntegra, em explorações novas ou já instaladas, sem ter de recorrer ao aumento da área coberta, sendo apenas, pontualmente, necessárias algumas alterações internas das infra-estruturas instaladas, não influenciando negativamente nos efectivos pecuários reprodutores já instalados.

Neste pressuposto não se prevê perda de rendimento com a introdução das novas medidas de bem-estar animal, apenas a necessidade de alguns investimentos de adaptação.

*b) Normas de bem-estar dos suínos nas explorações*

O Decreto-Lei Nº. 135/2003, de 28 de Junho<sup>15</sup>, estabelece as normas mínimas de protecção de suínos nos locais de criação e engorda. Para a sua concepção, foram avaliados vários sistemas de criação intensiva de suínos, da particular relevo ao bem-estar das porcas criadas em diferentes graus de confinamento e em grupo.

A sua entrada em vigor será faseada do seguinte modo:

- Os alojamentos novos ou reconstruídos (instalações novas ou que tenham sido remodeladas) a partir de 1 de Junho de 2003, já tinham que obedecer/cumprir as exigências constantes do anexo daquele diploma, do qual faz parte integrante.
- A partir de 1 de Janeiro de 2005, as celas destinadas a varrascos já tinham que obedecer ao disposto no ponto A do Capítulo II do anexo daquele diploma.

---

<sup>14</sup> Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva do Conselho Nº. 91/629/CEE, de 19 de Novembro.

<sup>15</sup> Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva do Conselho Nº. 2001/88/CE, de 23 de Outubro e a Directiva da Comissão Nº. 2001/93/CE, de 9 de Novembro.

- A partir de 1 de Janeiro de 2006, era proibida a utilização de amarras em porcas e marrãs.
- A partir de 1 de Janeiro de 2013, as disposições referidas naquele diploma serão aplicáveis a todas as explorações existentes

A conclusão que, actualmente, se pode tirar é semelhante à referente aos vitelos, ou seja, é possível e viável técnica e economicamente a sua aplicabilidade na íntegra, em explorações novas ou já instaladas, sem ter de recorrer ao aumento da área coberta, sendo apenas, pontualmente, necessárias algumas alterações internas das infra-estruturas instaladas, não influenciando negativamente nos efectivos pecuários reprodutores já instalados.

*c) Normas de bem-estar das aves nas explorações (galinhas poedeiras)*

O Decreto-Lei Nº. 72-F/2003, de 14 de Abril<sup>16</sup>, regulamenta o registo dos estabelecimentos de criação de galinhas poedeiras. Na sua preparação foram avaliados vários sistemas de produção de ovos, sendo especial objectivo garantir o bem-estar das galinhas poedeiras instaladas em baterias/gaiolas.

A sua entrada em vigor será faseada do seguinte modo:

- Os alojamentos novos, reconstruídos ou utilizados pela primeira vez, deveriam cumprir desde logo as exigências.
- A partir de 1 de Janeiro de 2007, são aplicadas as disposições a todos os alojamentos.
- Até 31 de Dezembro de 2011, quando a superfície utilizável corresponder à superfície disponível no solo, será permitida uma densidade de 12 aves/m<sup>2</sup> de superfície disponível em estabelecimentos que aplicassem este sistema à data de 3 de Agosto de 1999.

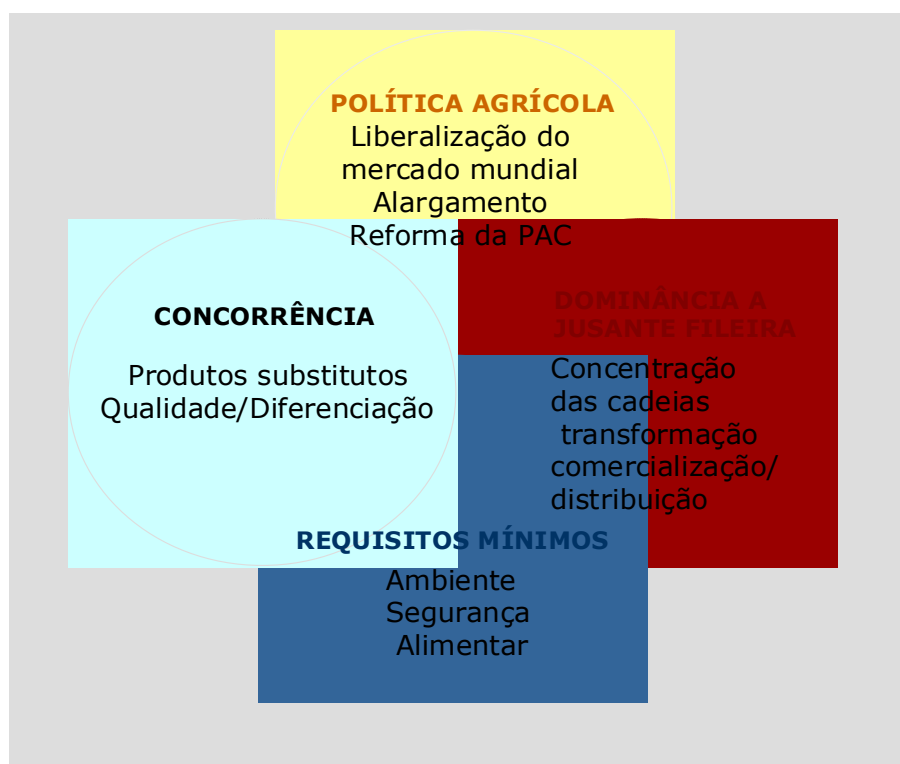
A conclusão que, actualmente, se pode retirar é que não é possível e viável técnica e economicamente a sua aplicabilidade na íntegra em explorações já instaladas, sem ter de recorrer ao aumento da área coberta para a mesma produção, obrigando a grandes alterações internas quer dos equipamentos, quer das infra-estruturas e que influi negativamente nos efectivos pecuários reprodutores já instalados. Este sector é o mais afectado pelas necessárias adaptações aos novos normativos podendo-se, desde já avançar as seguintes estimativas:

- Haverá uma diminuição de rendimento em termos de superfície (cerca de 10 a 15%) com a introdução das novas medidas de bem-estar animal. Quanto à produção de ovos, calcula-se que ocorra uma diminuição de cerca de 25 a 30 %. Esta redução da produção de ovos prende-se essencialmente com duas situações: em primeiro lugar como acréscimo significativo dos custos de produção de ovos de gaiola, associado aos elevados

custos de investimento na adaptação das infra-estruturas e ao decréscimo de receitas; em segundo lugar, ao que acontecerá no sector, situado a jusante da produção com a redução das condições (preço e qualidade) de abastecimento das indústrias de ovoprodutos.

## 7. Avaliação sumária global

Os principais domínios de influência que actuam sobre o sector da carne residem não só em questões intrínsecas à actividade produtiva, mas também, e cada vez com maior preponderância a factores exógenos de carácter transversal natureza político-regulatória, os quais se podem apresentar graficamente do seguinte modo:



Tendo em conta estes domínios, que foram sendo analisados ao longo do documento, nos próximos pontos é efectuada uma avaliação qualitativa quanto às condicionantes e oportunidades que se apresentam ao sector.

<sup>16</sup> Transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva do Conselho Nº. 1999/74/CE, de 19 de Julho, relativa à protecção das galinhas e a Directiva do Conselho Nº. 2002/4/CE, de 30 de Janeiro.

### **7.1. Pontos Fracos/Ameaças**

Existem dois grandes factores de pressão sobre o sector da carne em geral, um de características conjunturais, que está relacionado com crises sanitárias e de confiança do consumidor, como a actual situação resultante da gripe aviária, cujos efeitos são imprevisíveis sobre o nível de repercussão no mercado, e outro de natureza mais estrutural que se prende com normas exigentes nos domínios ambientais, segurança alimentar e de bem-estar animal, as quais virão a acarretar custos e perdas de rendimento para os produtores.

As características de cada sub-sector levam a que os problemas respectivos sejam também diferentes entre si, no entanto, podem ser apontados alguns aspectos que afectam todo o sector da produção de carne em Portugal, e alguns específicos dos sub-sectores, tais como:

- Sector muito exposto à concorrência externa, com tendência para acentuar em consequência da redução de protecção de fronteira;
- Reduzido grau de integração/organização nos sub-sectores/fileiras (à excepção da avicultura), quer ao nível empresarial, quer ao nível institucional;
- Elevados custos de produção associados à alimentação animal no caso da produção intensiva, e dependência de factores ambientais/climáticos no caso da alimentação forrageira nos regimes extensivos;
- Aumento dos custos de produção das explorações por exigências nos domínios ambientais, segurança alimentar e de bem-estar animal (particularmente no sector da produção de ovos);
- Entraves administrativos e de implantação regional/geográfica ao crescimento da produção pecuária intensiva;
- Dependência de algumas áreas de Portugal Continental (interior sul e zonas de montanha a norte) da actividade pecuária, como a mais importante no sector agrícola, associadas a sectores com risco de regressão (caso da ovinicultura) ou já em regressão efectiva (caso da caprinicultura);
- Vulnerabilidade a crises de confiança do consumidor resultantes de problemas sanitários;
- Baixo peso de produções diferenciadas e de produção em regimes de qualidade no volume total de produção comercializado;
- Grau de participação da indústria na fileira muito reduzido, não funcionando efectivamente como agente aglutinador e promotor junto do comércio, mas apenas como prestador de serviços (carnes de bovino, suíno, ovino e caprino);
- Exposição elevada das empresas de maior dimensão à aquisição por concorrentes externos;
- Concentração do comércio na grande distribuição como óbice ao escoamento da produção nacional.

## **7.2. Pontos Fortes/Oportunidades**

Relativamente às oportunidades deste sector, é de salientar que o baixo grau de auto-provisionamento evidenciado pelo sector da carne em Portugal, permite perspectivar uma margem de crescimento através da substituição de importações, tendo em conta o posicionamento periférico do nosso mercado. Para que tal se possa verificar é necessário que se promova um reforço da competitividade da fileira, que se inicia nas explorações pecuárias e abrange todos os restantes actores, e que está dependente de aumentos de escala e redução de custos de produção, associada a valorização da produção interna, que pode passar pela diferenciação no mercado.

- Margem potencial de crescimento da produção nacional face ao elevado déficit da balança comercial;
- Preferência do consumidor por produto nacional;
- Perspectivas de abastecimento de alimentos a preços mais baratos (PAC e OMC);
- Dinâmica sectorial em curso (reconversão, novos direitos, robustecimento da dimensão das explorações);
- Evolução positiva de entendimentos institucionais no seio de alguns sectores entre os segmentos da fileira;
- Maior possibilidade de diferenciação e aumento da qualidade (extensificação, regras mais exigentes bem-estar animal, segurança alimentar);
- Produção leiteira como alternativa para amparar a regressão de alguns sectores (caso particular da ovinicultura e caprinicultura);
- Prestação de serviços ambientais ao nível da produção extensiva (ocupação/ordenamento territorial) e da produção intensiva (sistemas de tratamento potenciadores de redução de emissões de CO<sub>2</sub>).

Para ir de encontro a esse objectivo, é necessário intervir estrategicamente ao nível dos problemas que estão associados à produção de carne, criando as condições que permitam assegurar uma concorrência com os produtos provenientes do exterior, nomeadamente ao nível dos seguintes vectores:

- Integração das fileiras e concentração da oferta;
- Redução dos custos de produção e incremento da produtividade;
- Reestruturação/requalificação das explorações face a normas exigentes;
- Inovação e introdução de tecnologias;
- Diferenciação e valorização de mercado.
- Promoção e informação ao consumidor;

Por último, é importante salientar a gestão dos recursos genéticos animais, pelo papel que pode desempenhar na actividade pecuária, e pelo carácter transversal que apresenta no

âmbito dos vectores estratégicos atrás referidos. A actuação a este nível deve compreender, por um lado a protecção da biodiversidade, através da conservação do património genético ameaçado de extinção (raças autóctones), e por outro a vertente de caracterização e melhoramento dos recursos genéticos que contribuam para o incremento das capacidades produtivas.

## **Anexo**



**Quadro A 1 – Efectivo Bovino Total por classe de dimensão 1993-2005**

Bovinos Total Classes de Efectivo	1993		1995		1997		1999		2001		2003		2005	
	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais
1 a 2	84,0	134,6	70,4	108,9	60,3	97,9	42,5	64,7	32,7	46,2	31,8	45,7	30,7	31,3
3 a 4	42,0	157,1	37,2	132,9	32,2	122,0	20,3	72,5	17,6	56,7	17,1	56,1	15,2	46,2
5 a 9	36,0	233,6	38,1	234,3	30,1	198,3	15,8	106,6	14,0	85,9	13,7	85,0	13,6	67,8
10 a 14	10,0	114,2	10,8	116,8	9,2	107,8	5,8	71,1	5,5	59,2	5,4	56,6	5,0	51,6
15 a 19	5,0	76,5	5,2	75,9	4,7	74,4	3,4	59,7	3,6	55,4	3,5	54,8	2,8	41,2
20 a 29	5,0	114,2	5,2	112,8	4,9	114,3	4,1	101,6	3,8	84,6	3,7	83,7	4,1	87,8
30 a 39	2,0	60,2	2,1	68,8	1,8	65,4	2,6	89,5	2,3	72,3	2,3	71,6	2,5	75,1
40 a 49	1,1	49,0	1,1	58,7	1,2	58,7	1,6	76,7	1,7	89,4	1,7	89,4	1,7	70,1
50 a 59	0,9	47,9	1,0	52,5	1,1	64,2	1,2	66,2	1,2	60,6	1,2	59,9	1,3	65,8
60 a 99	1,0	87,7	1,1	98,5	1,2	107,2	2,4	194,7	2,5	173,4	2,4	171,5	3,1	186,0
100 a 199	1,0	119,3	1,3	143,8	1,4	170,3	1,6	223,1	1,9	235,4	1,8	232,8	2,5	253,5
200 a 299	0,2	49,0	0,2	54,8	0,3	60,2	0,4	96,6	0,6	133,6	0,6	132,1	0,6	137,0
300 ou mais	0,2	105,1	0,2	135,7	0,2	145,8	0,3	196,1	0,5	270,7	0,5	267,7	1,0	327,4
<b>Total</b>	<b>186,4</b>	<b>1.348,4</b>	<b>173,7</b>	<b>1.386,4</b>	<b>148,6</b>	<b>1.386,4</b>	<b>102,2</b>	<b>1.421,2</b>	<b>88,0</b>	<b>1.404,2</b>	<b>85,8</b>	<b>1.386,6</b>	<b>83,8</b>	<b>1.440,8</b>

Fonte: INE

**Quadro A 2 – Efectivo Vacas Aleitantes por classe de dimensão 1993-2005**

Vacas Aleitantes Classes de Efectivo	1993		1995		1997		1999		2001		2003		2005	
	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais
1 a 2	33,0	49,3	50,1	50,1	43,4	42,3	26,5	42,3	24,6	34,5	21,8	30,3	18,0	22,2
3 a 4	10,0	30,0	8,8	34,5	34,2	25,1	6,8	25,1	6,3	21,1	6,7	21,5	4,9	17,9
5 a 9	4,0	22,5	4,4	26,1	29,9	27,3	3,9	27,3	3,7	23,2	3,4	19,3	4,2	24,8
10 a 14	1,0	9,6	1,1	13,2	15,8	15,3	1,2	15,3	1,0	11,9	1,0	11,1	1,6	17,0
15 a 19	0,3	5,4	0,3	5,5	7,4	10,4	0,6	10,4	0,6	10,6	0,8	11,8	0,7	10,6
20 a 29	0,4	9,6	0,5	10,7	14,4	17,1	0,7	17,1	0,8	18,3	0,6	12,9	0,8	19,0
30 a 39	0,2	7,5	0,3	10,8	13,6	16,1	0,4	16,1	0,4	13,2	0,4	13,4	0,6	18,3
40 a 49	0,3	12,9	0,3	14,2	16,1	12,5	0,3	12,5	0,3	12,3	0,4	16,6	0,4	15,4
50 a 59	0,3	12,9	0,3	15,9	17,2	13,2	0,2	13,2	0,1	6,1	0,2	10,1	0,3	12,9
60 a 99	0,4	31,1	0,4	31,1	33,8	43,1	0,5	43,1	0,6	49,0	0,6	42,8	0,7	48,4
100 ou mais	0,4	85,3	0,5	83,1	104,2	119,8	0,6	119,8	0,8	151,3	1,0	181,0	1,1	195,4
<b>Total</b>	<b>50,2</b>	<b>256,0</b>	<b>53,1</b>	<b>295,0</b>	<b>330,0</b>	<b>342,1</b>	<b>41,8</b>	<b>342,1</b>	<b>39,3</b>	<b>351,5</b>	<b>37,0</b>	<b>371,0</b>	<b>33,2</b>	<b>402,3</b>

Fonte: INE

Quadro A 3 – Effectivo ovino por classe de dimensão 1993-2005

Ovinos Total Classes de Effectivo	1993		1995		1997		1999		2001		2003		2005	
	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais
1 a 9	68,8	301,6	46,9	278,6	40,8	250,5	213,7	29,4	114,1	24,9	96,3	26,9	178,9	
10 a 19	11,1	167,0	11,3	174,1	10,6	161,3	111,9	10,5	117,3	10,3	111,9	11,0	208,1	
20 a 49	7,9	277,3	8,3	278,6	7,7	284,3	315,8	8,2	315,8	9,5	248,2	7,8	317,5	
50 a 99	4,6	368,4	4,4	400,4	4,1	384,4	381,7	4,3	318,0	5,5	328,0	4,2	312,3	
100 a 199	3,8	551,6	3,4	598,9	3,5	624,6	615,5	3,5	565,2	4,6	505,5	3,2	604,7	
200 a 499	2,2	763,1	2,2	835,7	2,1	788,4	840,0	2,2	860,9	3,3	905,0	2,7	937,4	
500 ou mais	1,6	916,0	1,0	915,8	1,0	957,5	1,015,7	0,9	1,235,5	1,7	1,152,5	1,3	1,023,8	
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>3.345,0</b>	<b>77,5</b>	<b>3.482,0</b>	<b>69,8</b>	<b>3.432,0</b>	<b>3.583,7</b>	<b>71,2</b>	<b>3.459,4</b>	<b>64,5</b>	<b>3.355,6</b>	<b>57,1</b>	<b>3.582,7</b>	

Quadro A 4– Effectivo caprino por classe de dimensão 1993-2005

Caprinos Total Classes de Effectivo	1993		1995		1997		1999		2001		2003		2005	
	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais
1 a 9	73,9	217,7	56,8	201,9	48,9	179,4	167,8	45,9	37,4	129,5	33,2	125,9	30,3	126,0
10 a 19	5,3	70,2	5,0	71,2	4,7	68,8	68,0	4,5	5,5	71,2	4,0	53,9	3,6	63,7
20 a 49	3,1	98,9	2,5	89,2	2,5	86,8	83,7	2,4	2,9	85,0	2,7	79,8	2,5	89,4
50 a 99	2,0	144,8	2,0	137,3	1,7	122,9	122,9	1,2	1,1	76,2	1,0	70,3	1,1	60,4
100 a 499	1,0	181,3	1,0	190,8	1,0	201,0	197,5	1,0	1,0	174,2	0,9	155,3	1,0	197,3
500 ou mais	0,0	12,1	0,0	13,5	0,0	13,9	16,6	0,0	0,0	25,1	0,0	16,7	0,0	14,6
<b>Total</b>	<b>85,3</b>	<b>725,0</b>	<b>67,3</b>	<b>704,0</b>	<b>56,8</b>	<b>673,0</b>	<b>629,7</b>	<b>55,0</b>	<b>47,9</b>	<b>561,1</b>	<b>41,9</b>	<b>501,9</b>	<b>38,5</b>	<b>551,3</b>

Quadro A 5 – Effectivo suíno por classe de dimensão 1993-2005

Suínos Total Classes de Effectivo	1993		1995		1997		1999		2001		2003		2005	
	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais	Explorações	Animais
1 a 2	92,0	137,3	91,0	132,2	82,6	119,1	195,7	90,6	77,5	82,4	70,8	77,6	66,8	110,2
3 a 9	35,6	156,5	30,6	148,5	29,3	135,6	119,2	27,9	27,1	85,1	24,8	80,2	20,5	89,1
10 a 19	9,4	122,1	7,5	119,3	7,9	120,5	71,7	5,3	7,6	74,3	6,9	69,9	5,7	60,4
20 a 49	6,7	217,0	5,6	170,3	6,2	174,7	75,4	2,5	4,3	92,1	3,9	86,7	2,7	59,8
50 a 99	2,2	156,5	1,1	104,5	1,1	104,6	72,9	1,0	1,1	99,6	1,0	95,1	1,0	53,7
100 a 199	2,1	299,8	1,9	260,9	1,6	223,9	113,1	0,8	1,1	115,1	1,0	108,4	0,7	84,7
200 a 399	0,9	214,0	0,8	227,9	0,8	227,9	149,0	0,5	0,7	120,9	0,5	113,9	0,5	115,2
400 a 999	0,5	275,6	0,5	224,1	0,5	224,6	297,7	0,5	0,7	313,9	0,6	295,5	0,6	279,6
1.000 ou mais	0,4	1111,3	0,5	1042,2	0,5	1063,1	1315,1	0,5	0,7	1445,6	0,6	1360,9	0,7	1491,5
<b>Total</b>	<b>149,8</b>	<b>2690,0</b>	<b>139,3</b>	<b>2430,0</b>	<b>130,3</b>	<b>2394,0</b>	<b>2349,8</b>	<b>129,6</b>	<b>120,6</b>	<b>2389,0</b>	<b>110,3</b>	<b>2249,1</b>	<b>99,2</b>	<b>2344,1</b>

Fonte: INE

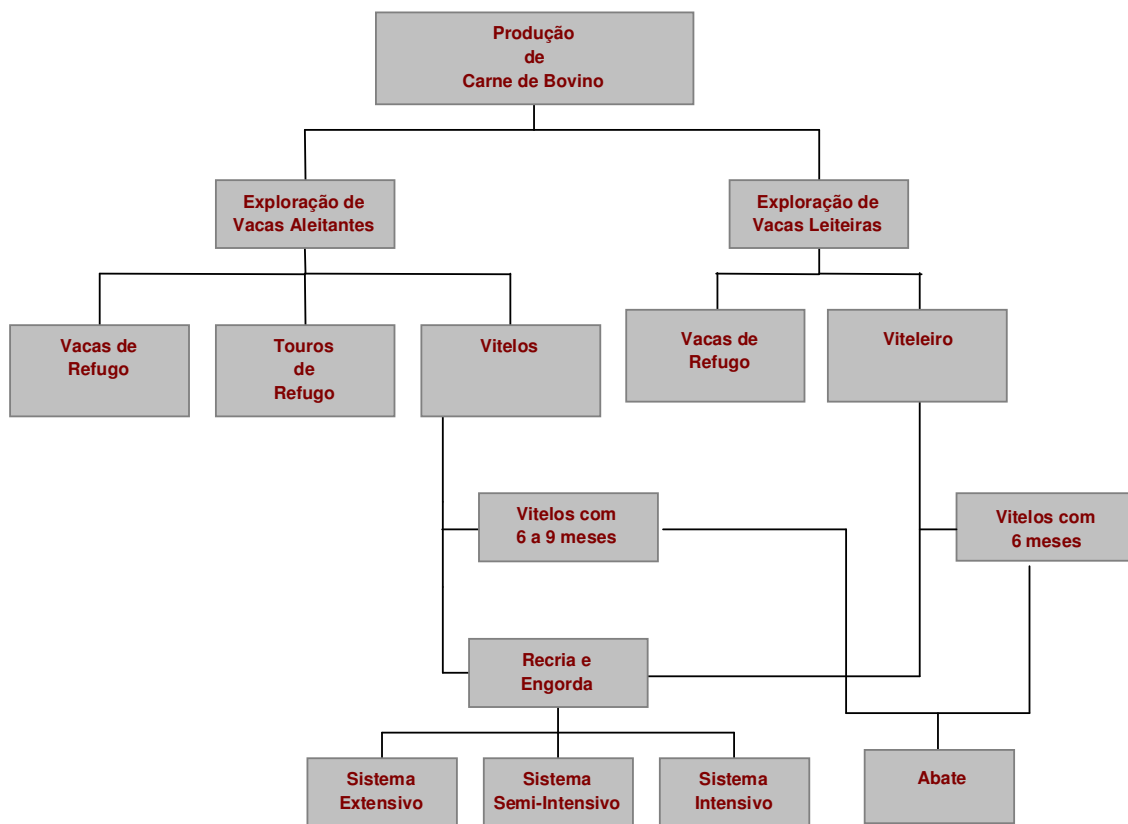
**Figura A 1 - Estrutura de produção – Sector carne de bovino**

Figura A 2 - Fileira da carne de bovino

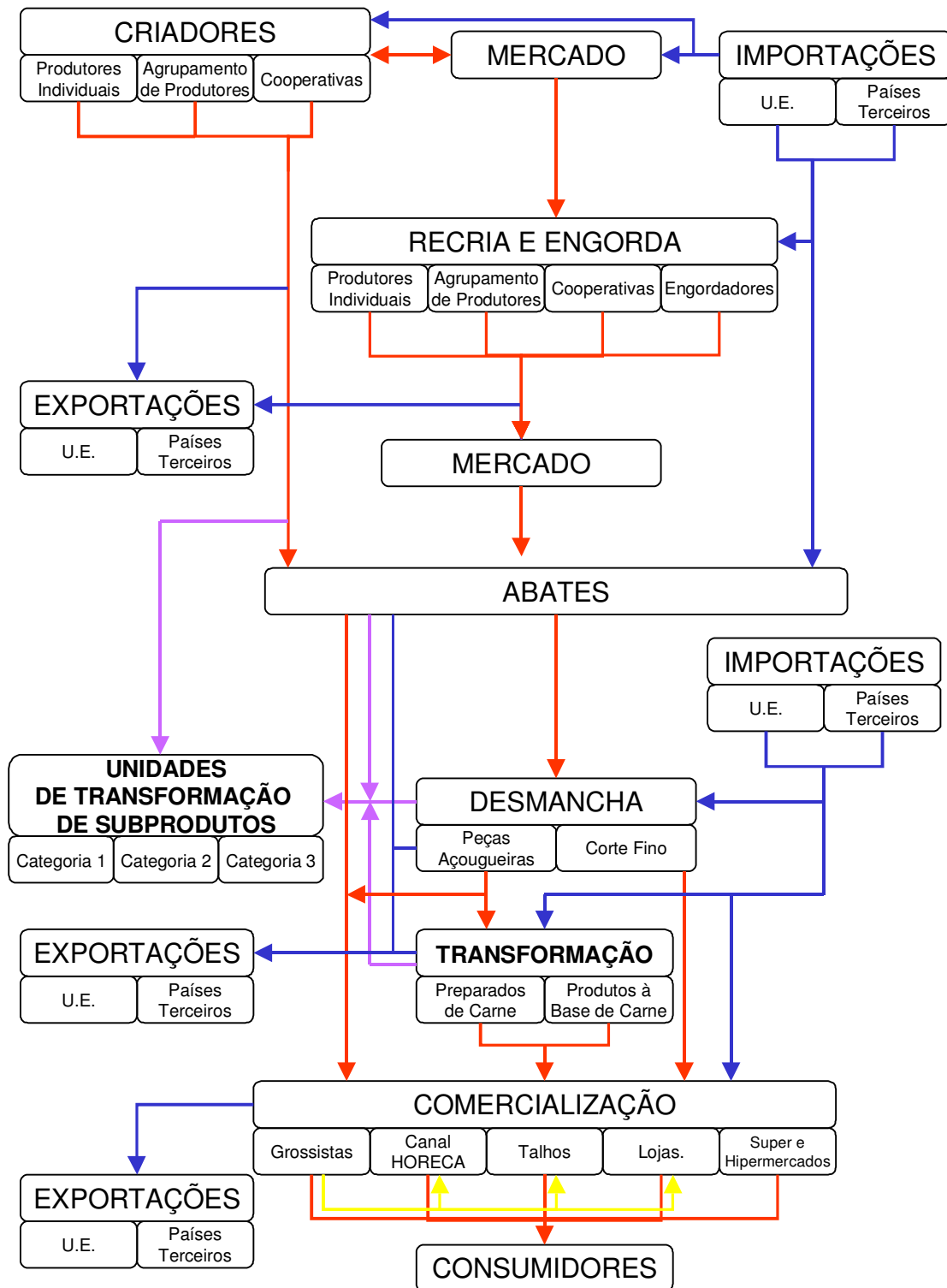


Figura A 3 - Fileira da carne de porco

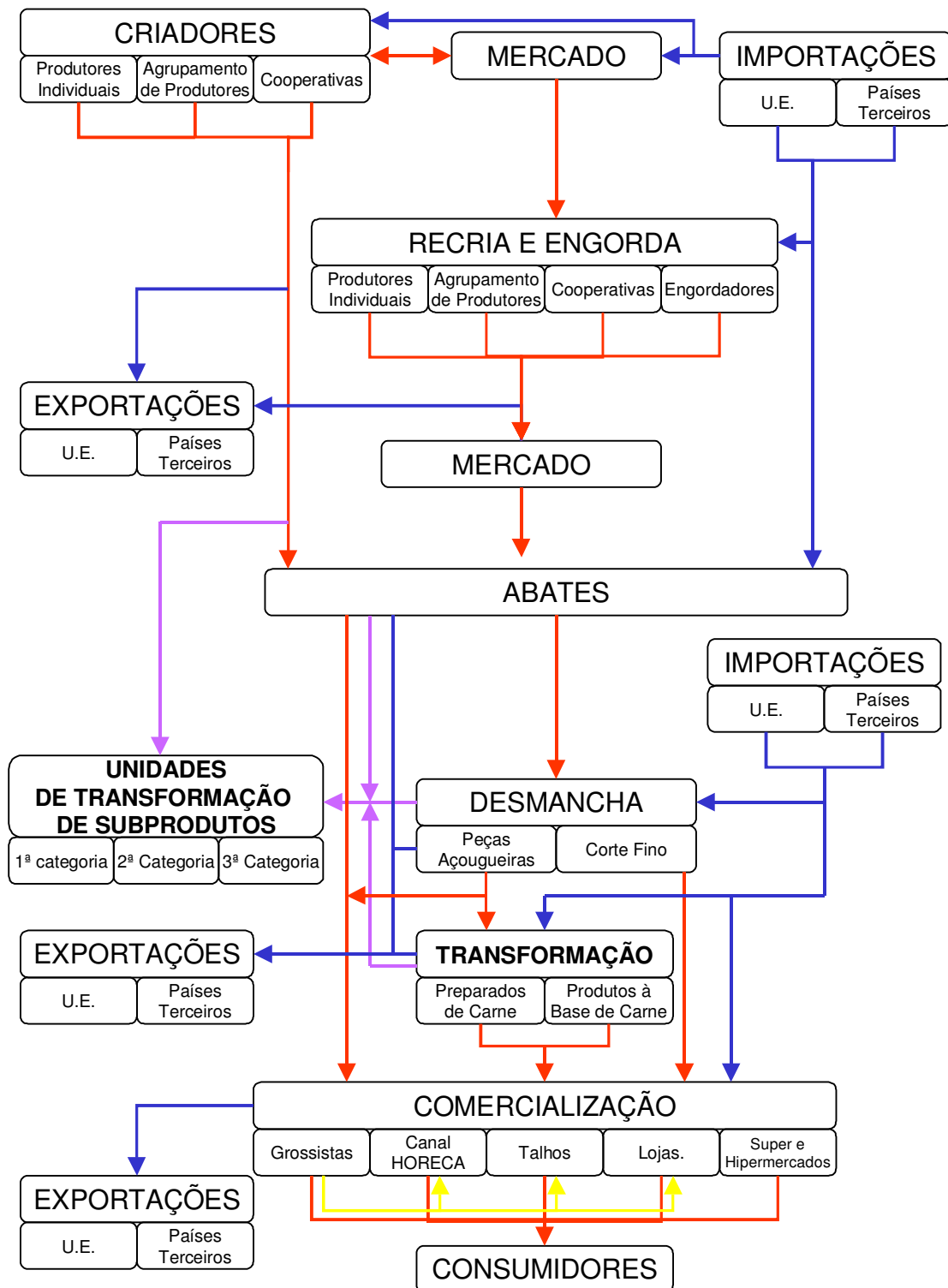


Figura A 4 - Fileira de ovos

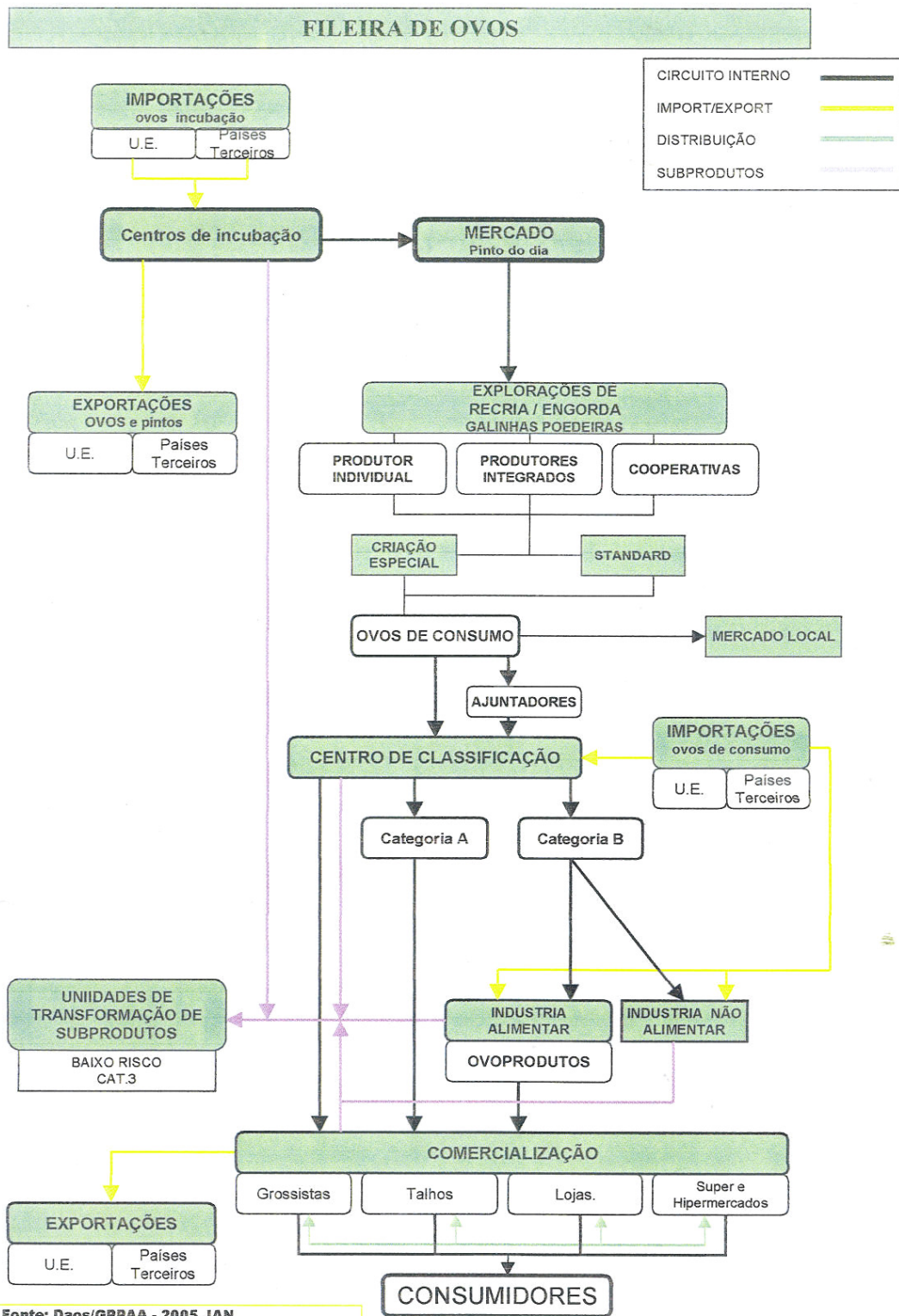
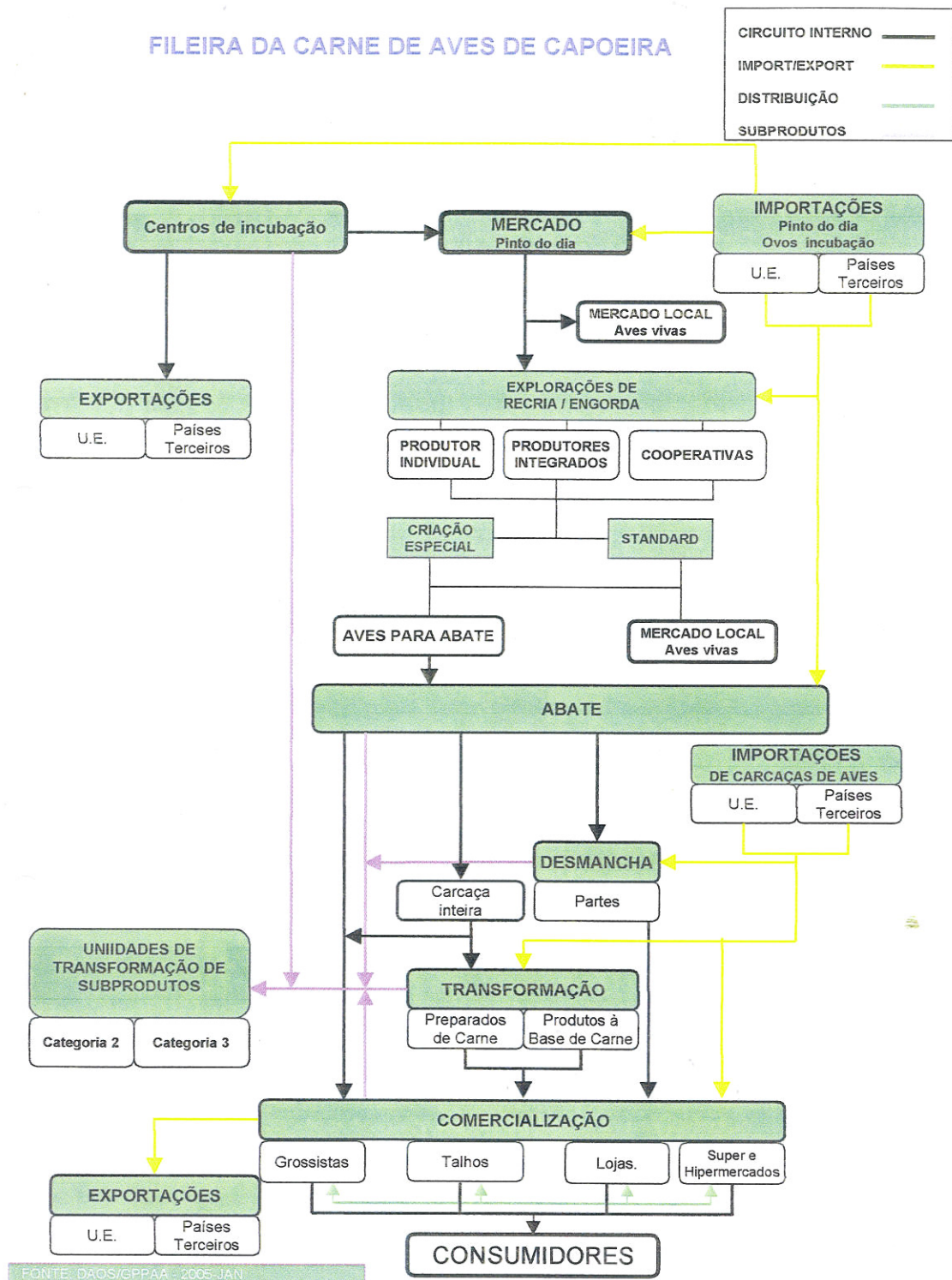


Figura A 5 - Fileira da carne de aves de capoeira



Quadro A 6 - Comércio Internacional - Bovinos

Bovinos		Entradas		Saídas	
Ano	Produto	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)
2000	Animais Vivos	5.579	14.112	655	846
	Carne	67.560	235.608	134	583
	<b>Total</b>	<b>73.139</b>	<b>249.720</b>	<b>789</b>	<b>1.430</b>
2001	Animais Vivos	4.263	10.538	4	10
	Carne	46.387	150.992	38	176
	<b>Total</b>	<b>50.650</b>	<b>161.530</b>	<b>42</b>	<b>186</b>
2002	Animais Vivos	6.224	13.993	18	55
	Carne	61.118	209.672	193	638
	<b>Total</b>	<b>67.342</b>	<b>223.666</b>	<b>211</b>	<b>692</b>
2003	Animais Vivos	6.337	14.405	405	540
	Carne	71.782	242.917	393	904
	<b>Total</b>	<b>78.119</b>	<b>257.322</b>	<b>798</b>	<b>1.444</b>
2004	Animais Vivos	5.685	13.097	492	928
	Carne	70.111	251.957	266	838
	<b>Total</b>	<b>75.795</b>	<b>265.054</b>	<b>758</b>	<b>1.766</b>
2005	Animais Vivos	3.537	9.045	3.308	4.846
	Carne	60.956	219.762	1.013	2.716
	<b>Total</b>	<b>64.493</b>	<b>228.808</b>	<b>4.321</b>	<b>7.562</b>

Fonte: INE

Quadro A 7 - Comércio Internacional - Ovinos e caprinos

Ovinos e Caprinos		Entradas		Saídas	
Ano	Produto	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)
2000	Animais Vivos	2.076	3.893	571	1.352
	Carne	11.215	33.002	91	497
	<b>Total</b>	<b>13.291</b>	<b>36.895</b>	<b>662</b>	<b>1.848</b>
2001	Animais Vivos	1.310	2.368	511	2.045
	Carne	11.146	35.860	93	480
	<b>Total</b>	<b>12.456</b>	<b>38.228</b>	<b>604</b>	<b>2.525</b>
2002	Animais Vivos	1.831	3.948	356	1.497
	Carne	8.689	29.141	307	1.174
	<b>Total</b>	<b>10.520</b>	<b>33.089</b>	<b>663</b>	<b>2.671</b>
2003	Animais Vivos	1.513	3.896	371	1.314
	Carne	8.994	32.508	44	163
	<b>Total</b>	<b>10.507</b>	<b>36.404</b>	<b>414</b>	<b>1.477</b>
2004	Animais Vivos	1.499	3.657	603	2.516
	Carne	7.219	25.287	83	310
	<b>Total</b>	<b>8.719</b>	<b>28.944</b>	<b>686</b>	<b>2.826</b>
2005	Animais Vivos	463	1.122	590	2.218
	Carne	8.082	27.648	124	413
	<b>Total</b>	<b>8.545</b>	<b>28.770</b>	<b>714</b>	<b>2.631</b>

Fonte: INE

**Quadro A 8 - Comércio Internacional - Suínos**

<b>Suínos</b>		<b>Entradas</b>		<b>Saídas</b>	
Ano	Produto	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)
2000	<b>Animais Vivos</b>	83.505	94.947	3.079	3.366
	<b>Carne</b>	95.605	163.293	5.312	6.463
	<b>Total</b>	<b>179.109</b>	<b>258.240</b>	<b>8.391</b>	<b>9.830</b>
2001	<b>Animais Vivos</b>	73.507	101.550	4.408	6.005
	<b>Carne</b>	113.202	231.902	3.176	5.877
	<b>Total</b>	<b>186.709</b>	<b>333.452</b>	<b>7.584</b>	<b>11.882</b>
2002	<b>Animais Vivos</b>	85.485	94.108	4.487	4.072
	<b>Carne</b>	108.365	179.792	2.911	6.007
	<b>Total</b>	<b>193.850</b>	<b>273.900</b>	<b>7.398</b>	<b>10.079</b>
2003	<b>Animais Vivos</b>	77.664	80.462	7.488	6.598
	<b>Carne</b>	107.437	168.968	2.844	6.447
	<b>Total</b>	<b>185.101</b>	<b>249.430</b>	<b>10.332</b>	<b>13.045</b>
2004	<b>Animais Vivos</b>	74.996	83.302	8.594	10.361
	<b>Carne</b>	110.261	190.563	3.553	7.289
	<b>Total</b>	<b>185.257</b>	<b>273.865</b>	<b>12.147</b>	<b>17.650</b>
2005	<b>Animais Vivos</b>	75.716	85.373	7.522	8.612
	<b>Carne</b>	104.247	196.235	2.765	6.089
	<b>Total</b>	<b>179.963</b>	<b>281.608</b>	<b>10.287</b>	<b>14.701</b>

Fonte: INE

Quadro A 9 - Comércio Internacional - Aves

Aves		Entradas		Saídas	
Ano	Produto	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)	Quantidade (toneladas)	Valor (1000 EUR)
2000	Animais Vivos	1.130	10.810	1.689	3.762
	Carne	16.155	24.874	1.757	2.039
	<b>Total</b>	<b>17.285</b>	<b>35.684</b>	<b>3.446</b>	<b>5.801</b>
2001	Animais Vivos	1.680	11.739	3.132	5.955
	Carne	17.056	28.321	1.850	2.204
	<b>Total</b>	<b>18.736</b>	<b>40.061</b>	<b>4.983</b>	<b>8.159</b>
2002	Animais Vivos	2.005	11.326	4.234	7.620
	Carne	14.098	21.376	2.776	3.429
	<b>Total</b>	<b>16.103</b>	<b>32.701</b>	<b>7.009</b>	<b>11.049</b>
2003	Animais Vivos	2.887	11.916	1.956	7.707
	Carne	16.491	27.287	3.034	3.473
	<b>Total</b>	<b>19.378</b>	<b>39.203</b>	<b>4.991</b>	<b>11.180</b>
2004	Animais Vivos	2.223	10.562	3.321	7.720
	Carne	19.550	33.499	3.749	4.107
	<b>Total</b>	<b>21.773</b>	<b>44.061</b>	<b>7.070</b>	<b>11.826</b>
2005	Animais Vivos	1.877	11.012	4.445	10.197
	Carne	21.645	38.902	3.330	3.531
	<b>Total</b>	<b>23.521</b>	<b>49.915</b>	<b>7.776</b>	<b>13.728</b>

Fonte: INE

### Quadro A 10 - Apoio Directo e ao Investimento no sector animal - produção e transformação 2000-2005

#### CARNE, OVOS E MEL

##### AGRO

##### Medida 2 - Transformação e Comercialização de Produtos Agrícolas 2001-2005

Abate e Corte de animais e Transformação de carne	Total	Norte	Centro	LVT	Alentejo	Algarve
<b>Projectos Aprovados</b>	<b>84</b>	15	26	17	24	2
<b>Investimento (mil €)</b>	<b>143.988</b>					
- Novas unidades	34.836					
- Reestruturação	337					
- Modernização e Racionalização	87.708					
- Transfer. Local.	19.751					
- Outros	1.358					

Fonte: GPPAA, a partir dos relatórios anuais de execução do AGRO, de 2001 a 2005

##### FEOGA-Garantia

##### BOVINOS 2000-2005

Despesa (milhões de €)	Total	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005
<b>Total</b>	<b>890,3</b>	85,3	125,9	141,5	167,4	178,8	191,4
- Prémios à Vaca Aleitante	366,0	45,0	50,1	56,7	66,5	70,0	77,7
- Prémios Específicos	191,0	21,7	27,4	31,9	34,6	36,8	38,6
- Prémios ao Abate	108,8	1,2	4,3	17,0	27,8	29,5	29,0
- Prémios à Extensificação	182,8	14,8	28,5	30,2	33,5	36,2	39,6
- Pagamentos Suplementares	24,0	0,0	2,0	3,9	5,8	6,1	6,2
- Outras Intervenções	17,7	2,6	13,6	1,8	-0,8	0,2	0,3

Fonte: GPPAA, a partir dos relatórios financeiros relativos ao FEOGA (Comissão Europeia)

##### FEOGA-Garantia

##### OVINOS E CAPRINOS 2000-2005

Despesa (milhões de €)	Total	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005
<b>Total</b>	<b>301,6</b>	59,8	48,2	12,5	84,7	35,3	61,1
- Prémios à Ovelha e à Cabra	222,8	45,5	34,9	11,0	63,7	23,4	44,3
- Prémios à Ovelha e à Cabra de zonas desfavorecidas e de montanha	73,6	14,8	13,6	1,7	19,0	9,9	14,6
- Pagamentos Suplementares	6,6	0,0	0,0	0,0	2,2	2,2	2,2
- Outras Intervenções	-1,4	-0,5	-0,3	-0,2	-0,2	-0,2	0,0

Fonte: GPPAA, a partir dos relatórios financeiros relativos ao FEOGA (Comissão Europeia)

##### FEOGA-Garantia

##### SUÍNOS, AVES E OVOS 2000-2005

Despesa (milhões de €)	Total	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005
<b>Total</b>	<b>10,5</b>	2,5	1,5	1,6	1,4	1,6	1,9
- Restituições - Suínos	9,9	2,3	1,4	1,5	1,3	1,6	1,8
- Restituições - Aves e Ovos	0,6	0,2	0,1	0,1	0,1	0,0	0,1

Fonte: GPPAA, a partir dos relatórios financeiros relativos ao FEOGA (Comissão Europeia)

##### FEOGA-Garantia

##### MEL 2000-2005

Despesa (milhões de €)	Total	2.000	2.001	2.002	2.003	2.004	2.005
<b>- Ajudas à Apicultura</b>	<b>5,1</b>	0,9	1,1	0,1	1,0	1,0	1,0

Fonte: GPPAA, a partir dos relatórios financeiros relativos ao FEOGA (Comissão Europeia)